

REDAÇÃO

Redação

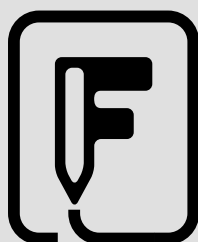
AUTOR
Felipe Pereira Cunha

CAPA:
Humberto Nunes

DIAGRAMAÇÃO:
Cristiano Marques

IMPRESSÃO:
Cópia Sul

DIREITOS RESERVADOS:
© Felipe Pereira



PROF.
FELIPE PEREIRA

Desperte o bom texto que há em você

MISSÃO

Despertar o Texto que nos habita. Ordenar o pensamento e, assim, desenvolver a escrita. O Texto como conjunto de palavras anterior à frase, externo a ela. Escrever com segurança, saber o que não escrever, ouvir os silêncios do discurso, guiar sua própria linguagem, na condução mágica daquilo que se pensa em harmonia com aquilo que se escreve. Perceber o rumor da língua, que quase não se escuta, mas que nos constitui.

O Texto nasce na gente e depois vai para o papel.

A escrita é mental, porém é também mecânica. **Disciplina.** Somos um País sem o hábito de escrever; escrevemos pouco, temos vergonha dos nossos Textos. Por isso, cada frase bem escrita muda um pouco a história de todos nós. Escrever é um ato que exige prática e paciência, mas que nos gera benefícios eternos.

Segundo o Indicador de Analfabetismo Funcional (Inaf), atualizado em 2018, **três** em cada **dez** adultos e jovens entre 15 e 64 anos são considerados analfabetos funcionais, o que equivale a quase 30% do total. São 38 milhões de pessoas que não conseguem escrever nem entender um Texto.

Escrever bem é uma forma de libertação: uma libertação autêntica, que é a humanização em processo, isso não é algo que possa ser depositado nas pessoas. Não é uma palavra a mais, oca, mítica. É práxis, que implica a ação e a reflexão sobre o mundo para transformá-lo.

Escrever é uma forma de sentir-se digno de ser ouvido.

Escrever é desprender-se de si e conectar-se à Linguagem.

Escrever é uma forma de vir a ser.

Escrever é eternizar-se.

1. PRINCÍPIOS BÁSICOS DO TEXTO ARGUMENTATIVO

A tríade **tema-opinião-argumento** representa os fundamentos de todos os textos que se proponham argumentativos. **Entender o tema** é uma habilidade primária, tão fundamental que, na totalidade dos concursos públicos brasileiros, funciona como erro eliminatório. **Definir uma opinião** acerca do tema já consiste em uma habilidade mais complexa e coloca as redações em um nível de competição mais elevado. Por fim, **comprovar com argumentos** a opinião acerca do tema é a habilidade que leva as redações às notas máximas. Vale ressaltar que cada uma dessas três etapas só funciona em conjunto; isoladamente, não formam bons textos e não geram boas notas.

**Entenda o tema; aceite.
Escolha a opinião; defina.
Defenda sua ideia; comprove.**

1.1 A estrutura lógica gera a estrutura textual

Somente com o encadeamento entre tema-opinião-argumento é que se pode gerar um **planejamento de texto**, que dará origem a uma redação que aborde o tema, que defina uma opinião acerca deste tema e que a defenda com argumentos.

Introdução Tema + opinião	1 – apresentar o tema (contextualizar) 2 – definir, de forma explícita, uma opinião, uma análise, uma forma de perceber o tema: um posicionamento
D1 Argumentação	1 – Retomar o tema contextualizado 2 – Retomar a opinião apresentada na Introdução 3 – Defender o posicionamento com argumentos: exemplos, situações hipotéticas, referências teóricas, fatos históricos: evidências compartilhadas
D2 Argumentação	1 – Retomar o tema contextualizado 2 – Retomar a opinião apresentada na Introdução. 3 – Defender o posicionamento com novos argumentos: exemplos, situações hipotética, referências teóricas, fatos históricos: evidências compartilhadas.
Conclusão A reiteração	1 – Retomada da introdução + D1 + D2 (opcional: fechar o texto com alguma inovação estética, alguma alegoria, algum jogo de palavras, alguma frase de efeito, alguma referência nova, alguma conclusão que não tenha sido explicitada ao longo do texto mas que consolide tudo o que o texto, ao longo dos parágrafos, defendeu.

2. A REDAÇÃO NA UFRGS

As redações que ultrapassam o ponto de corte (número mínimo de acertos necessários nas provas objetivas) são corrigidas por dois corretores diferentes de duas formas diferentes (**avaliação analítica** e **avaliação holística**), e esse processo dá origem à nota final.

2.1 Avaliação Analítica

Essa é a avaliação mais técnica, matemática: objetiva e estruturalista: clara. Conseguimos vê-la operando na folha padrão de correção. A avaliação analítica é dividida em duas partes: **Expressão** e **Estrutura e Conteúdo**.

2.1.1 Expressão (parte da frente da folha de redação)

2.1.1.1 Convenções Ortográficas

Maiúsculas e minúsculas, números, separação e junção de vocábulos, acentuação, hífen, aspas, sublinhas, trema, internetês, separação de sílabas, grafia das palavras.

2.1.1.2 Semântica

Inadequação (nexos, retomada lexical, impropriedade de registro, afixos, coordenação e paralelismo vocábulo); imprecisão (retomada pro - nominal, vocábulos de sentido amplo); redundância (paráfrase, repetição de palavras ou expressões).

2.1.1.3 Pontuação

Adjunto adverbial deslocado, orações adverbiais, elementos intercalados, coordenação, conjunções coordenadas adversativas e conclusivas, pontuação dos adjetivos, aposto e construções elípticas, orações coordenadas explicativas.

2.1.1.4 Morfossintaxe e Sintaxe

Concordância nominal e verbal; regência nominal e verbal (omissão ou uso indevido de preposição, paralelismo de regência, regência dos pronomes relativos, crase, uso de o e lhe); flexão. Problemas de sintaxe da oração: omissão de termos da oração, concordância inadequada de pronomes, colocação indevida dos pronomes átonos, ambiguidade estrutural de adjetivos, advérbio, etc., uso indevido dos tempos verbais, problemas de representação do período independente (frase siamesa, fragmento de frase), problemas de composição do período (coordenação por subordinação), problemas de paralelismo sintático.

2.1.2 Estrutura e Conteúdo (parte de trás da folha de redação)

2.1.2.1 Domínio da tipologia

Trata-se de verificar se o texto apresenta adequação às características da tipologia textual solicitada na proposta de redação: dissertativa, narrativa, descritiva, epistolar, etc. Essa adequação diz respeito tanto à

apresentação formal do texto quanto à manipulação de ideias/argumentos. Por exemplo, no caso do tipo dissertativo, é possível identificar a tese principal e os argumentos que a sustentam; no caso da narrativa, é possível identificar o narrador, o protagonista, a trama, o desenlace, a avaliação, etc.

2.1.2.2 Organização do texto

Trata-se de verificar se a organização do texto, do ponto de vista formal, refletida na estruturação dos parágrafos, e do ponto de vista das ideias/argumentos que sustentam o texto, é adequada. Nesse item, avalia-se se os parágrafos apresentam organização adequada à sua função no texto, inclusive quanto ao número e extensão de períodos; se há organicidade, ou seja, estabelecimento interno dos parágrafos quanto na transição entre eles.

2.1.2.3 Desenvolvimento do tema e do ponto de vista

Trata-se de verificar o grau de aproximação da abordagem feita no texto em relação ao tema proposto. Além disso, deve-se verificar se o autor do texto apresenta um ponto de vista, ou seja, se o candidato expressa seu posicionamento ao abordar o tema.

2.1.2.4 Qualidade do Conteúdo

Trata-se de verificar o uso de elementos capazes de sustentar qualificadamente a inteligibilidade e a interpretabilidade do texto, bem como aspectos referentes à consistência das ideias/ argumentos manipulados. Avalia-se aqui o uso de elementos responsáveis pela progressão temática, como mobilização de dados e densidade informacional, entre outros aspectos.

2.1.2.5 Coesão textual

Trata-se de verificar se o autor demonstra conhecimento dos recursos coesivos que a língua oferece, utilizando-as de forma apropriada e qualificada, isto é, se essa habilidade fica evidenciada na tessitura por ele constituída, através do em - prego de nexos, de modalizadores, de correlação de tempos verbais, de referências anafóricas e de substituições lexicais.

2.1.2.6 Investimento autoral

Trata-se de verificar se o encaminhamento do texto evidencia esforço pela autoria, isto é, se o texto apresenta abordagens diferenciadas, fatos inusitados, tentativa de fugir do lugar comum, relacionando ideias com criatividade e com propriedade. No plano formal, o investimento autoral pode revelar-se pelo uso de frases complexas, de vocabulário variado, além de recursos retóricos bem empregados

2.2 Avaliação Holística

Esse é um tipo de avaliação que tenta perceber o texto na sua complexidade, na sua totalidade. Vê o texto como algo uniforme e busca analisar todos os tópicos gramaticais, todas as exigências a que uma redação deve obedecer, de uma forma contínua, não fragmentada. A palavra “HOLÍSTICA” é escrita com “H” por conta do radical grego “HOLO”, que significa ‘por completo, inteiro’ – radical esse que se faz presente em palavras como “HOLOCAUSTO” e “HOLOFOTE”. Para entender melhor essa avaliação pela qual todos, inevitavelmente, passarão, vamos escutar aquilo que a banca da UFRGS diz a seus corretores, orientando-os

para corrigir o teu texto. “Avaliar holisticamente significa ver o texto como uma unidade. Na avaliação da prova de Redação, orientamo-nos por três parâmetros, que contribuem para assegurar a textualidade (qualidade de um bom texto). Cada um desses parâmetros receberá um conceito que expressa sua contribuição para o texto visto como um todo, em função do propósito e do(s) interlocutor(es) a que se destina. Na avaliação de redação de vestibular, tanto o objetivo (ser classificado para ingressar na Universidade) quanto o interlocutor (Examinador) estão bem claros para todos os envolvidos. **A prova propõe uma temática que deve ser assumida pelo candidato para redigir um texto de certo tipo dentro de um limite preestabelecido de linhas.** A seguir, **ele adota um ponto de vista, seleciona argumentos que lhe deem sustentação** e constrói seu texto. Você, como avaliador, deverá, então, ler o texto mais de uma vez para compará-lo com a proposta e, desse modo, classificar a pertinência (o sucesso) da unidade semântico-pragmática resultante em forma de texto a partir dos três parâmetros (tema, modo composicional e adequação ao uso da norma culta).

2.2.1 Tema

Trata-se aqui de verificar o grau de compatibilidade da abordagem feita pelo candidato com a proposta da prova de redação, isto é, se a abordagem representa uma interpretação qualificada da proposta e se responde a esta interpretação; se o texto explicita um ponto de vista identificável com relação à questão colocada pela proposta, optando por uma solução possível entre um conjunto de soluções e sustentando sua escolha. Sustentar uma escolha do ponto de vista significa justificá-la, pela argumentação e pela exemplificação. Em resumo, você deve considerar a qualidade da abordagem do tema apresentado; o encadeamento lógico das ideias relativamente ao tema; e a manutenção, ao longo do texto, da abordagem eleita.

2.2.2 Modo Composicional

Trata-se de observar se as relações estabelecidas são adequadas, tanto no que diz respeito ao desenvolvimento interno dos parágrafos quanto em relação à transição entre os parágrafos, se a divisão de parágrafos é pertinente. Em resumo, você deve avaliar a qualidade dos aspectos coesivos do texto; a separação das partes; a distribuição e correlação das ideias na frase, no parágrafo e no texto, relacionando causas e efeitos, tempo de fatos e ações, circunstâncias adverbiais, comparações, contrastes, etc.

2.2.3 Domínio Linguístico

Trata-se neste caso de avaliar o desempenho do candidato em relação ao uso da língua, o que inclui o domínio da norma ‘cultua’ e o emprego de recursos estilísticos. Em resumo, você deve observar qualitativamente aspectos como os seguintes: adequação vocabular, relacionamentos sintáticos (as ideias se coordenam ou se subordinam), redundâncias, conveniência da linguagem padrão ou coloquial, marcas da oralidade, outros aspectos gramaticais (ortografia, pontuação, morfossintaxe, etc.)”

[Manual do Avaliador]

2.3 Estrutura textual sugerida para a redação UFRGS

<p>Introdução Tema + opinião (5 a 7 linhas)</p>	<p>1 – apresentar o tema/contextualizar... 2 – definir, de forma explícita, uma opinião, ou duas.</p>
<p>D1 (10 a 12 linhas) Argumentação</p>	<p>1 – Retomada do tema contextualizado 2 – Retomada da opinião 1 e aprofundamento 3 – Defender a opinião 1 com argumentos: situações hipotéticas, analogias, referências teóricas, fatos históricos (<u>é possível utilizar trechos do texto de apoio, quando o tema deixar muito claro que essa dialogia é importante</u>) 4 – Fechamento</p>
<p>D2 (10 a 12 linhas) Argumentação</p>	<p>1 – Retomada do tema contextualizado 2 – Retomada da opinião 2 e aprofundamento 3 – Defender a opinião 2 com novos argumentos: situações hipotéticas, analogias, referências teóricas, fatos históricos (<u>é possível utilizar trechos do texto de apoio, quando o tema deixar muito claro que essa dialogia é importante</u>) 4 – Fechamento</p>
<p>Conclusão A Reiteração (5 a 7 linhas)</p>	<p>1 – Retomada da introdução + D1 + D2 <i>(opcional: fechar o texto com alguma inovação estética, alguma alegoria, algum jogo de palavras, alguma frase de efeito, alguma referência nova, alguma conclusão que não tenha sido explicitada ao longo do texto mas que consolide tudo o que o texto, ao longo dos parágrafos, defendeu.</i></p>

3. A REDAÇÃO NO ENEM

Os critérios de avaliação da redação no Enem dizem muito sobre o processo histórico no qual se inscreve o Exame Nacional, segundo maior do planeta. A exigência de **uma proposta de intervenção social** é a maior peculiaridade na avaliação, o que dá ao texto uma gama de possibilidades restritas e previsíveis, tanto em relação à estrutura interna da redação, quanto em relação aos temas.

3.1 As 5 competências

Competência 1

Demonstrar domínio da norma culta.

- Este setor da nota compreende 20% da nota final e está relacionado a todas as convenções gramaticais prescritas pela gramática tradicional. Por isso, é fundamental compreender toda aula de gramática como uma forma de desenvolver uma das habilidades necessárias para a escrita.

Competência 2

Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo.

- Esta competência engloba três diferentes aspectos textuais:
 - a) abordagem ao tema
 - b) caráter dissertativo (opinativo)
 - c) repertório cultural

Competência 3

Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.

- Esta competência é a que revela a existência de um projeto de texto anterior à escrita. E isso se evidencia na relação entre os parágrafos. Na introdução, apresenta-se o tema e define-se a opinião: a forma de problematizar o tema. Nos desenvolvimentos, retoma-se esta opinião e a comprova com argumentos, fatos, referências, etc. E na conclusão retoma-se o que já se disse e elaboram-se as duas propostas de intervenção social, cada uma aplicada a cada uma das duas problemáticas presentes em cada um dos desenvolvimentos.

Competência 4

Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.

- Esta competência avalia o uso de conectores (conjunções, pronomes, elipses, etc.). É fundamental explicitar a conexão entre as partes de um mesmo parágrafo e entre diferentes parágrafos.

Competência 5

Elaborar proposta de solução para o problema abordado, mostrando respeito aos valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

- Esta é a competência que avalia a proposta de intervenção social. Para obter nota máxima, a proposta deve obedecer basicamente a dois princípios:
 - a) estar conectada com o que a própria redação desenvolveu
 - b) ser detalhada em 5 elementos: **agente/ação/meio/finalidade/consequência**

3.2 Estrutura textual sugerida para a redação ENEM

Introdução Tema + problemática (5 a 6 linhas)	1 – apresentar o tema/contextualizar... 2 – definir as 2 problemáticas ligadas ao tema causa 1 + conseq. 1 OU causa 1 + causa 2 OU conseq. 1 + conseq. 2
D1 Aprofundamento da problemática 1 (8 a 9 linhas)	1 – retomada do tema contextualizado e da problemática 1 2 – explicação das relações de causa e consequência 3 – defesa da problemática 1 (referências teóricas, fatos históricos, dados estatísticos, analogias, informações do texto de apoio) 4 – fechamento do desenvolvimento 1
D2 Aprofundamento da problemática 2 (8 a 9 linhas)	1 – retomada do tema contextualizado e da problemática 2 2 – explicação das relações de causa e consequência 3 – defesa da problemática 2 (referências teóricas, fatos históricos, dados estatísticos, analogias, informações do texto de apoio) 4 – fechamento do desenvolvimento 2
Conclusão A intervenção e a reiteração (5 a 6 linhas)	1 – Intervenção para a problemática 1 (agente + ação + meio + fim) 2 – Intervenção para a problemática 2 (agente + ação + meio + fim) 3 – fechamento do texto/consequência das intervenções bem aplicadas/ construção de uma sociedade melhor

4. TEMAS INÉDITOS ESTILO UFRGS

Tema 1

Você deve ler atentamente o texto **“Na ditadura do politicamente correto, é preciso aprender limites ao falar”** e se posicionar acerca das ideias defendidas no texto.

“Eu jamais iria para a fogueira por uma opinião minha, afinal, não tenho certeza nenhuma. Porém, eu iria pelo direito de ter e mudar de opinião, quantas vezes quisesse” (Nietzsche)

Um dos maiores orgulhos do meu professor de oratória, Oswaldo Melantonio, foi o de ter mantido sua escola em plena época da repressão dos anos 1970 e 1980, ousando e permitindo toda liberdade de expressão, sem nunca ter sido admoestado pelos militares. E aquele era um reduto conhecido, pois passaram pelas suas aulas muitos daqueles que pelas suas atividades políticas foram exilados na época da ditadura.

Só para dar uma ideia dos temas abordados em sua escola, basta dizer que Melantonio foi o fundador do partido socialista. Entre suas atividades, dizem seus companheiros de partido, que, de vez em quando, se reuniam para cantar com os punhos fechados o hino socialista a “Internacional”.

É mesmo admirável que em plena época de domínio dos militares, que, no período mais agudo, não permitiam sequer pequenas reuniões, Melantonio pudesse ter a coragem de dizer o que pensava e permitir que seus alunos se expressassem da maneira que julgassem mais conveniente, sem nenhum tipo de censura.

Parece incrível que passados tantos anos, no momento em que se alardeia a liberdade de expressão, estejamos sujeitos a um patrulhamento ainda mais severo que o daquela época. Há um extremismo, uma caça às bruxas que chega a aterrorizar, inibindo o próprio indivíduo, levando-o até à autocensura.

Ai daquele que inadvertidamente escorregar em uma frase que seja considerada politicamente incorreta. Com os gravadores aportados no mais simples celular e os ouvidos críticos atentos, a chance de que sofra consequências é enorme.

Hoje o sentido pleno de “livre expressão” fica mesmo comprometido, pois é preciso se submeter ao que reiteradamente é proposto e apresentado como “correto”. A pressão é tão grande que, mesmo não tendo expressado com palavras diretas determinada forma de pensar, se com ilações e associações de ideias for determinado que o politicamente correto foi maculado, a censura sofrida será a mesma.

O professor Oswaldo Melantonio, que sobreviveu bravamente com sua escola na época de profunda intolerância com a livre expressão, talvez, hoje, com toda a liberdade que se apregoa, sucumbisse. Ou pelo discurso próprio ou pelo discurso de seus alunos. Nos dias atuais, em suas aulas, alguém iria se alvoroçar no direito de censurar aquelas palavras que supostamente soassem como ofensivas.

São outros tempos. Quando menciono esse tema em minhas aulas, sinto uma espécie de revolta generalizada diante do radicalismo exasperado na defesa do politicamente correto. A maioria concorda que ofensas devam ser coibidas, injustiças corrigidas, respeito ao próximo estimulado, mas são unânimes em se indignar com o exagero que começa a tomar conta de nossa sociedade.

Dizem julgar insensato, por exemplo, não poder se referir a Deus como “Ele”, já que alguns dos defensores do politicamente correto defendem a ideia de que o Ser Supremo não é um homem. Por que, então, se referir a Ele no masculino?!

Lembro-me de uma aula em que, de maneira distraída, eu disse - desde o aparecimento do homem até os nossos dias. Fui advertido por uma aluna para o fato de que eu não deveria me referir a “homem”, mas sim a “ser humano”, pois da forma como me expressei estava privilegiando o homem em detrimento das mulheres.

Talvez um dos eufemismos mais sem sentido seja o uso de “melhor idade” para se referir à pessoa idosa. Como já estou rondando essa faixa etária, sempre que se referem a minha condição como sendo da “melhor idade”, penso – sim, “muito melhor”; ruim é a desse jovem que me trata desse jeito! Quer trocar?

Há pessoas com baixo nível intelectual e outras com elevado nível intelectual? Lógico que sim. Mas se nos referirmos assim a essas pessoas não privilegiadas pelo intelecto, poderemos ser censurados, pois é politicamente incorreto. Para não sermos ofensivos, temos de nos referir a elas, por exemplo, como “pessoas com menor nível de compreensão”. E mesmo assim, cuidado, porque alguém poderá julgar que isso seja também politicamente incorreto.

Soube de um humorista que brincou com o fato de ser obeso, uma autogozação. Uma pessoa que assistia à apresentação dele subiu ao palco e o espancou por ter se sentido ofendida. Que estupidez não poder brincar com a própria característica física!

Quase não acreditei quando ouvi um comentarista esportivo na Copa do Mundo criticando Neymar porque havia humilhado um adversário com seus dribles. Pensei – agora sim é que está tudo perdido, pois só faltava levar para o campo de futebol o politicamente correto. Imagino o que seria de Garrincha, “a alegria do povo”, se fizesse hoje o que fazia com seus dribles, transformando cada um de seus marcadores em “João”.

Certamente, levar esse assunto a ferro e fogo pode tirar a liberdade de as pessoas se expressarem e, talvez, até crie obstáculos para a boa convivência. Exageros à parte, o respeito para com o outro, entretanto, precisa e merece ser considerado. Tomar alguns cuidados com o que falamos é prudência e sabedoria que todos devemos ter.

Passaram a fazer parte das minhas aulas de oratória considerações a respeito de como se comportar com as mensagens que possam ser ou soar agressivas, a atenção que deve existir para não ultrapassar a linha amarela, que além de ser a fronteira que caracteriza a agressão ao próximo, pode também representar o passo em falso que prejudica a própria imagem de quem se expressa.

Ter em mente que o velho lema atribuído a Herbert Spencer - “A minha liberdade termina quando começa a liberdade do outro” - deve ser levado em conta e sempre prevalecer.

Não ter consciência dos limites entre o exagero e a responsabilidade com o que expressamos com as palavras poderá provocar dissabores e consequências até inimagináveis. A melhor forma de sabermos se podemos ou não nos expressar de determinada maneira é a de nos colocarmos no lugar do outro e refletir: será que, se eu estivesse na situação dele, me sentiria mal se alguém dissesse para mim o que penso em dizer a ele?

Ou seja, você deve produzir um texto dissertativo-argumentativo que:

- a) apresente claramente sua opinião e seu ponto de vista sobre as ideias expressas pelo autor do texto apresentado;**
- b) desenvolva argumentos que permitam fundamentar sua opinião e seu ponto de vista.**

Tema 2

Você deve ler atentamente o trecho selecionado da série de Artigos “**Bandidos e Letrados**”, de Olavo de Carvalho, publicados em 1994 pelo Jornal do Brasil.

“Entre as causas do banditismo carioca, há uma que todo o mundo conhece mas que jamais é mencionada, porque se tornou tabu: há sessenta anos os nossos escritores e artistas produzem uma cultura de idealização da malandragem, do vício e do crime. Como isto poderia deixar de contribuir, ao menos a longo prazo, para criar uma atmosfera favorável à propagação do banditismo?”

De Capitães da Areia até a novela Guerra sem Fim, passando pelas obras de Amando Fontes, Marques Rebelo, João Antônio, Lêdo Ivo, pelo teatro de Nelson Rodrigues e Chico Buarque, pelos filmes de Roberto Farias, Nelson Pereira dos Santos, Carlos Diegues, Rogério Sganzerla e não-sei-mais-quantos, a palavra-de-ordem é uma só, repetida em coro de geração em geração: ladrões e assassinos são essencialmente bons ou pelo menos neutros, a polícia e as classes superiores a que ela serve são essencialmente más.

(...)

Humanizar a imagem do delinquente, deformar, caricaturar até os limites do grotesco e da animalidade o cidadão de classe média e alta, ou mesmo o homem pobre quando religioso e cumpridor dos seus deveres — que neste caso aparece como conformista desprezível e virtual traidor da classe —, eis o mandamento que uma parcela significativa dos nossos artistas tem seguido fielmente, e a que um exército de sociólogos, psicólogos e cientistas políticos dá discretamente, na retaguarda, um simulacro de respaldo “científico”.

O texto de Olavo de Carvalho busca explicar as origens do banditismo carioca; por consequência, acaba sugerindo uma explicação para o banditismo em todo o Brasil.

Dito isso, você deve escrever um texto dissertativo-argumentativo que:

- a) revele pleno entendimento de ao menos uma ideia defendida por Olavo de Carvalho.**
- b) defenda um posicionamento acerca desta(s) ideia(s), revelando concordância (total ou parcial) ou discordância (total ou parcial).**
- c) apresente argumentos que validem seu posicionamento.**

Tema 3

Considere o texto abaixo, da escritora Eliane Brum, publicado no jornal El País, em 23/12/2017.

“O Natal de 2013 ficará marcado como aquele em que o Brasil tratou garotos pobres, a maioria deles negros, como bandidos, por terem ousado se divertir nos shoppings onde a classe média faz as compras de fim de ano. Pelas redes sociais, centenas, às vezes milhares de jovens, combinavam o que chamam de “rolezinho”, em shopping próximos de suas comunidades, para “zoar, dar uns beijos, rolar umas paqueiras” ou “tumultuar, pegar geral, se divertir, sem roubos”. No sábado, 14, dezenas entraram no Shopping Internacional de Guarulhos, cantando refrões de funk da ostentação. Não roubaram, não destruíram, não portavam drogas, mas, mesmo assim, 23 deles foram levados até a delegacia, sem que nada justificasse a detenção. Neste domingo, 22, no Shopping Interlagos, garotos foram revistados na chegada por um forte esquema policial: segundo a imprensa, uma base móvel e quatro camburões para a revista, outras quatro unidades da Polícia Militar, uma do GOE (Grupo de Operações Especiais) e cinco carros de segurança particular para montar guarda. Vários jovens foram “convidados” a se retirar do prédio, por exibirem uma aparência de funkeiros, como dois irmãos que empurravam o pai, amputado, numa cadeira de rodas. De novo, nenhum furto foi registrado. No sábado, 21, a polícia, chamada pela administração do Shopping Campo Limpo, não constatou nenhum “tumulto”, mas viaturas da Força Tática e motos da Rocam (Ronda Ostensiva com Apoio de Motocicletas) permaneceram no estacionamento para inibir o rolezinho e policiais entraram no shopping com armas de balas de borracha e bombas de gás.

Se não há crime, por que a juventude pobre e negra das periferias da Grande São Paulo está sendo criminalizada?

Primeiro, por causa do passo para dentro. Os shoppings foram construídos para mantê-los do lado de fora e, de repente, eles ousaram superar a margem e entrar. E reivindicando algo transgressor para jovens negros e pobres, no imaginário nacional: divertir-se fora dos limites do gueto. E desejar objetos de consumo. Não geladeiras e TVs de tela plana, símbolos da chamada classe C ou “nova classe média”, parcela da população que ascendeu com a ampliação de renda no governo Lula, mas marcas de luxo, as grandes grifes internacionais, aqueles que se pretendem exclusivas para uma elite, em geral branca.

Antes, em 7 de dezembro, cerca de 6 mil jovens haviam ocupado o estacionamento do Shopping Metrô Itaquera, e também foram reprimidos. Vários rolezinhos foram marcados pelas redes sociais em diferentes shoppings da região metropolitana de São Paulo até o final de janeiro, mas, com medo da repressão, muitos têm sido cancelados. Seus organizadores, jovens que trabalham em serviços como o de office-boy e ajudante geral, temem perder o emprego ao serem detidos pela polícia por estarem onde supostamente não deveriam estar – numa lei não escrita, mas sempre cumprida no Brasil. Seguranças dos shoppings foram orientados a monitorar qualquer jovem “suspeito” que esteja diante de uma vitrine, mesmo que sozinho, desejando óculos da Oakley ou tênis Mizuno, dois dos ícones dos funkeiros da ostentação. Às vésperas do Natal, o Brasil mostra a face deformada do seu racismo. E precisa encará-la, porque racismo, sim, é crime.”

Imagine que, em uma roda de conversa, alguém use a perspectiva de Eliane Brum para entender o fenômeno. A partir disso, você deve ter uma atitude responsiva para com esta proposição de seu interlocutor.

Assim, escreva um texto dissertativo-argumentativo que:

- a) revele pleno entendimento de ao menos uma ideia defendida por Eliane Brum.**
- b) defenda um posicionamento acerca desta(s) ideia(s), revelando concordância (total ou parcial) ou discordância (total ou parcial).**
- c) apresente argumentos que validem seu posicionamento.**

Tema 4

“A internet educa e faz avançar as novas gerações?”

— Existe um vasto registro histórico dizendo que todas as gerações consideraram a seguinte despreparada. A reclamação de que os jovens não leem mais como a gente leu vem de Platão. A ideia de decadência traduz o seguinte: nós estamos envelhecendo, o mundo que me deu origem está perdendo o sentido. Na Nova Inglaterra, analisei uma escola onde todos os alunos são alfabetizados no tablet. Uma professora conservadora perguntou: *¿como eles vão fazer quando não tiverem o tablet¿? A professora de ensino fundamental foi brilhante: ¿como a senhora escreve quando não tem caneta¿. Como professor há 34 anos vejo que a inteligência não diminuiu. O que mudou foi a forma de perceber as coisas. A inteligência dos jovens é menos focada, mais imagética e holística, é mais perspicaz e menos analítica, é mais visual do que textual. Mas não posso dizer, em nenhum momento, que o jovem de hoje tem um QI menor. Ele tem um QI diferente do que a minha geração. O professor hoje tem um modelo de aula do século XIX, nasceu no século XX e está falando com a geração do século XXI, preparando uma realidade para o XXII. A tecnologia é sempre neutra. A internet dá acesso a informações fabulosas, pode ajudar muitíssimo no processo de conhecimento. O problema não é a internet. O problema é como você utiliza a rede. Hoje o debate é sobre a epistemologia, sobre como você valida a informação: como validar, como distinguir, como referendar. Há estudos na Unicamp sobre o tempo que uma mentira na internet leva para aparecer como uma verdade ou um axioma, chegando até a artigo científico.”*

[disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-tendencias/noticia/2016/09/o-mundo-contemporaneo-nas-reflexoes-agudas-de-leandro-karnal-7482021.html>]

Como você percebe o conflito de gerações? Você concorda com as opiniões do autor acerca da juventude atual? Escolha um ponto de vista e o valide com argumentos.

Tema 5

Mercado de significados para a vida é tema do novo livro de Pondé

MARCO RODRIGO ALMEIDA, colunista da Folha de São Paulo

O marketing existencial não é novidade para alunos e leitores de Luiz Felipe Pondé. Há pelo menos dois anos o filósofo, professor e colunista da Folha aborda esse conceito em textos e cursos.

Agora volta a ele de forma mais aprofundada em seu mais recente livro, Marketing Existencial - A Produção de Bens de Significado no Mundo Contemporâneo, lançado pela Três Estrelas, selo editorial do Grupo Folha.

Pondé adverte nas primeiras páginas que o livro não é um guia prático de publicidade. Trata, explica ele, de uma disciplina nova, situada entre a psicologia e a filosofia da existência, cujo campo de estudo são as tentativas de vender significados para a vida.

No caldeirão de referências do livro, parte-se da nobre linhagem da filosofia da existência (Kierkegaard, Unamuno, Sartre, Camus) para entender as peculiaridades do consumo no século 21, na “sociedade do cartão de crédito”.

“Esses filósofos fundaram a ideia do homem contemporâneo como um existente jogado no mundo sem que uma essência anterior o defina. O homem é, então, obrigado a buscar seu sentido na vida. Isso gera um vazio que o marketing tenta preencher vendendo significados”, explica.

Nessa linha, o verdadeiro valor de um produto é invisível e imaterial. Viagem, carro, comida, roupa, religião - tudo é meio de vender sensações ou sentimentos que aplaquem a angústia do consumidor.

Nada parece escapar a esse modelo; Pondé, numa das passagens mais mordazes do livro, afirma que o marketing será a ciência social aplicada mais importante do século 21.

“As ciências sociais têm pregado mais do que tentado entender a vida. São muito pobres para além de sua vocação de tentar mudar o mundo a partir de teorias de gabinete. Acho que o marketing, em pouco tempo, será o empregador de todas as ciências humanas.”

O domínio desse marketing, contudo, não diz muito sobre sua eficácia. Já no século 19, relembra o livro, o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855) dizia que quase todo mecanismo de escape acaba por fracassar.

“Os objetos do marketing existencial fracassarão. Eles têm que fracassar para gerar demanda. À medida que dão errado, você precisa buscar outros. É o mesmo princípio dos aparelhos eletrônicos. Se não quebrassem, não haveria o mercado”, diz Pondé.

O livro evita juízos de valor sobre esse fenômeno, mas termina com um impasse amargo. Kierkegaard afirmava que só há uma saída para o eterno conflito humano: aceitar a vida como ela é, recusar o autoengano e encarar o risco da constante angústia.

Mas será possível atingir esse estágio de existência verdadeira por meio do marketing, inautêntico por natureza?

“Não há muito o que fazer num mundo totalmente mercantilizado, em que tudo é produto”, avalia Pondé. “A única forma de o marketing existencial evitar essa sensação de falsidade é começar a vender o mal-estar, a coragem absoluta de entender que a vida não tem sentido.”

A partir da leitura do texto de apoio, responda às seguintes perguntas:

- a) revele pleno entendimento do conceito de Marketing Existencial**
- b) você concorda com Pondé em relação à importância do Marketing Existencial?**
- c) escolha uma opinião e a defenda.**

Tema 6

Empoderamento masculino, Fabrício Carpinejar

A esposa elaborou uma lista de minhas roupas que pretende doar para a Campanha de Agasalho. São dois calções de futebol largos, a camiseta com uma homenagem ao restaurante Mocotó, de São Paulo, uma calça colorida e uma camisa psicodélica que coloco virada de propósito. Ela detesta. Já escondeu a pilha no cesto de roupa suja – eu lavava e ela colocava de volta como se estivesse suada. Já camuflou atrás de seus vestidos. Já ensaiou uma sacola para doação. Eu sempre encontro na última hora, como um Sherlock mendigo.

Desmantei os seus planos maquiavélicos de forçado desaparego. Qual a graça da bondade emprestada? É como se ela fizesse ioga no meu lugar.

Fico matutando que o mau gosto é muito pessoal, ninguém mais usaria os meus trastes além de mim, mesmo se fossem dados.

Como ela demonstra indisposição, não há mais como me desfazer delas. Acabou a pureza do convívio, entramos na insana queda de braço. Aceitar prontamente o descarte seria sinal de fraqueza e de submissão de minha parte. É uma oposição divertida que alimento entre nós. Provoco o seu destempero e o festival de ataques. Minha vontade é de rir com as suas respostas inusitadas, porém mantenho o perfil sério para aumentar a graça da encenação.

O que realmente adoro é sair com uma das peças e ver sua cara de assombro. Ela chega a preparar um beijo todo especial:

– Você vai sair desse jeito?

É a pergunta mais deliciosa que o homem pode receber de sua mulher. Eu me sinto poderoso, independente, vingando a minha personalidade. Ela me analisa e desaprova, e não cedo um passo, não entro em parafuso, não declino. Ela quase enlouquece procurando me convencer de que estou jeca. Na última vez, ela me chamou de “pega-frango”. Coisa boa não é, ainda mais nesta crise de confiança da carne. Eu respirei fundo e não levei a ofensa para o particular. Fingi que era uma crítica a um personagem.

Não que eu queira não lhe agradar, mas não posso agradar-lhe sempre. Mantenho uma reserva de autonomia, senão estarei passeando com uma coleira no pescoço.

Concordo que essas roupas são péssimas, cafonas, chinelonas. Não falo, porém concordo silenciosamente no fundo da alma. Não coloco fora porque ela inventou de implicar com elas, daí virou uma questão de honra.

O amor é feito de dissidências. Quem concorda com tudo não tem opinião própria.

[disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/carpinejar/noticia/2017/04/empoderamento-masculino-9773939.html>]

Imagine que um casal heterossexual de amigos seus leia este texto e, a partir da leitura, comecem a discutir. O homem concorda com o autor, e a sua esposa, com a personagem mulher da narrativa.

a) com qual dos dois você concordaria?

b) selecione argumentos que sustentem seu ponto de vista.

Tema 7

Histórias que se cruzam, 17 de novembro de 2016

Jornal Boca de Rua

Mais um dia de luto para o Boca. A Nega Rita, integrante do grupo há muitos anos, se foi. Vem aqui em sua homenagem o poema de que ela gostava tanto e sempre recitava na sinaleira.

Acordei cedo
E já olhando para o céu
Pedi a Deus que protegesse
Todos os amigos meus
Quem não tem fé
Não chega a lugar algum
A minha história é única
Em meio ao zum, zum, zum
De onde eu vim
Os ratos faziam festa
À beira do esgoto sujo
Uma sanga podre aberta
Mas com fé minha mãe me tirou dali
Daí em diante o mundo passou a se abrir
Sempre estudei, tive esta oportunidade
Mas hoje trabalho com o povo
Das periferias e comunidades
É o pessoal da rua
Fazendo sua história
E o jornal Boca de Rua
Registrando essa memória
Mangando no asfalto
Na sinaleira
Viver na rua não é brincadeira
Respeito, justiça e paz
Nós vamos buscar
Jornal Boca de Rua
Veio pra revolucionar!!!

(Poesia escrita por Déko Ramires, do Camp PopRua, que participou de uma reunião do jornal e ofereceu como presente ao grupo)

A edição do Jornal Boca de Rua revela a importância da literatura para a manutenção da memória, independentemente de níveis sociais.

A partir disso, disserte sobre como e por que a literatura tem este potencial de representar tão bem cada um e todos nós ao mesmo tempo.

Tema 8

Texto I

Sueli Alves de oliveira

DOS FATOS

Numa sociedade dinâmica e progressista, em constante evolução, frente às novas tecnologias e tendências do mundo contemporâneo, faz-se necessário uma revisão no modo de pensar a relação trabalhista e o desenvolvimento socioeconômico e político da sociedade, de modo a promover o bom desempenho da ordem econômica, conjugado ao bem-estar social e à constituição da dignidade da pessoa humana.

Na tentativa de proteger o trabalhador, o Estado atua de forma rígida, engessando as relações trabalhistas e, muitas das vezes, dificultando o surgimento de novos postos de trabalho. O Estado tem um papel constitucional de prover saúde, educação, lazer e cultura para os cidadãos, porém, ao cobrar das empresas uma postura mais paternalista para suprir sua decadência, suprime a autonomia tanto dos empregadores quanto dos empregados e faz com que essa relação torne-se onerosa e desequilibrada.

FLEXIBILIZAÇÃO X DESREGULAMENTAÇÃO

“Flexibilizar” pode ser entendido no sentido de atenuar, equilibrar, ponderar, de forma a evitar a extinção das empresas e o aumento do desemprego, situações que trariam consigo a degradação das condições econômicas para a sociedade como um todo. A flexibilização do Direito do Trabalho, assim, busca respeitar os limites do sistema jurídico nacional, utilizando mecanismos previstos pela própria lei trabalhista, como, por exemplo: negociação coletiva, contratos individuais, convenções, súmulas, entendimento doutrinário; levando-se em conta que o maior objetivo da flexibilização é a manutenção das relações de emprego e do pleno exercício das atividades empresárias e industriais.

Para Nascimento (2003, p. 67), a flexibilização “é o afastamento da rigidez de algumas leis para permitir, diante de situações que o exijam, maior dispositividade das partes para alterar ou reduzir os seus comandos”. Brito (2003), por sua vez, afirma que “a flexibilização do Direito do Trabalho é a alteração que ocorre das condições do trabalho tanto no plano coletivo quanto no plano individual, podendo ser benéfica ou maléfica para o trabalhador”, porém podendo trazer reflexos mais abrangentes se avaliada num contexto econômico e social mais amplo, primando pelo bem-estar social e econômico coletivo. A flexibilização do Direito do Trabalho, portanto, seria uma forma de mostrar a necessidade de um esforço conjunto em conciliar a ordem econômica, os princípios da justiça social e a valorização do trabalho.

[disponível em: <https://jus.com.br/artigos/19194/o-beneficio-da-flexibilizacao-do-direito-do-trabalho-para-a-ordem-economica-brasileira-atual>]

Texto II

Trecho da monografia “Flexibilização das Relações Trabalhistas no Brasil e seus efeitos nos processos de Recursos Humanos”, apresentada em 2013, na UFMG

ANNE MEYRE DE ALMEIDA LEITE MONTEIRO

O trabalhador e a flexibilidade do contrato de trabalho

Segundo Marcon (1997), a premissa defendida pelas organizações de trabalho para a flexibilidade de contrato de trabalho é de que esta propiciaria, ao trabalhador, maior liberdade e autonomia nas suas escolhas de seu trabalho e o mesmo estaria readquirindo o controle sobre o tempo a ser gasto para realizar determinada tarefa. O trabalhador, assim, reaveria o controle sobre o seu trabalho, passaria a ter maior empatia com o mesmo e teria maior valorização. Estaria diminuindo a pressão pelo cumprimento de prazos (tempo) para a realização das tarefas, estabelecendo uma relação menos autoritária e extenuante com o seu empregador. Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software <http://www.foxitsoftware.com> For evaluation only. 35 A partir destas premissas conseguida com a flexibilização a empresa obteria maior produtividade e teria aumentada a sua capacidade competitiva. Com a flexibilização o que vem ocorrendo, no entanto, é a desestruturação do mercado de trabalho, pois vem possibilitando a diminuição de emprego estáveis mas, em contrapartida, favorecendo o aumento da contratação de mão-de-obra temporária. A flexibilização vem favorecendo a não proteção do pleno emprego, para o trabalhador, que tem respaldo na legislação trabalhista. Esta, baseada no contrato individual de trabalho, não coloca empecilhos para a demissão do trabalhador por parte do empregador. A flexibilização do contrato de trabalho tem representado para o trabalhador o subemprego, a deterioração das condições de trabalho e de vida e a perda de direitos trabalhistas conquistados nas lutas dos trabalhadores. Pereira (1992, P.14) fala sobre isto: [...], dependendo da situação econômica do país, os direitos trabalhistas ficariam postergados; enfim, uma inversão de valores, em que o Direito do Trabalho perderia sua expressão de humanismo jurídico (a serviço de um valor absoluto e universal, que é a dignidade do ser humano que trabalha) para valores meramente econômicos. Conclui-se então que os trabalhadores passam a conviver sob o “domínio do medo”, onde a possibilidade do desemprego é latente, ou ainda, com a possibilidade de fazerem parte do setor informal da economia.

[disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9E5FDP/tcc_ufmg.pdf?sequence=1]

A partir da leitura dos textos de apoio, atenda aos seguintes comandos de escrita:

- a) revele pleno entendimento dos dois textos.**
- b) você concorda mais com o texto I ou com o II?**
- c) escolha uma opinião e a defenda.**

Tema 9

Texto I

Methodos. Revista de ciências sociais, 2017, 5

O livro intitulado “Felicidade ou Morte” proporciona ao leitor um diálogo entre seus dois autores, Clóvis de Barros Filho e Leandro Karnal, acerca da essência da felicidade dentro da civilização humana. A obra apresenta-se através do diálogo entre os autores, dividida em cinco sessões, visando à melhor compreensão da temática. A sessão inicial denomina-se como “O vazio da felicidade”, este capítulo traz uma discussão acerca da definição de felicidade, assim como a sua real existência. Indaga-se sobre a felicidade através do questionamento realizado a partir da inexistência. Para a compreensão deste fenômeno os autores utilizam para exemplificar a felicidade através da ausência da mesma, citando Aristóteles, Tomás de Aquino, passando por Frans Hals e Luc Ferry, ressaltando que nem todas as épocas consideraram a felicidade como objetivo a ser alcançado. O significado do termo é trazido de forma dicotômica, uma vez que se coloca que a felicidade pode ser simples e complexa ao mesmo tempo. Chama a atenção o aspecto da compreensão da felicidade por parte dos indivíduos mediante a sua ausência, pois só nos percebemos felizes diante da tristeza. Mediante a leitura do livro, surge-nos o questionamento: por que uma pessoa deve sempre buscar a felicidade? E, como os autores referem, tudo em volta encontra-se em um estímulo constante de fazer os indivíduos a buscarem. Frente ao excesso de atribuições da vida na contemporaneidade, muitos seres humanos nunca param para refletir se realmente são felizes. Identificase que na maior parte do tempo guiam-se pelo momento, pela real situação e pela busca de algo que muitas vezes não sabem o que é. Frente a reflexão que emergem acerca da discussão dos autores, foi possível perceber que o que se busca na verdade constitui-se nesta tal felicidade. Observa-se na sociedade contemporânea onde muitas pessoas, preocupadas com o amanhã, procuram sempre conquistar algo positivo como garantia de um futuro promissor, sem, muitas vezes, aproveitarem o presente, mecanizando suas vidas, sem desfrutarem dos seus prazeres. Na segunda sessão do livro, os autores fazem uma discussão: “ser feliz ou ser livre?”. Será que realmente os indivíduos refletem sobre essa escolha de ser livre ou ser feliz? Será que encontram tempo para tomarem essa decisão? Ser feliz encontra-se no simples fato de amar e compreender cada momento como único, mesmo que esse seja algo não agradável aos olhos de quem vê. Como Clóvis de Barros Filho ressalta, a partir do pensamento filosófico na segunda sessão do livro em relação ao mundo: Não somente tolerá-lo; amá-lo mesmo. Entretanto, o desafio mais difícil é conseguir que a realidade do mundo seja algo que possamos chamar felicidade, diante de tanta violência, de tanta maldade, enfim, tanto egoísmo humano. Os seres humanos não pensam mais na coletividade, apenas no individual. Buscam muitas vezes a sua felicidade na infelicidade de outrem. Fato curioso que surge à tona na leitura do livro: é possível perceber, ao olhar para alguém, se ele é realmente feliz? Muitas vezes pessoas que vivem em completa miséria podem também ser felizes. É estranho pensar assim. Atualmente o mundo é envolto por muitas escolhas que, muitas vezes, transformam-se em fatores de estresse. E é interessante pensar que, mesmo diante de escolhas diárias, experimentadas pelas pessoas, não se pode impedir o destino universal e total, que é a morte, referido por Leandro Karnal.

Texto II



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WCsQWHkWXbw>

A partir da leitura do texto que apresenta uma obra dos professores Clóvis de Barros e Leandro Karnal, revele entendimento da oposição “felicidade x liberdade”; se achá-la válida, a defenda; se não achá-la, escolha uma outra forma de conceituar felicidade e a defenda.

Tema 10

Texto de apoio: Por Maria Cecília Oliveira Gomes

Vendo em um espelho negro uma imagem animada de nós mesmos e reconhecendo que ela apenas existe porque nós seres humanos a criamos. É o momento em que num lampejo de consciência nos questionamos: “Qual é mesmo a natureza daquilo que anima o que é animado?”[1]

Essa pergunta leva o ser humano a fazer a mesma pergunta que já se fazia nos primórdios do pensamento filosófico, na eterna busca pela própria identidade: “Quem sou eu?”.

Qual é a minha verdadeira natureza, a animada, correspondente à representação virtual de mim mesmo na Internet? Ou, esse ser corpóreo que tenta, no ato de animar, criar uma personalidade melhorada de si mesmo, para representar um papel online.

E assim chegamos na crise existencial do sapiens na era pós-moderna.

Ambiguidade do ser: o eu digital e o eu humano

A imagem refletida no espelho negro nos faz questionar a nossa própria natureza. No caso, se aquilo que criamos, animamos, de fato representa quem nós somos. Essa ambiguidade, entre o ser que anima e a criatura que é animada, é fruto da nossa busca por representarmos algo em sociedade. O ser virtual, o ser construído nas redes sociais, não existiria se a sociedade e a cultura assim não quisessem. Ele apenas existe porque vivemos em um momento histórico no qual é importante nos fazermos presentes, representados, perante o mundo através do desempenho de um papel virtual. O virtual é o verdadeiro palco no século XXI.

Com o advento da tecnologia, foi criado o termo “tecnocultura”[2], por volta de 1960, para representar a influência mútua entre tecnologia e cultura com foco em seus pontos e meios de contato. Mais tarde, a tecnocultura passou a ser associada à resistência criada por diversas correntes e movimentos culturais tecnologicamente inspirados em face das instituições tecnocráticas organizacionais e governamentais. Neste caso, a tecnocultura constitui-se um campo de disputa que pode ser orientado para elevar ou para subverter regimes dominantes[3].

Fato é que com a expansão da tecnocultura foi disseminada uma crença, pelos grandes promovedores dela — a mídia digital — de que “vivemos em uma sociedade conectada” e que, por isso, precisamos estar conectados a todo o momento. Ou seja, foi desenvolvido o pensamento de que todos nós, sapiens no século XXI, precisamos — ou melhor, necessitamos — nos fazer representados no meio virtual, uma vez que isso estimula a globalização e a imersão em um mundo cada vez mais “feliz” e conectado. Conectar para existir.

No entanto, existem aqueles que não querem que a sua relação com a tecnologia se desenvolva dessa forma, não querem ter uma representação virtual de si mesmos e não se sentem confortáveis com a “pressão social” deste século. Estes são os atuais outsiders[4] do sistema tecnológico. Esse conflito entre tradição cultural e vontade fez com que fosse criado um movimento contrário à tecnologia, por volta de 1990, o chamado neoludismo. Este seria a reformulação do ludismo, movimento ocorrido durante um breve período da Primeira Revolução Industrial (1811-1812), no qual os homens promoviam a destruição de máquinas, uma vez que acreditavam que elas ameaçavam os seus postos de trabalhos. Desconectar para existir.

O neoludismo questiona o culto à tecnologia e o impacto dela no coletivo, não se autodenominando avesso à tecnologia, mas apenas consciente do seu papel e da sua representação no meio social. Claro, como em

qualquer movimento, existem personagens que de fato abominam o uso da tecnologia. Contudo, numa era de extremos[5], parece que precisamos escolher entre estar super conectados ou super desconectados.

A verdade é que o ser humano sempre constrói tradições, cria regras, costumes, normas e em contrapartida, ele questiona essas mesmas tradições e sempre as destrói ou as reformula. Isso é natural e parte de toda construção histórica da sociedade. Dessa forma, o atual conflito existente na tecnocultura é apenas um movimento histórico da pós-modernidade. Sobre esse conflito, vale ressaltar a reflexão da filósofa Maria Lucia de Arruda Aranha[6]:

A condição humana é de ambiguidade porque o ser do homem não pode ser reduzido a uma compreensão simples, como aquela que temos dos animais, sempre acomodados ao mundo natural e, portanto, idênticos a si mesmos. O homem é o que a tradição cultural quer que ele seja e também a constante tentativa de ruptura da tradição. Assim, a sociedade humana surge porque o homem é um ser capaz de criar interdições, isto é, proibições, normas que definem o que pode e o que não pode ser feito. No entanto, o homem é também um ser capaz de transgressão. Transgredir é desobedecer. Não nos referimos apenas à desobediência comum, mas àquela que rejeita as fórmulas antigas e ultrapassadas para instalar novas normas, mais adequadas às necessidades humanas diante dos problemas colocados pelo existir. A capacidade inventiva do homem tende a desalojá-lo do “já feito”, em busca daquilo que “ainda não é”. Portanto, o homem é um ser da ambiguidade em constante busca de si mesmo.

Somos, portanto, ambíguos, transgressores, eternamente insatisfeitos com as regras e padrões que nós mesmos criamos e alimentamos diariamente. E nessa busca pelo existir, independente de estarmos conectados ou desconectados, fato é que acreditamos que perdemos um pedaço de nós para o virtual, para o nosso ser animado; que deixamos de ser algo, que em algum momento nos desencontramos de nós mesmos seja pelo uso excessivo, seja pelo receio de usar, e o “Quem sou eu?”, passou a ser mais o “Quem somos nós?”.

[Disponível em: <https://outraspalavras.net/internetemdisputa/neoludismo-desconectar-para-encontrar/>]

A partir da leitura do texto de apoio, busque refletir sobre as questões que ele levanta e responda às seguintes perguntas:

- a) é válida a pergunta “quem sou eu”?
- b) se não é, por quê?
- c) se é, que resposta razoável poderia dar a tal questionamento, considerando a contemporaneidade?

Tema 11

Responda, objetivamente, à seguinte pergunta: **o que é um ato corrupto?**

Texto I: vídeo do Karnal curto e objetivo.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QsVoxZnyWk>

Texto II: origem latina da palavra “corrupção”

Corrupção vem do Latim *corrumpere*, “destruir, estragar”, de *com-*, intensificativo, mais *rumpere*, “quebrar, partir, arrebentar”.

Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/palavras/corruptao/>

Texto III: um belo apanhado filosófico sobre os princípios éticos que fundamentam os conceitos de idôneo e corrupto.

Todos os dias nos deparamos com escandalosos casos de corrupção, ativa ou passiva, tanto no Brasil quanto no exterior, praticados especialmente nas relações promíscuas entre políticos e empresários. A corrupção é definida como o ato de solicitar ou receber alguma vantagem indevida, segundo a “lei de Gerson”: “levar vantagem em tudo”, não importando o meio para se alcançar o que se almeja. Tanto o corrupto como o corruptor praticam algo ilícito, passível de reprovação jurídica, em notório conflito com os princípios elencados por Ulpiano: “viver honestamente (*honeste vivere*), não lesar ninguém (*neminem laedere*), dar a cada um o que lhe pertence (*suum cuique tribuere*)”. Sob o ponto de vista legal, há a previsão de uma série de sanções para os casos da conduta corrupta.

Mas não apenas o Direito recrimina a corrupção; também a reflexão ética reprova tal conduta. A Ética é a área da Filosofia que tem a ver com o estudo das normas, princípios que norteiam o agir humano. A palavra, de origem grega, significa etimologicamente hábito, costume e é objeto de reflexão filosófica há mais de vinte e cinco séculos. Já em Sócrates, Platão e Aristóteles, encontramos profundas reflexões sobre temas éticos.

“Sócrates afirma ser preferível sofrer uma injustiça a cometer algo injusto. Em sua visão, é necessário respeitar as leis da cidade e cumprir sempre os termos de um acordo justo. Por isso, considera inadmissível que seus amigos cometam algo ilícito para reparar a injustiça que Atenas praticara com ele, recusando qualquer vantagem indevida.”

xemplo disso é o diálogo de Platão intitulado “Críton”, em que a seguinte situação é relatada: Sócrates foi acusado, julgado e condenado à morte. Críton, um amigo de Sócrates, tenta persuadi-lo de fugir da prisão, dizendo, inclusive, que ele e seus amigos providenciariam meios para o suborno dos guardas. Apresenta vários argumentos que justificariam a fuga, mas Sócrates refuta o plano de Críton. Ainda que considere infundada sua condenação, Sócrates afirma ser preferível sofrer uma injustiça a cometer algo injusto. Em sua visão, é necessário respeitar as leis da cidade e cumprir sempre os termos de um acordo justo. Por isso, considera inadmissível que seus amigos cometam algo ilícito para reparar a injustiça que Atenas praticara com ele. Assim, Sócrates, na Antiguidade, dá uma resposta clara a tentativas de corrupção, ao recusar qualquer vantagem indevida.

Essa negação categórica da corrupção apresenta-se também na Ética do filósofo Immanuel Kant, muitos séculos depois. Para ele, o ser humano terá de agir corretamente “por dever”, não meramente “conforme o dever”. Isso quer dizer que a ação verdadeiramente moral é aquela que é motivada pelo dever e não a que tem a mera aparência de dever. Se um comerciante, num exemplo dado por Kant, devolve o troco certo ao cliente, não porque tem a convicção de que essa é a atitude correta, mas apenas por medo de perder a clientela, não está agindo moralmente, pois, para o filósofo, o ser humano deve agir corretamente sem fazer um cálculo das consequências.

Na ética kantiana, a pessoa nunca pode admitir a exceção, pensando, por exemplo, que, apesar de ser imoral mentir, vai se permitir tal atitude. Para Kant, devo sempre agir querendo que todos ajam como estou agindo!

E seguramente ninguém gostaria que a mentira se tornasse uma prática universal. Ainda que, eventualmente, dizer a verdade possa-me trazer algum prejuízo, nunca devo permitir-me a exceção. Portanto, numa perspectiva kantiana, a corrupção é algo deplorável, porque a motivação do ser humano deve ser sempre o dever e não a indevida vantagem pessoal. Ao buscar o proveito pessoal, instrumentalizo os demais. Segundo Kant, no entanto, o ser humano deve ser sempre tratado como fim em si mesmo, e nunca como mero meio do meu proveito pessoal.

A corrupção não provoca apenas descrença nas instituições, quando praticada por agentes públicos. Não apenas traz grandes prejuízos à coletividade, ao desviar recursos vultosos que deveriam ser aplicados, por exemplo, na saúde e na educação. Além desses enormes malefícios, espero ter mostrado, com os exemplos de Sócrates e Kant, que a corrupção é o resultado da violação de elementos morais basilares que possibilitam a nossa convivência em sociedade.

“O filósofo Immanuel Kant diz que o ser humano terá de agir corretamente ‘por dever’, não meramente ‘conforme o dever’. Isso quer dizer que a ação verdadeiramente moral é aquela que é motivada pelo dever e não a que tem a mera aparência de dever.”

Disponível em: <http://www.pucrs.br/revista/etica-e-corrupcao/>

Tema 12

Escreva um texto dissertativo-argumentativo sobre o seguinte tema: **a violência como parte da cultura**

TEXTO I

Violência: Um Complexo Fenômeno Sócio-Cultural Universal

Valéria Cristina de Carvalho

Educadora Física - Universidade de Votuporanga (SP) - UNIFEV INTRODUÇÃO

A violência que atinge crianças e adolescentes é um problema social e de saúde pública dos mais importantes, tanto na realidade brasileira atual, quanto mundial. Não respeita fronteiras e classes sociais, raça e etnia, religião, idade ou grau de parentesco (Adeodato, et al, 2005).

O termo violência deriva do latim violentia (qualquer ato ou conjunto de ações realizadas, utilizando-se vis, que signifi ca força e vigor), é um comportamento que causa dano a outra pessoa, ser vivo ou objeto; é o uso excessivo de força além do necessário ou esperado.

As raízes e as manifestações da violência são múltiplas e tem atingido proporções consideradas epidêmicas. O controle e a prevenção da violência passou a ser um problema de saúde pública, demandando intervenções em diferentes níveis.

As consequências para a Qualidade de Vida individual, familiar e comunitária da violência são indubitáveis. Porque estudar a violência contra criança e o adolescente? Crianças agredidas e maltratadas em um âmbito geral serão os prováveis futuros agressores. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma criança vítima 150 de violência no primeiro ano de vida, terá maior tendência a ser violenta e à criminalidade na idade adulta.

O Brasil pode e tem condições para a efetiva participação comunitária na promoção da saúde e para a Qualidade de Vida com ações voltadas às comunidades mais carentes e incluindo pais, educadores físicos e demais professores.

[disponível em: https://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/deafa/qvaf/saude_coletiva_cap20.pdf]

TEXTO II

O relatório mundial sobre violência e saúde, produzido pela OMS em 2002, dá conta de que talvez a violência sempre tenha participado da experiência humana, uma vez que o seu impacto pode ser visto de várias formas e em diversas partes do mundo. Para a OMS, e, de acordo com o referido relatório, a violência pode ser conceituada como

“O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.”

Nesses termos, interessa-nos que para além do uso da força física, a OMS considera como violência aqueles atos que resultam de uma relação de poder, incluindo aí, ameaças, intimidações, negligência e atos de omissão. Além disso, quando da complexa tarefa de conceituar a intencionalidade nesse contexto de violência, o mesmo relatório dá conta de que a violência é determinada culturalmente, pois

“Algumas pessoas tencionam ferir os outros, mas, com base em seus antecedentes culturais e suas crenças, não percebem seus atos como violentos.”

Não por menos, Pozzebon (2012) dá conta de que é Gauer quem situa a questão da violência presente em nosso cotidiano como um dos fenômenos sociais mais inquietantes do mundo atual, aduzindo, de acordo com as suas próprias palavras:

“A violência é um elemento estrutural, intrínseco ao fato social e não um resto anacrônico de uma ordem bárbara em vias de extinção. Está presente em todas as sociedades e civilizações contemporâneas, tanto nas grandes sociedades como nos recantos mais isolados.”

O mesmo autor, então, afirma que atualmente quando se fala em violência, deve ela ser analisada como um produto decorrente da própria estrutura da nossa sociedade contemporânea, sendo que todos nós somos responsáveis por ela, na medida em que fazemos parte deste contexto. Também, aduz assim que a violência não é algo externo a nossa cultura, mas inserida nesta, pois não há como se pensar ela isoladamente enquanto produção social, independente do modo como se articulam as relações sociais.

Mas, e o que é cultura? Não desconhecemos a dificuldade de sua conceituação e tampouco o fato de diversas abordagens existirem a respeito do tema, mas tomamos enquanto conceito para os nossos fins nesse espaço, a definição de Lola Aniyar de Castro, citada por Shecaira (2013), no sentido de defini-la como

“um conjunto de símbolos, de significados, de crenças, de atitudes e de valores, que têm como característica o fato de serem compartilhados, de serem transmissíveis e de serem apreendidos. Quando esta cultura penetra na personalidade, o faz através de um processo que se denomina de socialização.”

Não é por acaso, portanto, que Pozzebon (2012) irá referir que esta violência que compõe a cultura como um dos seus elementos nucleares, conduz a sociedade contemporânea a uma orgia de sadismo e crueldade, que acaba sendo naturalizada e banalizada, revelando o total desrespeito e desconsideração pelo outro.

[Disponível em: <https://canalcienciascriminais.com.br/a-cultura-da-violencia/>]

Tema 13

Cite uma leitura marcante que você tenha feito e explique o porquê de a leitura escolhida ser tão especial

TEXTO I

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (A palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele). (...) Se for capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo”.

(Paulo Freire – Abertura do Congresso Brasileiro de Leitura – Campinas, novembro de 1981).

TEXTO II

Se para Monteiro Lobato um país se faz de homens e livros, para os governantes diferente não poderia ser. O papel da leitura na formação de um indivíduo é de notória importância. Basta-nos observar a relevância da escrita até mesmo na marcação histórica do homem, que destaca, por tal motivo, a pré-história.

Em uma esfera mais prática, pode-se perceber que nenhum grande pensador fez-se uma exceção e não deixou seu legado através da escrita, dos seus livros, das anotações. Exemplos não são escassos: de Aristóteles a Nietzsche, de Newton a Ohm, sejam pergaminhos fossilizados ou produções da imprensa de Gutenberg, muito devemos a esses escritos. Desta forma, iniciarmos o nosso processo de transformação adquirindo tamanha produção intelectual que nos é disponibilizada.

A aquisição de idéias pelo ser humano apresenta um grande efeito colateral: a reflexão. A leitura é capaz de nos oferecer o poder de questionar, sendo a mesma freqüente em nossas vidas. Outrossim, é impossível que a nossa visão do mundo ao redor não se modifique com essa capacidade adquirida.

Embora a questão e a dúvida sejam de extrema importância a um ser pensante, precisam ter um curto prazo de validade. A necessidade de resposta nos é intrínseca e gera novas idéias, fechando, assim, um círculo vicioso, o qual nos integra e nunca terminamos de transformar e sermos transformados.

A leitura é a base para o desenvolvimento e a integração na sociedade e na vida, porquanto viver não é apenas respirar. Se Descartes estiver certo, é preciso pensar. Pensando, poderemos mudar o quadro negro do país e construir o Brasil de Monteiro Lobato: quadro negro apenas na sala de aula, repleto de idéias, pensamentos, autores, repleto de transformação e de vida.

Redação Nota 1000, Enem 2006

Tema 14

Responda, objetivamente, à seguinte pergunta: **qual o papel do jornalismo hoje em dia?**

TEXTO I

Penso que o papel do jornalista, na sociedade do consumo, é interpretar e traduzir informações. Não cabe a ele apenas informar. Devido à saturação da informação, cabe ao jornalista interpretá-la, atribuindo-lhe sentido e precisão na produção de um bem intelectual que dê ao receptor a possibilidade de refletir e, também, de interpretar. É aí que reside a grandeza de um texto e só então pareceria correto atribuir ao jornalismo o papel de auxiliar na difusão do conhecimento.

O ato de informar consiste em transmitir dados técnicos sobre determinado fato. Estes dados, tal qual o lead, não possibilitam percepção de atmosfera, conjuntura emocional e emissão das particularidades de um fato. A absorção da informação calcada na objetividade jornalística esfria as capacidades emocionais e afeta o entendimento do universo particular de uma ocorrência por parte do receptor.

Ser objetivo não é ser pouco preciso. É possível ser objetivo em um texto jornalístico e descrever um acontecimento com precisão e técnicas narrativas literárias que lhe componham as sutilezas que permeiam a história humana. Inclusive o lead, ou “guia”, possui imenso valor às narrativas não ficcionais, portanto este ensaio não prega sua abominação, apenas uma mudança ótica e executiva.

[Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/_ed743_sobre_o_papel_social_do_jornalismo/]

TEXTO II

Por Dal Marcondes, da Envolverde*

O jornalismo editorialmente independente e economicamente sustentável é a melhor garantia que uma sociedade pode ter para a manutenção da democracia

Em qualquer lugar onde dois ou mais jornalistas se reúnem, o jornalismo se torna o assunto principal. A crise do jornalismo, as demissões nos grandes jornais, as novas mídias e as mídias sociais. Afinal, qual seria o papel do jornalismo nesse mundo em transição? Uma definição corrente é que o jornalismo é o principal instrumento da sociedade para a garantia da democracia. No entanto, de que jornalismo se está falando? Daquilo que se pratica nas redações dos grandes jornais, nos telejornais, nos blogs, nos meios alternativos ou nas mídias sociais? Segundo os participantes da mesa de debates “O Papel do Jornalismo nas sociedades democráticas”, que aconteceu no segundo dia do 9º Congresso GIFE, emblematicamente 31 de março, não importa muito onde se está praticando o jornalismo. O fundamental é que seja independente.

O jornalismo independente, segundo Ricardo Gandour, diretor de conteúdos do Grupo Estado, é fundamental não apenas para a democracia, mas também para a qualidade do ambiente de negócios no país. “A transparência e o fortalecimento do ambiente informativo estão entre os fundamentos de uma sociedade livre”, explicou. No entanto, essa independência editorial está umbilicalmente ligada à independência financeira dos veículos. Ele acredita que o jornalismo “é uma atividade privada de alto interesse público”, e que a crise de modelo de negócios que a mídia vem atravessando exige das organizações muita criatividade para bancar uma atividade fundamental para a sociedade, mas cara para os empreendedores.

Em um debate com plateia formada principalmente por gestores de organizações filantrópicas empresariais, o financiamento ao jornalismo emergiu como pauta, principalmente pelos diagnósticos dos participantes, que apontaram para a necessidade de um jornalismo capaz de oferecer uma visão plural à sociedade, no entanto incapaz de abraçar essa tarefa por falta de investimentos. Para Pedro Abramovay, representante da *Open Society Foundations*, os institutos e fundações empresariais estão bastante habituados a financiar “causas”, aportar recursos em projetos ou mesmo contratar jornalistas para que escrevam sobre um determinado assunto de interesse da organização. “Mas não conseguem ver, ainda, o próprio jornalismo como uma causa”, explicou.

Abramovay frisou a importância do jornalismo independente para o fortalecimento das instituições democráticas, e pontuou que não há como se avançar nesse debate sem se falar em dinheiro. E alertou: “Um negócio que tem poder, mas não dá dinheiro pode ficar à mercê de interesses econômicos e não a serviço dos interesses da sociedade”. Para o representante da *Open Society*, a sociedade está preocupada com a democracia mas ainda não se apercebeu que a crise do jornalismo é um risco para a independência dos conteúdos que se oferece para a sociedade e, portanto, um risco para a própria democracia.

[Disponível em: <http://envolverde.cartacapital.com.br/o-papel-do-jornalismo-nas-sociedades-democraticas/>]

Tema 15

Escreva um texto dissertativo-argumentativo sobre o seguinte tema: **A importância do desenvolvimento da oralidade na vida escolar**

TEXTO I

Por alguns instantes, volte ao passado: algum professor ajudou você a saber como falar? Salto para o presente: na sua prática em sala, você se preocupa em abordar conteúdos da oralidade? É possível que a resposta às duas perguntas seja a mesma: um sonoro “não”.

A razão é compreensível. Existe a ideia corrente de que não é papel da escola ensinar o aluno a falar - afinal, isso é algo que a criança aprende muito antes, principalmente com a família. Meia verdade. Há nessa concepção um erro grave de reduzir a oralidade à fala cotidiana, informal, representada pelos bate-papos e pelas conversas do dia-a-dia. O fato é que, sob a denominação genérica de “linguagem oral”, encontram-se diversos gêneros: entrevistas, debates, exposições, diálogos com autoridades e dramatizações. Em relação a todos eles, o professor tem um papel importante.

“Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais”, afirmou o psicólogo suíço Bernard Schneuwly em entrevista à NOVA ESCOLA em 2002. Considerado um dos maiores estudiosos sobre o Desenvolvimento da oralidade, ele defende que os gêneros da fala têm aplicação direta em vários campos da vida social - o do trabalho, o das relações interpessoais e o da política, por exemplo.

Esforço contínuo

Uma primeira medida para resgatar a importância do tema é investir na abordagem sistemática. A estratégia que deve permear todas as fases da escolarização é iniciar o trabalho pelas situações comunicativas praticadas naturalmente em sala de aula. Partindo dessa perspectiva, o Centro Educacional São Camilo, em Cachoeiro de Itapemirim, a 130 quilômetros de Vitória, decidiu trabalhar o seminário como uma atividade permanente desde o início do Ensino Fundamental (veja a foto à esquerda). E não apenas nas aulas de Língua

Portuguesa: pesquisas e trabalhos de campo de História, Geografia e Ciências, antes restritos à entrega em papel, são apresentados para toda a turma na forma de exposição oral. “Com a experiência constante, os estudantes avançam em todas as etapas do trabalho: passam a fazer pesquisas mais profundas, descobrem o que pode ser utilizado na apresentação e mostram mais desenvoltura na hora de expor o assunto”, diz a coordenadora pedagógica Edna Valory (leia no quadro acima os conteúdos desse tipo de atividade).

No seminário, como em qualquer outro gênero, o fundamental é conseguir que ele faça sentido aos alunos. Para isso, o professor deve debater com a turma o propósito da atividade: por que estamos fazendo essa pesquisa? Quais os critérios para selecionar o que aprendemos e merece ser apresentado? De que forma ele pode interessar ao público? “O seminário tem de ter uma finalidade maior do que ser apenas uma apresentação. Caso contrário, o trabalho corre o risco de se tornar desmotivante”, explica Roxane Rojo, professora do Departamento de Linguística Aplicada da Universidade de Campinas. Depois, é partir para o detalhamento dos procedimentos que sustentam a apresentação oral (leia se quântia didática com etapas da atividade ao lado).

[Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/315/oralidade-a-fala-que-se-ensina?gclid=Cj0KQCQiA-onjBRDSARIsAEZxcKbwCvsn3RjQkdhfxu9a5QgKA6OGV57mQpH4ufCpKC3Fh2DaF12T1JkaAolGEALw_wcB]

TEXTO II

A linguagem oral é o sistema pelo qual o homem comunica seus sentimentos e ideias, acontece através da fala, não é um processo inato, é uma habilidade que se constrói no âmbito social, ou seja, a criança nasce com a capacidade para desenvolvê-la, e a figura materna tornase uma das principais fontes de colaboração nesse processo.

Toda comunicação se faz na interação, é impossível pensar em palavras, linguagem, sem ser na interação com o outro. As palavras possuem seus significados, não sendo o mesmo para todas as pessoas, o sentido se dá a partir da interação do sujeito como seu interlocutor nos diferentes discursos. (BAKHTIN, apud AUGUSTO, 2011).

Em primeiro lugar, vamos tratar o desenvolvimento da oralidade na perspectiva Vigotskiana. Nesta perspectiva a relação do ser humano com o mundo é estabelecida por meio da linguagem. Vigotski (1984) afirma que o contato da criança com a linguagem é através da relação com o outro.

Quando a mãe trata de maneira significativa os balbucios das crianças conversando com elas, ela transmite como funciona o discurso em nossa língua, e torna a criança um sujeito falante.

A aquisição da língua não é um processo apenas natural, para aprender a falar é preciso compreender a linguagem, a mediação do adulto é fundamental nesse processo, é como se fosse um ponto de referência para a compreensão da linguagem. “Nesse sentido pode-se dizer que o adulto é a [...] instância da língua constituída” (VIGOTSKI, 1984, p. 53).

Dessa forma, conforme afirma Augusto (2011), o papel do adulto é essencial na mediação dos discursos infantis, então ao conversar o professor encontra ali um sujeito com características próprias de pensamento o professor faz-se entender e as crianças pensam o mundo com os seus recursos com o que lhes são próprios.

[disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200343.pdf>]

Tema 16

Escreva um texto dissertativo-argumentativo sobre o seguinte tema: **O desenvolvimento dos condomínios como uma nova forma de urbanidade**

TEXTO I

Introdução A noção de condomínio habitacional fechado (CHF) carece de contornos consensuais. Tal como a própria origem destes empreendimentos, esses contornos constituem motivo de debate entre os investigadores que se dedicam ao estudo do surgimento e expansão dos CHF. Este último fenómeno assume, de resto, uma visibilidade marcadamente conflitual. Tanto na esfera pública mais alargada, como no debate académico, a sua visibilidade é alimentada por concessões que sobre o mesmo projetam, sobretudo no que respeita aos seus impactes, um conjunto vasto de perigos e de potencialidades (Martins, 2009: 117).

Este artigo persegue, como primeiro objetivo, notar as imprecisões históricas e conceptuais de que se revestem algumas das analogias e comparações referidas. Embora metaforicamente poderosas, defende-se, elas podem dificultar a análise sobre o que está em jogo em cada uma das realidades que mais ou menos retoricamente se tende a aproximar. O esclarecimento da ancoragem histórica e conceptual a que nos atemos quando falamos de CHF impõe-se, nesse âmbito, como ponto inicial no texto. As clarificações históricas e conceptuais articulam-se, depois, com a apresentação de resultados de investigação realizada na Área Metropolitana de Lisboa (AML) (2001- 2007) sobre o surgimento e expansão dos CHF.

Condomínios habitacionais fechados. Ancoragens históricas incertas, reedições modernas A clausura formal não é uma originalidade ou traço exclusivo dos CHF. Por aí parece passar, todavia, a propósito das suas origens longínquas, o paralelo estabelecido entre estes empreendimentos e a cidade medieval. Esta última parece distante das remotas procedências históricas dos CHF, inclusivamente estando ausente no marketing dedicado à sua promoção; a heterogeneidade social inscrita na configuração interna do espaço e quotidiano nesses aglomerados seria, ainda, um traço que social e simbolicamente, essencialmente, os afasta dos empreendimentos presentemente em exame (Raposo, 2002). Também o usufruto de amenidades não constitui uma originalidade ou especificidade dos CHF. O princípio que permite situar os antecedentes dos mesmos residirá, sim, conforme proposto por Maria Rita Raposo, na especificidade da conjugação, nestes empreendimentos, das dimensões de clausura (impermeabilidade física dos perímetros e dispositivos/práticas de controlo da acessibilidade/circulação) e usufruto de amenidades (equipamentos e/ou serviços de uso coletivo) com “a propriedade privada colectiva ou comum (e/ou usufruto) de espaços exteriores associados à função residencial (...) indissociável da propriedade privada e individualizada de fracções ou unidades de habitação autónomas” (2002: 55, 59-60).

[Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/11879.pdf>]

TEXTO II

No Brasil, assim como em outros países da América Latina, o processo diferencia-se daquele ocorrido nos Estados Unidos, por ter iniciado com a dispersão de assentamentos de baixa renda, desencadeada pela industrialização. Núcleos habitacionais distantes das cidades foram implantados para suprir a demanda por moradia, principalmente da população ligada ao trabalho operário das atividades industriais. Contudo, o que se percebe é que nos últimos vinte anos se multiplicam, nas cidades brasileiras, bairros de classe média e alta em áreas afastadas de centros urbanos, de maneira muito semelhante ao que já ocorria nos Estados Unidos a partir de meados do século passado. A procura por moradias em condomínios e lotea-

mentos fechados em zonas afastadas das cidades, por parte das camadas de média e alta renda, aumentou significativamente nos últimos anos, revelando uma tendência cada vez mais forte.

Pode-se dizer que estamos diante de uma convergência quase que mundial a um padrão de urbanização que tende à dispersão, ou seja, um crescimento urbano disperso e fragmentado, e com significativo aumento da expansão urbana periférica de baixa densidade. Muitos autores acreditam que essas mudanças nos padrões de urbanização devam ser contextualizadas dentro de um quadro de mudanças mais abrangente, que vem ocorrendo nas últimas décadas, envolvendo questões de ordem econômica e social, e que tende à urbanização total do território. O desenvolvimento de tecnologias de transporte e comunicação possibilitou tais mudanças, na medida em que deu mais flexibilidade à localização das atividades.

As configurações urbanas que tendem à dispersão, no entanto, coexistem com as antigas estruturas densas e compactas, e ainda que haja, de fato, uma tendência ao crescimento urbano disperso, o crescimento urbano por densificação de estruturas existentes também ocorre.

[Disponível em: <https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/163/163-306-1-SP.pdf>]

Tema 17

Escolha um filme que tenha marcado sua vida. Explique, com argumentos, por que este filme (e não outro) e em que aspecto ele é marcante.

TEXTO I

Nenhum filme é só um filme. Cinema é importante demais para um filme ser só um filme. Como instrumento de discussão social e espelho da nossa sociedade, assim como qualquer outra forma de arte e entretenimento, o cinema frequentemente aborda temas e discussões muito atuais, mesmo que de forma mais sutil do que se pode imaginar. No entanto, lendo sobre cada um dos oito indicados a Melhor Filme nas redes sociais por aí, fica fácil achar que muitos desses filmes são de pouca ou nenhuma consequência nesse sentido de comentário social.

De fato, quando o filme não se baseia em um fato muito pontual que o liga a nossa realidade atual, muita gente automaticamente o dispensa como documento histórico, pedaço de entretenimento, ou uma história fácil qualquer. Não é bem assim. Dos oito indicados a Melhor Filme (e vários que nem entraram na disputa), quase todos se conectam a discussões e temas muito presentes e muito importantes.

Os mais óbvios nesse sentido são, é claro, **A Grande Aposta** e **Spotlight: Segredos Revelados**. O primeiro destrincha a crise econômica de 2008, nos explicando (de forma bastante didática, diga-se) por que talvez não tenhamos nos indignado com a atuação dos grandes bancos na história toda tanto quanto deveríamos. Deixando claro que as consequências da crise ainda são muito atuais em pleno 2016, e que o sistema financeiro aprendeu pouco ou nada com o colapso que sofreu (em grande parte porque o dinheiro governamental os resgatou temendo pelo futuro da economia mundial), **A Grande Aposta** se posiciona como uma história vital, um docudrama que abusa da criatividade para mostrar a essencial perversidade de um sistema no qual o nosso mundo todo está apoiado. E o filme de Adam McKay não absolve seus personagens, que também lucram com a derrocada da economia – nesse jogo, só há vítima e algoz, não mocinho.

[Disponível em: <https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/artigos/2016/02/oscar-2016-a-importancia-e-o-papel-social-dos-filmes-indicados>]

TEXTO II

Quando levei meus netos para assistirem ‘Hidden Figures’ o fato de as pessoas negras terem de usar banheiros separados e viajar na parte de trás de um ônibus era algo inimaginável para eles.

Quando era ainda um menino e vivia na Geórgia, minha mãe sempre dizia, ‘beba um pouco de água agora’ e ‘use o banheiro antes de sairmos’, quando íamos ao centro da cidade, porque assim não precisaríamos beber na fonte de água para pessoas de cor, ou usar o banheiro separado.

Recentemente, quando assisti a *Hidden Figures (Estrelas além do tempo)*, um filme notável narrando a história de três mulheres afro-americanas na NASA e ambientado nos anos 60, momentos intensos durante o filme me levaram de volta àquela época.

No filme, a personagem interpretada por Octavia Spencer, diz a seus filhos, quando estão sentados na parte de trás do ônibus, que ela é uma cidadã que paga seus impostos e tem direito a retirar um livro da biblioteca. Posso ouvir a voz da minha mãe na personagem. Quando nos sentávamos na parte traseira do bonde ela sempre dizia a meus irmãos e irmãs: “só porque vocês estão sentados na parte de trás não significa que essas pessoas brancas são melhores do que vocês”.

Mas era fácil ter essa impressão. Na banda da minha escola eu tocava uma tuba em péssimas condições que fora dada por uma das escolas para brancos. Em 1952 o livro de geometria plana que me foi dado pela escola estava em frangalhos e tinha sido usado pela primeira vez por alunos brancos em 1935, ano em que nasci. O dinheiro desembolsado para a educação, por estudante, nas escolas de Atlanta, era quatro vezes maior para os alunos brancos do que para nós.

A divisão é sempre um produto da suposição - supor que nossa história é a única história, que nossas vidas são mais difíceis do que as dos outros, ou que as pessoas que não gostam de você não têm o direito de viver e trabalhar para realizar o sonho americano.

Mas por mais dividida que a vida neste país possa se tornar, o cinema é sempre um lugar onde podemos redescobrir o que nos une. E esta é uma verdade que ainda prevalece hoje. E o que ajuda é o fato de o público agora estar mais diversificado do que nunca, não apenas em termos do que parece, mas na maneira como vive sua vida.

Quando levei meus netos para assistirem *Hidden Figures* o fato de as pessoas negras terem de usar banheiros separados e viajar na parte de trás de um ônibus era algo inimaginável para eles. E eu me senti aliviado por eles não sofrerem hoje aquele tipo de discriminação. Na verdade, alguns durante sua vida conviveram com um presidente negro. Mas isto me lembrou que quando entramos em um cinema, cada um carrega suas próprias experiências.

[Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,o-poder-dos-filmes-para-mudar-nossos-coracoes,70001673814>]

Tema 18

Responda, objetivamente, à seguinte pergunta: **como percebemos o tempo na contemporaneidade?**

As representações compartilhadas pelos membros de uma sociedade são de fundamental importância para caracterizá-la, para dar conta do seu verdadeiro perfil e possibilitar, ao mesmo tempo, o reconhecimento de seus integrantes como participantes dela. Por um lado, essa consideração deixa claro que o conjunto de significações compartilhadas, o conjunto de representações que os homens têm a respeito de “sua” sociedade, a maneira como a pensam e como a vêem, é o que permite que a mesma permaneça, com um determinado contorno, identificável e reconhecível; por outro, possibilita esclarecer que o perfil dos participantes de uma dada sociedade deriva dessas representações: é através delas que a sociedade cria homens e mulheres adequados a suas necessidades; é a partir delas que se desenvolvem os processos de introdução dos que nascem nos meandros da sociedade que os recebe.

Tempo, indivíduo e modernidade

Não se pode esquecer, os seres humanos são constituídos pela sociedade onde se inserem. A importância desse vínculo é ressaltada na teoria social pela indicação de que a sociedade “fabrica” aqueles que dela participam conformes às significações que a caracterizam, dando-lhe — e a eles — uma identidade. Somente no momento histórico em que as noções de progresso, razão, produção e acumulação adquirem tanta ênfase é que se pode perceber o aparecimento da idéia de que são indivíduos isolados, independentes de seu grupo familiar ou de localidade, os que constroem o mundo.

A concepção de *indivíduo* é, assim, contemporânea do mesmo processo que fez emergir a dupla significação acima apontada. Ao mesmo tempo que supõe a competência humana para delinear projetos de vida, essa noção sugere capacidade de auto-controle e de auto-regulação. Refere-se a alguém cujas potencialidades não estão impedidas de realização por quaisquer espécies de vínculos com o passado, alguém capaz de construir uma história pessoal, independente do grupo ao qual pertença. Ao mesmo tempo, aponta para a possibilidade de auto-constituição e de projeção de um futuro, o que requer a crença de que inexistente, para a vida humana, qualquer predeterminação. O que está implícito nesta forma de conceber é que a vida de cada um é sua propriedade e o ser humano será aquilo que fizer de si próprio.

Quando se fala de individualidade, está implícita, portanto, a possibilidade de auto-reflexão, de crítica, de liberdade. Nesse sentido, o traçado da vida do indivíduo é, ao menos em parte, *eleição*. *Seu destino não está fora dele*, não é determinado externamente: é *seu* destino, no sentido forte. Como consequência, a realização individual exige que cada pessoa deixe marcas de sua passagem, marcas estas que caracterizarão a plenitude ou o vazio de uma existência.

A forma histórica de sociabilidade que emergiu no período moderno e que possibilitou o surgimento do conceito de indivíduo livre, bem como sua existência empírica, concretizou também a vigência de uma nova noção de tempo. Não mais o tempo circular, mas o tempo linear, percebido como fluxo mensurável, divisível, homogêneo, uniforme, aritmetizado; também, tempo progressivo, de acumulação, de racionalização, de conquista da natureza, vivido como sendo de crescimento ilimitado, de aproximação cada vez maior de um saber exato total (Castoriadis, 1982, p.244).

Esse novo tempo possibilita a clara distinção entre um “antes”, um “agora” e um “depois”; essa temporalidade já supõe, tanto para os seres humanos tomados individualmente, como para a sociedade em seu conjunto, a existência de um passado, de um presente e de um futuro. O presente aparece, ao mesmo tempo, como momento de passagem entre o passado e o futuro e como ponto de partida para novas experiências. A vida surge como espaço de construção — das próprias pessoas, da sociedade, do futuro, de um projeto — possibilitado pela experiência fornecida pelo passado (Heller, 1982, p.141-62).

A orientação para o futuro, que tende a prevalecer, e a ausência de liames com o passado que essa concepção envolve, estão vinculadas à forma pela qual a humanidade passou a encarar o destino: este não é algo derivado da vontade dos deuses, não lhe é impingido de fora, mas um resultado que decorre da própria ação humana (Heller, 1982, p. 141-62).

[Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/34496>]

Tema 19

Escreva um texto dissertativo-argumentativo sobre o seguinte tema: **Estratégias para desenvolver inteligência emocional**

TEXTO I

Augusto Cury é um dos escritores mais populares do Brasil. Seus livros são publicados em mais de 70 países e já venderam mais de 25 milhões de exemplares somente no País. Médico psiquiatra, o especialista também trabalha como psicoterapeuta, pesquisador e coaching.

Nesta entrevista exclusiva ao Tribuna, Cury – autor da Teoria Inteligência Multifocal – analisa o processo de construção dos pensamentos e dá dicas de como as pessoas podem controlar as emoções para ter uma vida melhor. Idealizador do programa da Escola da Inteligência, o médico frisa que atua na área da educação com o objetivo de contribuir no desenvolvimento da inteligência socioemocional de crianças, adolescentes, adultos e empresas, além de promover cursos voltados ao desenvolvimento humano.

Tribuna – Como a sua teoria da inteligência multifocal pode ajudar as pessoas a terem mais sucesso profissional e mais felicidade na vida pessoal?

Augusto Cury – Dediquei cerca de 30 anos de minha vida aos estudos do funcionamento da mente humana, esse misterioso universo que a cada dia que passa vai se tornando mais complexo e, ao mesmo tempo, mais instigante para mim. Fico muito feliz ao constatar que os anos dedicados aos meus estudos não foram em vão e renderam frutos. A Teoria da Inteligência Multifocal tem auxiliado as pessoas a conhecer a própria mente, a ter um encontro definitivo com o próprio Eu. A felicidade vem daí, do autogerenciamento de suas emoções. A partir do momento em que elas tomam conhecimento de como a mente funciona, saber o que desencadeia pensamentos negativos e emoções não saudáveis, faz com que haja uma tomada de atitude para reverter essa situação. Consequentemente, é mais fácil levar uma vida mais leve e saudável.

Disponível em <http://augustocury.com.br/noticias/-a-felicidade-vem-do-autogerenciamento-das-emocoes>

Acesso em 23/07/2018

TEXTO II

“Inteligência Emocional”, de Daniel Goleman

É o grande clássico sobre o assunto, publicado pela primeira vez em 1995, nos Estados Unidos. Esse livro mudou a forma como se encara a inteligência introduzindo o conceito de duas mentes, a racional e a emocional, como juntas tem impacto no destino do indivíduo.

Reconhecer emoções tem papel central no desenvolvimento da inteligência, já que a incapacidade de lidar com sentimentos pode minar a experiência escolar, acabar com carreiras promissoras e interferir em nossas vidas.

O livro também mostra quais cinco habilidades-chave da inteligência emocional e em que medida elas determinam o êxito nos relacionamentos, trabalho e até no bem-estar físico.

Disponível em: <https://exame.abril.com.br> - Acesso em 23/07/2018

Tema 20

Escreva um texto dissertativo-argumentativo sobre o seguinte tema: **a importância da diversidade linguística como patrimônio cultural**

Texto I:

Os nove idiomas em processo de reconhecimento

Nome da língua	Origem	Onde é falada no Brasil	Quantos falantes
Kuikuro ou Cuikuro	Parque indígena do Xingu	Mato Grosso	522
Guarani-Mbya	Guarani	Todo cinturão central do Brasil	8.400
Ayurú	Tupi	Rondônia	80
Asurini do Tocantins	Xingu/Tupi-Guarani	Tocantins/Pará	154
Juruna	Parque indígena do Xingu	Mato Grosso	241
Talian	Indo-europeu	Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul	500.000
Gira de Tabatinga	Banto	Minas Gerais	20
Jurussaca	Quilombola	Pará	600
L.I.B.R.A.S.	Língua europeia de sinais	Em todo o Brasil	5.000

Texto II

Ministério da Cultura inicia, por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, política de reconhecimento das diferentes línguas e dialetos falados no Brasil através de processos de inventários, apoio a pesquisas, divulgação e promoção

Marcus Vinícius Carvalho Garcia

A diversidade linguística encontra-se ameaçada. Estima-se que entre um terço e metade das línguas ainda faladas no mundo estarão extintas até o ano de 2050. As consequências da extinção das línguas são diversas e irreparáveis, tanto para as comunidades locais de falantes, quanto para a humanidade. Essa percepção se encontra na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, elaborada na cidade de Barcelona, Espanha, em 1996, sob os auspícios da Organização das Nações Unidas Para Educação e Cultura (Unesco) e com a participação de representantes de comunidades linguísticas de diversas regiões do planeta. Segundo este documento, a situação de cada língua é o resultado da confluência e da interação de múltiplos fatores político-jurídicos, ideológicos e históricos, demográficos e territoriais; econômicos e sociais. Salienta que, nesse sentido, existe uma tendência unificadora por parte da maioria dos Estados em reduzir a diversidade e, assim, favorecer atitudes adversas à pluralidade cultural e ao pluralismo linguístico.

O Brasil figura entre os países de maior diversidade linguística. Estima-se que, atualmente, são faladas mais de 200 línguas. A partir dos dados levantados pelo Censo IBGE de 2010, especialistas calculam a existência de pelo menos 170 línguas ainda faladas por populações indígenas. Embora não contabilizadas pelo Censo, pesquisas na área de linguística também apontam para outras línguas historicamente “situadas” e amplamente utilizadas no Brasil, além das indígenas: línguas de imigração, de sinais, de comunidades afro-brasileiras e línguas crioulas. Esse patrimônio cultural é desconhecido ou mesmo ignorado por grande parte da população brasileira.

A historiografia do país demonstra que foi necessário considerável esforço do colonizador português em impor sua língua pátria em um território tão extenso. Trata-se de um fenômeno político e cultural relevante o fato de, na atualidade, a língua portuguesa ser a língua oficial e plenamente inteligível de norte a sul do país, apesar das especificidades e da grande diversidade dos chamados “sotaques” regionais. Esse empreendimento relacionado à imposição da língua portuguesa foi adotado enquanto uma das estratégias de dominação, ocupação e demarcação das fronteiras do território nacional, sucessivamente, em praticamente todos os períodos e regimes políticos. Da Colônia ao Império, da República ao Estado Novo e daí em diante.

Tomemos como exemplo o nheengatu, uma língua baseada no tupi antigo e que foi fruto do encontro, muitas vezes belicoso e violento, entre o colonizador e as populações indígenas da costa brasileira e de grande parte da Amazônia. Foi a língua geral de comunicação no período colonial até ser banida pelo Marquês de Pombal, a partir de 1758, caindo em pleno processo de desuso e decadência a partir de então. Foram falantes de nheengatu que nominaram uma infinidade de lugares, paisagens, acidentes geográficos, rios e até cidades. Atualmente, resta um pequeno contingente de falantes dessa língua no extremo norte do país. É utilizada como língua franca em regiões como o Alto Rio Negro, sendo inclusive fator de afirmação étnica de grupos indígenas que perderam sua língua original, como os barés, arapaços, baniwas e werekenas.

Processo similar, ou mais opulento ainda, ocorreu com a infinidade de línguas faladas na África e que foram também faladas no Brasil devido ao tráfico transatlântico. Línguas dos troncos ewe-fon, nagô-io-rubá e, principalmente, as bantu foram sendo absorvidas pela língua portuguesa em processo similar ao ocorrido com as línguas indígenas, porém, deixando também sua influência principalmente na fonética, na onomástica e no vocabulário do português brasileiro.

LÍNGUAS COMO PATRIMÔNIO

Na última década tem havido grande mobilização de grupos, de organizações de falantes e de pesquisadores no sentido de associar a diversidade linguística como temática inerente a políticas de cultura, mais especificamente na esfera do chamado patrimônio imaterial. Essa mobilização motivou a elaboração do Decreto Presidencial 7.387/2010, que instituiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). O INDL nasce como política interministerial envolvendo Ministério da Ciência, Tecnologia e Informação (MCTI), Ministério da Educação (MEC), Ministério do Orçamento e Gestão (MPOG), Ministério da Justiça (MJ), sob coordenação atual do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), enquanto representante do Ministério da Cultura. Tem como princípios reconhecer as línguas como referência cultural brasileira, valorizando o plurilinguismo; apoiar os processos sociais e políticos que visem à promoção das línguas e de suas comunidades de falantes; pesquisa e documentação, bem como gerir um banco de conhecimentos sobre a diversidade linguística.

Um dos principais desafios para o reconhecimento das línguas minoritárias é constituir, com isso, direitos linguísticos, bem como a elaboração de estratégias que visem instrumentalizar as populações de falantes na preservação e na transmissão de seu patrimônio linguístico. Segundo Célia Corsino, diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial/IPHAN, outro desafio é fazer do Inventário Nacional da Diversidade Linguística um instrumento incluyente e não discricionário, de modo que seja possível se inscrever no INDL todas as línguas faladas no Brasil, em sua plenitude e diversidade.

http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=3053&catid=28&Itemid=39

Tema 21

Responda, objetivamente, à seguinte pergunta: **Para você, qual o maior desafio que um jovem, no séc. XXI, enfrenta na sua escolha profissional?**

TEXTO I

Trecho de artigo apresentado no X Congresso Nacional de Educação (PUCPR)

Dilemas e influências que envolvem as escolhas

Todos nós vivemos fazendo escolhas, e uma delas refere-se quanto à escola que será frequentada, a qual dependerá de uma série de fatores, tais como, sistema de ensino oferecido, investimento necessário, disponibilidade de tempo. As diferentes posturas cobradas dos jovens, principalmente pela família, e a sua necessidade de aprovação, criam quadros de ansiedade e perturbação. “O fato é que a adolescência é uma interpretação de sonhos adultos, produzida por uma moratória que força o adolescente a tentar descobrir o que os adultos querem dele” (CALLIGARIS, 2000, p. 33).

Ao considerar o que defende Nogueira (1998), tem-se:

Para os pais de gerações passadas, tal decisão individual não se colocava [...], afastava a necessidade de elaborar escolhas. Entretanto, tanto em razão das políticas educacionais, quanto em virtude de modificações nas atitudes das famílias, hoje em dia isso mudou. As famílias vêem-se agora em face da obrigação de definir seu projeto educativo, de confrontar, discutir, selecionar os estabelecimentos desejados (NOGUEIRA, 1998, p. 42-43).

Conforme Papalia, Olds, Feldman (2009, p. 397), os adolescentes de hoje levam mais tempo para entrar na vida adulta, iniciam a “puberdade mais cedo, e o início da vida profissional começa mais tarde”, sendo assim, a extensão do ensino médio proporcionaria tempo para que as tomadas de decisão fossem mais conscientes.

A família exerce grande influência na escolha da profissão, muitas vezes, querendo que o jovem continue os ‘negócios da família’, ou que seja o realizador do sonho dos pais, sem que se preste a devida atenção aos anseios do próprio adolescente.

Cita-se:

Conversa, troca ideias, disputa posições, explica, ensina e, principalmente, compara suas ideias com a realidade que ajuda a transformar. Você vive num ambiente tão acelerado que às vezes nem avalia os grandes saltos que reproduz para a humanidade a cada vez que conversa com uma pessoa ao seu lado. [...] interagir com seus colegas de trabalho, a liderar equipes, a assumir a própria vocação (WONG, 2006, p. 34-35).

Segundo Pereira (1997, p. 315), é próprio do ser humano questionar, refletir, repensar, faz parte do processo de amadurecimento a incerteza, as ambiguidades, sendo assim, “somente as pessoas de mentalidade mais estreita podem estar tranquilas e sem nenhuma dúvida. Os inquietos, sedentos de informação, têm pelo menos a possibilidade de se sentirem um pouco mais tolerantes com sua falta de certezas e confusão”.

Tema 22

Responda, objetivamente, à seguinte pergunta: **qual é o papel da arte hoje em dia?**

TEXTO I

Quando falamos em arte, a referência que temos é logo os grandes museus da Europa. Isso se você for visitar e apreciar aqueles quadros do Renascimento, do período barroco e Modernismo. Mas e a arte moderna? Como fazemos para ter contato com ela?

Ao contrário do que muitos podem pensar, arte não mais se resume apenas a pintura, escultura e música. Hoje, ilustrações, grafites, instalações, e até o meio digital é considerado arte.

Mas como eu vejo esses tipos de arte?

Começamos pelo grafite. Da marginalizada pixação surgiu o grafite, uma forma de desenhar usando tinta nas paredes dos centros urbanos. Mentos conservadoras se preparem: Isso também é arte. Principalmente quando se fala de cidades altamente urbanizadas, concreto para todos os lados. Nessas cidades, como São Paulo, a vida tem se tornado cada vez mais funcional, tomando o espaço que deveríamos dedicar ao lazer, esporte, e para a arte.

O Brasil tem se destacado muito nesse meio. Os gêmeos, Zito e Titi Freak são nomes internacionalmente conhecidos e suas obras estão espalhadas pela cidade. Explorando esse mercado, algumas empresas fazem até roteiros turísticos para mostrar essa arte aos interessados.

Os gêmeos têm obras estampadas em paredes até da Europa. Nesse vídeo abaixo eles pintam as paredes de um castelo em Glasgow. Luxo pouco é bobagem! Se eu quiser comprar uma obra de arte? Preciso ser um mecena, ir a uma galeria ou conhecer um artista para encomendar meu retrato?

Não. Hoje tudo é mais fácil. Existem várias galerias de arte pela internet, nas quais você olha as obras virtualmente, paga e elas chegam na sua casa. Essas obras não são dos pintores clássicos. Esses artistas são contemporâneos e são buscados principalmente por aqueles que gostam da cultura underground. A Galeria Magenta é uma galeria brasileira que vende a arte de ilustradores brasileiros. E vendem inclusive para o exterior, elevando nosso status de consumidor de arte para também produtor.

[Disponível em: <http://newronio.espm.br/arte-nos-dias-de-hoje/?fbclid=IwAR0IbYvjc2pFKdtXqceg1Fw4dLRllowOHjhQ6W4TX0SBD7DAkuclaH7PbE8>]

TEXTO II

Esse trabalho com mediadores, abrindo os olhos de quem tem contato com visitantes a museus, já havia sido feito por Ofri Cnaani em outras instituições de Israel e Estados Unidos (MoMa, Metropolitan). A diferença é que as iniciativas anteriores foram feitas com pessoas que já trabalhavam como mediadores/guias, mas de forma voluntária (algo muito comum nos países mais ricos).

A ideia de fazer com funcionários do Inhotim, especialmente com a turma menos escolarizada, surgiu ano passado, quando a artista visitou o museu e conheceu o projeto “Encontro Marcado”, que promove a troca de experiências e conhecimento entre funcionários de várias áreas.

“Foi uma experiência muito interessante, uma das melhores semanas da minha vida. Mandava fotos para a minha família e perguntava: vocês acreditam que este é o meu trabalho?”, contou Ofri.

Ela estava encantada com os resultados da performance de sexta passada. Usou um caso para exemplificar a beleza da dinâmica. “Um rapaz da manutenção levou uma senhora e a filha para a Galeria Mata e, quando elas estavam de olhos fechados, e descreveu uma pintura. Depois, perguntou a elas: ‘vocês têm ideia do que eu faço no museu?’ E elas disseram ‘não’. Ele prosseguiu: ‘abram seus olhos. Fui eu que pinte. Não a pintura, a parede’”, lembrou a artista. “É uma ironia que mostra que a instituição não é feita apenas de obras de arte”.

Para Ofri, a arte não é algo restrito aos que receberam, digamos assim, uma educação formal. “Arte é algo que deve oferecer uma perspectiva diferente sobre o mundo, oferecer uma visão crítica ou reflexiva sobre as coisas”.

A performance “Que Lugar É Esse?” não foi a única dinâmica proposta pela artista. Inhotim também recebeu a performance “Recalculando Rotas”, na qual visitantes foram convidados a entrar em um grupo de WhatsApp por uma hora e interagir durante o passeio. De cinco em cinco minutos, a artista enviava mensagens com direções (olhe para o alto, pense grande) e os participantes enviavam fotos correspondentes ao comando. “No final, temos várias interpretações de uma ideia”, disse Ofri.

[Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/para-ofri-cnaani-o-papel-da-arte-%C3%A9-provocar-uma-vis%C3%A3o-cr%C3%ADtica-e-reflexiva-1.347212>]

Tema 23

Escreva um texto dissertativo-argumentativo sobre o seguinte tema: **Os riscos de uma alimentação excessivamente industrializada**

Anvisa e entidades da saúde se mobilizam por selos de alerta em alimentos industrializados

Proposta prevê novo rótulo para identificar produtos com alto teor de nutrientes críticos à saúde. Indústria de alimentos e bebidas defende um modelo alternativo



Os dias de revirar embalagens à procura da tabela nutricional, de não entendê-la muito bem e fazer cálculos para ver se a quantidade de açúcares, gorduras e sódio de um produto é adequada podem estar contados. Depois de anos de discussões na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e da pressão de

órgãos como o Instituto de Defesa do Consumidor (Idec), que recebeu apoio de dezenas de associações ligadas à saúde, avança no Brasil uma proposta de revisão da norma de rotulagem nutricional de alimentos.

O modelo final ainda está longe de ser definido, mas ganham força avisos que informam claramente quando se está diante de um produto com características não muito saudáveis. A iniciativa tem como objetivo conscientizar e informar melhor os consumidores, para que saibam quando um alimento conta com quantidades excessivas de calorias, de sódio, gorduras e açúcar — que têm relação com o aumento da obesidade, diabetes, pressão alta e outras doenças crônicas na população.

— Já está identificado que o alto consumo de produtos industrializados é um dos responsáveis pelo aumento de peso. Com essas mudanças, a qualidade de cada alimento vai ficar mais clara. Isso pode ajudar a evitar que se registre tantos problemas de saúde, que cada vez mais estão começando inclusive na infância, como o diabetes — explica a nutricionista Jacira Conceição dos Santos, presidente do Conselho Regional de Nutricionistas do Rio Grande do Sul (CRN-2).

Na Anvisa, um grupo de trabalho se reúne desde 2014 para tratar do assunto. Na última quarta-feira (11), a agência, atendendo a uma decisão judicial, prorrogou até 24 de julho o prazo para que interessados em contribuir com a discussão possam se manifestar. O mecanismo de consulta, chamado Tomada Pública de Subsídios (TPS), é aberto ao público para que, de maneira preliminar, sejam coletados dados e informações a respeito do tema.

Mas a participação popular deve acontecer mesmo quando essa etapa for concluída e começar uma consulta pública sobre os novos rótulos — algo que, conforme associações que têm participado de reuniões junto à Anvisa, está previsto para ter início em setembro ou outubro. Assim, os consumidores poderão opinar: é importante ter uma tabela nutricional mais clara nos produtos alimentícios que se compra no Brasil? E o que o novo rótulo deve conter? Como deve ser apresentado?

— Não é preciso ser um grande especialista para ver o quanto as informações nutricionais são mal divulgadas nos alimentos que se compra no Brasil. A população tem que estar suficientemente esclarecida para poder fazer melhor suas escolhas — defende o médico pediatra Jefferson Piva, conselheiro e coordenador das câmaras técnicas do Conselho Regional de Medicina do Rio Grande do Sul (Cremers).

Países como o Chile e Peru já adotam regras para destacar algumas informações nutricionais importantes na parte da frente da embalagem, fazendo com que os dados sejam mais claros e compreensíveis. Por lá, os rótulos informam em destaque se o produto contém teores altos de açúcar, sódio, gorduras saturadas e calorias. A melhoria das regras de rotulagem de alimentos tem apoio de entidades como a Organização Mundial da Saúde (OMS), que recomenda a iniciativa para facilitar escolhas alimentares mais saudáveis.

[Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2018/07/anvisa-e-entidades-da-saude-se-mobilizam-por-selos-de-alerta-em-alimentos-industrializados-cjjobf2oc000s01o45s9hyv7p.html?fbclid=IwAR0hmCxAT7Y5gio5g61jiMyCJcbttUjFLKpLj-3zURpkX9wgWcZ-hWy6G04>]

Tema 24

Responda, objetivamente, à seguinte pergunta: **quais os limites para a liberdade de expressão nas redes sociais?**

A tramitação do chamado Marco Civil da Internet, sancionado em 23 de abril de 2014 e transformado na Lei 12.965, suscitou acalorados debates na sociedade e no Parlamento. Por diversas vezes as discussões colocaram em lados diametralmente opostos segmentos das mais diferentes matizes. Sendo a internet uma ferramenta utilizada pela maioria da população e pelas pequenas, médias e grandes empresas, o Projeto de Lei 2.126 de 2011, apresentado na Câmara dos Deputados pelo Poder Executivo, teria grande impacto qualquer que fosse a solução legislativa resultante de sua tramitação. A iniciativa, batizada com o epíteto de Constituição da Internet, tal como expresso na ementa, “estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da internet no Brasil”. Além de ser uma declaração de princípios para usuários e garantir a privacidade, os direitos humanos e o exercício da cidadania em meios digitais, a proposta buscava também regulamentar diversos aspectos relacionados à exploração comercial e governamental da grande rede. Várias foram as polêmicas nos assuntos tratados. A guarda dos dados dos usuários pelas empresas de conexão à internet e pelas empresas responsáveis pelos conteúdos disponíveis na internet, a neutralidade da rede e o armazenamento dos dados dos internautas no país estiveram entre os assuntos que mais geraram embates entre empresas de telecomunicações e de conteúdo na internet, detentores de direitos autorais, governo, grupos articulados de usuários e tantos mais.

CAPÍTULO II DOS DIREITOS E GARANTIAS DOS USUÁRIOS Art. 7o) O acesso à internet é essencial ao exercício da cidadania, e ao usuário são assegurados os seguintes direitos: I) inviolabilidade da intimidade e da vida privada, sua proteção e indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação; II) inviolabilidade e sigilo do fluxo de suas comunicações pela internet, salvo por ordem judicial, na forma da lei; III) inviolabilidade e sigilo de suas comunicações privadas armazenadas, salvo por ordem judicial.”

Tema 25

Responda, objetivamente, à seguinte pergunta: *“as redes sociais causam de fato mais interação com outras pessoas ou mais isolamento e egoísmo? Ou as duas coisas?”*. Escolha argumentos que validem sua opinião.

TEXTO DE APOIO

Fotos de viagens e baladas no Facebook, check-ins em restaurantes da moda no Foursquare e comentários opinativos sobre livros, shows ou fatos políticos no Twitter. Atualmente, o que mais se encontra nas redes sociais são pessoas falando de si mesmos, expondo opiniões ou comentando sobre suas vidas particulares. Mas, para quem achou que as redes sociais são as grandes culpadas por gerar essa leva de pessoas egocêntricas, que tanto se expõem na internet, se enganou. Segundo a psicóloga especialista em redes sociais Luciana Ruffo, do Núcleo de Pesquisa de Psicologia em Informática da PUC/SP, os sites de relacionamento não mudaram o comportamento humano - apenas transformaram a maneira como as pessoas se expressam.

Se antigamente algumas pessoas tinham necessidade de fofocar no portão de casa ou de contar vantagens em eventos sociais, hoje elas têm uma ferramenta na mão que permite ver tudo de todos e compartilhar tudo com todos. “A qualidade da relação não muda. A rede social veio apenas para suprir a necessidade que as pessoas têm de se expressar e se relacionar em um mundo corrido”, comenta Luciana.

Diferente do que se imagina, a psicóloga explica que, até hoje, a internet não gerou nenhuma mudança no ser humano, ela só é um facilitador. Portanto, até mesmo aquele colega tímido que quase nunca abria a boca nas rodas de bate-papo acaba postando mais coisas sobre si mesmo no Facebook, porque ele achou uma maneira mais fácil de se expressar. Isso quer dizer que a vontade de compartilhar momentos ou expor opiniões é inerente ao ser humano, mas se potencializa na internet por se tratar de um canal mais simples e, aparentemente, seguro.

De acordo com Luciana, existe uma linha da psicologia, desenvolvida por Carl Gustav Jung, que sugere existir uma espécie de “máscara social” em que as pessoas mostram apenas o lado da personalidade que lhe é solicitado naquele momento. Em uma reunião de trabalho, por exemplo, o indivíduo vai expor parte de suas opiniões, agindo conforme as tradições e convenções sociais. Já no mundo virtual, isso muda de figura, pois não há uma “máscara social” correta para aquela situação e ele acaba mostrando até seu lado mais reprimido. “Muitas vezes você nem tem consciência disso, mas tudo o que é publicado nas redes sociais transparece sua personalidade”, diz. “Na internet nos sentimos seguros e protegidos e, portanto, não achamos que seremos tão julgados”, completa.

Essa “falsa segurança” ocorre, segundo Luciana, porque existe um período de latência entre escrever e falar. Nas redes sociais existe mais tempo para se pensar no que será escrito, enquanto que na vida real as respostas devem ser imediatas. Com mais tempo para refletir, há mais segurança nas frases postadas e menos medo do julgamento alheio. Além disso, qualquer crítica pode ser facilmente ignorada ao desligar o computador, apagar uma mensagem ou bloquear uma pessoa.

No entanto, nem todos concordam inteiramente com essa teoria. A estudante de Relações Públicas Ayrin Vishnevsky, que está sempre conectada ao Facebook, acredita que mais do que segurança, os sites de relacionamento oferecem uma possibilidade única: compartilhar ideias e conteúdos com um número maior de pessoas. “Na vida real eu não tenho a chance de falar com todos os meus amigos o tempo todo. No Facebook eu tenho essa oportunidade e, por isso, acabo usando com bastante frequência”, comenta. “Eu acredito que, para as pessoas mais tímidas, as redes sociais realmente parecem um ambiente mais seguro para se expressar, mas para pessoas mais extrovertidas na vida real, ela é apenas um canal com maior abrangência”, conclui.

Stephanie Kohn, 26/12/2011

Disponível em <https://olhardigital.com.br/noticia/as-redes-sociais-deixaram-as-pessoas-mais-egocentricas/23309>

Tema 26

Escreva um texto dissertativo-argumentativo sobre o seguinte tema: **a importância de o(a) brasileiro(a) se reconhecer como latino-americano(a).**

TEXTO I

BRASILEIROS NÃO SE VEEM COMO LATINO-AMERICANOS

Estudo de instituição mexicana mostra abismo entre o Brasil e os ‘hermanos’; apenas 4% se consideram latino-americanos

Uma pesquisa de opinião pública coordenada pelo Cide (Centro de Investigação e Docência em Economia) do México, em colaboração com diversas universidades e realizada em sete países (Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, Equador, México e Peru), mostrou que apenas 4% dos brasileiros se definem como latino-americanos. Nos outros seis países, a média foi de 43%.

Um dos itens da pesquisa perguntava sobre com qual gentílico (termo que informa o local de origem da pessoa, por exemplo, baiano, santista, europeu etc.) o entrevistado mais se identificava, e as principais respostas no Brasil foram “brasileiro” (79%), “cidadão do mundo” (13%), “latino-americano” (4%) e “sul-americano” (1%). O Brasil foi o único país onde o adjetivo pátrio ficou entre as três principais opções dos entrevistados.

O estudo, que no Brasil foi conduzido pelo IRI (Instituto de Relações Internacionais) da USP (Universidade de São Paulo), entrevistou 1.881 pessoas. E, segundo os autores, comprovam algumas percepções dos brasileiros sobre si e sobre os vizinhos regionais.

Uma delas é a de que o brasileiro acredita pertencer a uma nação diferente dos vizinhos, seja pela experiência colonial, seja pela língua, seja pelo processo de independência distinto. Outra, a de que os brasileiros enxergam o Brasil como líder regional, mas em geral resistem a assumir essa posição. Ou, ainda, de que a América Latina é vista mais como preocupação e problema do que como benefício.

Disponível em <http://noticias.band.uol.com.br/noticias/100000786643/brasileiros-nao-se-veem-como-latino-americanos.html> - Acesso em 24/03/2018

TEXTO II

Você é latino (provavelmente. Se está lendo isso, as chances são altíssimas).

Repete comigo: latino. Eu, você, sua mãe, seus amigos. Todos latinos.

A cultura popular que constrói nossa visão do que é cultura não considera o brasileiro latino, no geral.

Claro, se há diferenças culturais grandes até entre os países hispânicos na América Latina, é desnecessário apontar que o Brasil também tem inúmeras particularidades. Mas é justamente o que os países hispânicos têm em comum culturalmente que os coloca em uma posição confortável para se reconhecer dentro dessa identidade latina.

A língua é um desses fatores que não compartilhamos culturalmente com eles. Mas é um dos únicos. E afirmo isso porque tive o privilégio de visitar uma porção de países da América Latina e Central e até morar na região do Caribe por um ano.

Foi com a língua espanhola que começou minha reconexão com a minha, a sua, a nossa latinidade. O único jeito de refazer essa conexão com a América Latina que o isolamento cultural brasileiro impõe é aprendendo o idioma, visitando esses lugares e conversando com as pessoas.

Foi assim que eu descobri expressões idiomáticas e coloquiais idênticas baseadas em aspectos etimológicos da cultura que dividimos - 'bacana', em português, é 'bacan' ou 'baca' no Chile, e a gente sequer faz fronteiras com eles. Foi assim que eu descobri que grandes sucessos da 'música brasileira' são traduções de hits em espanhol, e vice-versa; assim, deu pra observar que nossa gastronomia, nossas etnias, nossos dilemas, nosso jeito de enxergar o mundo, nossa maneira de se relacionar com o governo e em comunidade são muito semelhantes.

Dividimos, todo o continente, uma colonização irresponsável, predatória, que deixou sequelas sociais e econômicas por onde passou - e compartilhamos também as sequelas disso de maneira muito semelhante.

Quando me dei conta disso, tive uma epifania sobre quem somos e de onde viemos como povo: foi como é como um download instantâneo de uma compreensão mais ampla nossa condição, da origem do nosso povo, dos desafios que enfrentamos e do nosso lugar no mundo.

Somos todos a mesma gente, e em algum momento o país se distanciou dessa noção. Depois, com a cultura de massa, nossa exclusão pessoal da identidade latina se cristalizou.

Se você é de classe média e tem a oportunidade e o privilégio de visitar outros lugares na América Latina, considere. Se não, use os recursos aos quais tem acesso - como o YouTube e as bibliotecas - e tome contato com a cultura popular ou não produzidas por hermanos de todas as fronteiras e além delas.

Não dá para se manter conscientemente apartado disso quando essa reconexão, além da epifania, tem a capacidade de gerar uma sensação tão única de unidade e identificação cultural, de partilha das mesmas origens e a compreensão de que estamos, culturalmente, socialmente, etnicamente todos no mesmo balaio.

Ana Paula Freitas

Disponível em <http://www.comum.vc/conteudo-aberto/2016/11/3/sobre-a-identidade-cultural-latina> -
Acesso em 24/03/2018

Tema 27

Responda, objetivamente, à seguinte pergunta: **que tipo de relação há entre as variedades linguísticas territoriais e a identidade nacional?**

Texto de apoio:

Toda língua varia

— Puxa vida, estou entendendo cada vez menos — queixa-se Sílvia. — Vamos bem devagar para as coisas ficarem claras — propõe Irene. — Você certamente já ouviu um português falar, não é? — Já — responde Sílvia. — Já percebeu as muitas diferenças que existem entre o modo de falar do português e o modo de falar nosso, brasileiro. De que tipo são essas diferenças? Vamos ver algumas delas:

- diferenças fonéticas (no modo de pronunciar os sons da língua): o brasileiro diz eu sei, o português diz eu saí;
- diferenças sintáticas (no modo de organizar as frases, as orações e as partes que as compõem): nós no Brasil dizemos estou falando com você; em Portugal eles dizem estou a falar consigo;
- diferenças lexicais (palavras que existem lá e não existem cá, e vice-versa): o português chama de sa-loio aquele habitante da zona rural, que no Brasil a gente chama de caipira, capiau, matuto;
- diferenças semânticas (no significado das palavras): cuecas em Portugal são as calcinhas das brasileiras. Imagine uma mulher entrar numa loja de São Paulo e pedir cuecas para ela usar! Vai causar o maior espanto!
- diferenças no uso da língua. Por exemplo, você se chama Sílvia e um português muito amigo seu quer convidar você para jantar. Ele provavelmente vai perguntar: “A Sílvia janta conosco?” Se você não estiver acostumada com esse uso diferente, poderá pensar que ele está falando de uma outra Sílvia, e não de você. Porque, no Brasil, um amigo faria o mesmo convite mais ou menos assim: “Sílvia, você quer jantar com a gente?” Nós não temos, como os portugueses, o hábito de falar diretamente com alguém como se esse alguém fosse uma terceira pessoa...

— Tudo bem até agora? — pergunta Irene. — Tudo bem — responde Sílvia. — Essas e outras diferenças — prossegue Irene — também existem, em grau menor, entre o português falado no Norte-Nordeste do Brasil e o falado no Centro-Sul, por exemplo. Dentro do Centro Sul existem diferenças entre o falar, digamos, do carioca e o falar do paulistano. E assim por diante. Irene faz uma pequena pausa. Toma um gole de chá e continua: — Até agora, falamos das variedades geográficas: a variedade portuguesa, a variedade brasileira, a variedade brasileira do Norte, a variedade brasileira do Sul, a variedade carioca, a variedade paulistana... Mas a coisa não para por aí. A língua também fica diferente quando é falada por um homem ou por uma mulher, por uma criança ou por um adulto, por uma pessoa alfabetizada ou por uma não-alfabetizada, por uma pessoa de classe alta ou por uma pessoa de classe média ou baixa, por um morador da cidade e por um morador do campo e assim por diante. Temos então, ao lado das variedades geográficas, outros tipos de variedades: de gênero, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, urbanas, rurais etc.

Bagno, Marcos. A língua de Eulália: novela sociolinguística

Editora Contexto, São Paulo, 2006.

Tema 28

Disserte sobre **como a leitura pode promover o autoconhecimento**.

- **Identifique um momento** de sua trajetória em que uma leitura fez isso.

- **Apresente argumentos** que justifiquem sua escolha.

“Aceitei vir aqui para falar um pouco da importância do ato de ler.

Me parece indispensável, ao procurar falar de tal importância, dizer algo do momento mesmo em que me preparava para aqui estar hoje; dizer algo do processo em que me inseri enquanto ia escrevendo este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado - e até gostosamente - a “reler” momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo.

Ao ir escrevendo este texto, ia “tomando distância” dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da *palavramundo*”.

Freire, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

Tema 29

Responda, objetivamente, à seguinte pergunta: **o que é a empatia e qual sua importância para o séc. XXI?**

TEXTO I

Construção e negação do Outro O termo Alteridade soa estranho quando pronunciado no dia a dia. Por Alteridade referimo-nos à qualidade do que é Outro. Estranha em nosso dia a dia é, portanto, a palavra que designa a dimensão do estranho enquanto Outro, e concerne ao desconhecido, ao que nele é inexplicável e imensurável. Nenhum sistema de pensamento, nenhuma lógica pode dar conta do Outro ao qual o termo se refere. Nenhuma explicação, muito menos construída de antemão, oferece uma resposta suficiente sobre ele. Não existe resposta possível no âmbito do que só admite relação com a pergunta. É essa pergunta infinita que é posta em questão no termo Alteridade. Na tentativa de responder à questão infinita do Outro, não deixamos de fabular sobre ele, de encontrar imagens e figuras que o representem. E ele resiste inalcançável diante de nossa perigosa operação mental que é a identificação. E é porque a estranheza – sempre confirmada na intangibilidade disso que se constitui como não identificável – nos dá medo, que buscamos torná-la finita pela explicação em um procedimento que parece totalmente racional, mas que, na verdade, tem muito de mágico: o da identificação. Ansiosa e taxativa, a identificação nos leva a confundir o Outro com o mal. E se o mal é o que deve ser extirpado, exorcizado, esquecido e apagado,

não resta muito ao Outro. Essa associação transformou-se na fórmula que estrutura até hoje as sociedades: estrangeiros, bruxas, demônios, loucos, hereges, anormais, diferentes, são banidos como se fossem o mal.

Marcia Tiburi, 28/07/2016

Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/desafio-da-alteridade/>. Acesso em 09/10/2017

TEXTO II

Aproximou-se dele um dos escribas que os tinha ouvido disputar, e sabendo que lhes tinha respondido bem, perguntou-lhe: qual é o primeiro de todos os mandamentos?

E Jesus respondeu-lhe: o primeiro de todos os mandamentos é: ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor.

Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento.

E o segundo, semelhante a este, é: **amarás o teu próximo como a ti mesmo**. Não há outro mandamento maior do que estes.

Bíblia Sagrada. Evangelho de São Marcos. Cap. 12, versíc. 28 a 31

TEXTO III

EMPATIA (subst. fem.) - do Grego EMPATHEIA, “paixão, estado de emoção”, de EN, “em”, mais PATHOS, “sentimento”. Ou seja, estar “no sentimento” do outro.

Tema 30

Ter uma vida urbana ou uma vida no campo influencia de que forma na constituição da identidade de uma pessoa? Você morou mais na cidade ou no campo? Acredita que isso tenha influenciado de que forma?

TEXTO I

Os estudos na área da geografia e da sociologia nos tempos atuais permitem uma pergunta: onde está o limite entre o urbano e o rural? Talvez espera-se uma única e simplista resposta, mas percebe-se que a interrogação é muito mais complexa.

Desde a Antiguidade, quando as condições políticas e sociais influenciaram a divisão sócio-espacial do trabalho, originando o fenômeno rural e o urbano por meio do exercício das diferentes formas de produção, as quais favoreceram o desenvolvimento do capitalismo, definir os limites, a partir de então, tornou-se um problema.

Existem algumas concepções em relação à cidade e o campo: a cidade é compreendida como a sede do trabalho intelectual, de organização das atividades políticas e administrativas, da elaboração do conhecimento científico, da idéia de civilização, urbanização, de aglomeração demográfica, onde uma parcela significativa da população está envolvida em atividades secundárias e terciárias e, da diversidade de ocupação industrial; a cidade representa uma condição social em que, teoricamente, é possível superar a

precariedade, pois considera a conquista de melhores condições materiais decorrentes de um alto nível de produção e produtividade, técnica e cultural.

Quanto ao campo, o mesmo é visto como sinônimo de atrasado, ultrapassado, imóvel no tempo, rude, como uma vida de privação, onde a sobrevivência só é possível com muito trabalho, o qual oferece o mínimo necessário para viver, sendo definido como uma área de dispersão demográfica, dando lugar às atividades primárias, principalmente agropecuárias.

O conceito de cidade e campo confunde-se com o urbano e o rural. A cidade, vista como área da centralidade administrativa e territorial, onde se fabrica, origina o conceito de urbano, estende-se para além dela, não restringindo-se a um território fixo, mas passa a ser visto como um modo de vida, um estilo de vida, onde se propagam, costumes e hábitos urbanos, os quais influenciam, por meio dos instrumentos de comunicação e transporte, o meio rural. Dessa forma, o modo de vida urbano alcança os limites geográficos dos interesses e ações existentes na cidade, dos investimentos efetuados no campo.

O rural, atualmente desenvolvendo atividades múltiplas além das primárias, passou a ser visto como uma questão territorial, onde o uso do solo e as atividades da população residente no campo se vinculam a várias atividades terciárias, sendo compreendido como não-urbano, ou seja, o que não pertence à cidade.

A discussão em torno desta problemática, evidencia o processo de mecanização e qualificação do campo, o qual serve e abastece a cidade de seus produtos. Os costumes rurais não são os mesmos do passado. As mudanças na forma de produção, de vestir, do falar, no administrar o campo, seguem os ditames da cidade, pois acredita-se que de lá é que vem o conhecimento, como mencionado anteriormente. O campo está sofrendo um processo de urbanização. Sendo assim, rural e urbano se confundem, se completam e interdependem-se, pois um não existiria sem o outro.

[Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/geografia/reflexoes-sobre-urbano-rural.htm>]

TEXTO II

A evolução dos estudos da geografia no Brasil passou primeiro pela descrição dos processos de conquista e ocupação do território em fins do século XIX e início do século XX. Com o determinismo da geografia Clássica se buscou a definição de áreas e do objeto da disciplina. A escola possibilista da geografia Teórica-quantitativa tinha um cuidado muito grande com o método matemático na classificação espacial. A geografia Crítica, com seu posicionamento mais radical frente às questões da sociedade, teve como premissa a interação e ação sobre o espaço e o uso constante de categorias de análise para reconhecer os dilemas sociais.

Em uma perspectiva mais crítica, o urbano preocupa-se com o tamanho, com as funções econômicas, e com a localização das cidades e da sua influência na organização mundial. A questão rural está atrelada à estrutura agrária, estabelecendo também as funções econômicas no uso do solo em detrimento de sua localização, pois depende das relações sociais, isto é, dos fluxos que determinam sua variação produtiva que, por sua vez, se liga à geologia, climatologia e a agronomia (quanto aos modos de produção). Os referenciais espaciais produtivos, em um sistema capitalista, vão pautando a forma de os sujeitos se relacionarem com as marcas vividas por uma coletividade.

Esse movimento de trocas simbólicas produz diferentes formas de apropriação da Identidade. É um movimento que territorializa o sujeito em dimensões geográficas, sociológicas, psicológicas de ordem subje-

tiva e que vai se tornando parte de um conjunto interpretativo dessa relação dos indivíduos com o lugar. Essas relações dos grupos sociais com o seu meio, para Claval (p. 11, 1999), “não são somente materiais, são também de ordem 19 simbólica, o que os torna reflexivos. Os homens concebem seu ambiente como se houvesse um espelho que, refletindo suas imagens, os ajuda a tomar consciência daquilo que eles partilham”. Uma possibilidade de pensar o material e o simbólico também é apresentada por Haesbaert (2009), o qual articula os processos que territorializam o lugar não só a partir de um imaginário social, mas das particularidades daqueles que residem e se apropriam muito subjetivamente do lugar habitado.

Os referenciais espaciais simbólicos constituem as territorialidades ao ligar-se a uma rede de significações culturais e fazer-se fruto de uma prática social situada em determinado lugar. Uma relação que também é dominação e apropriação do espaço em uma subjetivação das representações que levam a um conjunto de contextos em um sistema de pertencimento. Esse pertencimento depende dessa significação do vivido e do apropriado pelas relações sociais do lugar em uma territorialização em sentido simbólico-cultural. Há primeiro uma proximidade emocional e depois uma proximidade material, portanto, territorial. “Isso significa que o território carregaria, sempre, de forma indissociável, uma dimensão simbólica e uma material de natureza econômico-política”. (HAESBAERT, 2009, p.74)

[Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/4983/Camila%20Benso%20da%20Silva.pdf?sequence=1>]

Tema 31

Escreva um texto dissertativo-argumentativo sobre o seguinte tema: **a nomeação de ruas e os efeitos para a memória nacional**

TEXTO I

Há vestígios de história nas ruas. A rua não é neutra. Segundo Dias (2000), o processo de nomeação de vias públicas segue uma linha de relação de interesses e uma possível reprodução da memória histórica local, regional e até mesmo nacional.

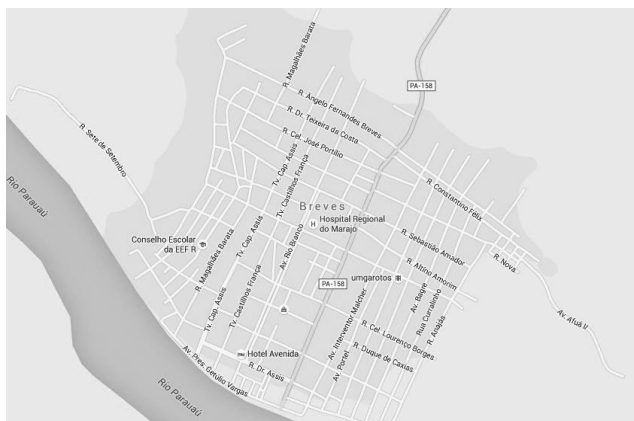
A prática de nomear ruas, quase sempre identificada como distorção o trabalho dos vereadores, é atividade menos inocente que se costuma supor. Um olhar atento constata que esse processo é caracterizado pelo esforço de perenização da memória de personagens e fatos da história nacional e local. Trata-se de recorrente forma de reprodução e perpetuação da chamada história oficial, baseada no culto à genealogia e edificação do Estado nacional, assim como aos fatos e personagens correspondentes. (DIAS, 2000).

Em muitos casos, o processo de nomeação das ruas evidencia o fortalecimento do ideário cívico e de exaltação à pátria. As simbologias ganham destaque nesse processo de atribuição de significado histórico aos espaços públicos. O culto à nação apresenta-se como uma tendência impulsionada por políticos ou intelectuais da sociedade vigente. Nessa direção, a história oficial assume um papel de destaque na formação de uma nação soberana e nacionalista. Em *A Invenção das Tradições*, Hobsbawm e Ranger (1997) defendem a ideia de nação como sendo um projeto de aspecto cultural, social e político, construído por meio da invenção dos valores e legitimado pela história. Uma das suas variantes dessa ideia configura-se na lógica da representação para sustentar valores históricos particulares de um povo. Simbologias como temas, personagens e datas condicionam uma legitimação desse passado histórico.

Segundo a definição de Ankersmit (2012), “A representação é um preparado mais forte que a verdade. A representação contém a verdade – pense nas afirmações contidas por uma representação histórica – não

está contra, mas além da verdade”. Essa concepção de Ankersmit torna-se um desafio à interpretação da realidade estudada.

Figura 1 - Mapa das ruas da cidade de Breves.



Como pode ser observado, o mapa (Figura 1) mostra áreas e denominações de ruas de Breves. Ao analisarmos os nomes das ruas, é possível perceber nomes que evidenciam marcas da história nacional. No Brasil, o objetivo da nomeação de ruas e avenidas “7 de Setembro”, o que pode ser verificado em diversas regiões é, sem dúvida, rememorar um fato histórico importante para o país, que é a “proclamação da independência política do Brasil”, que até então era uma colônia de Portugal. Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, também chamado de “O Pacificador” e “O Duque de Ferro”, foi um militar, político e monarquista brasileiro. Outro nome de rua recorrente é “Tiradentes”, em reconhecimento ao herói nacional que deu a vida pelo ideal de independência. Ilustrativo e literário, as homenagens aos fatos e personagens fazem alusão ao sentido cívico e à história oficial do país.

[Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/historia/nos-ladrilhos-memoria-um-breve-estudo-sobre-ruas-breves.htm>]

TEXTO II

Trabalhar o local no ensino de História parece ir contra torrentes de abordagens que priorizam o globalizado, generalizante. Foi com um olhar de estranhamento perante isto que desenvolvemos a atividade “Minha rua também história” na Escola Senador Argemiro de Figueiredo (Polivalente) em parceria com o PIBID, num primeiro momento pensando a história de Campina Grande e logo após, das ruas em que os alunos residiam. O projeto teve muitos bons resultados e deu-nos suporte para pensar um ensino instigante e significativo nessa realidade dita pós-moderna.

Tempo de verdades abaladas e do esfacelamento do sujeito moderno, vivemos na era da realidade esmialhada, descentrada; não a categorizamos como fez François Dosse em forte crítica à Escola dos Annales, contudo, lançamos um olhar capaz de perceber perdas e ganhos. Decodificado sob linguagens múltiplas, o ser aqui se instaura sob a égide da desconstrução, da descontinuidade, possibilitada por mudanças que foram da síntese à especialização, do todo ao tudo, do material ao simbólico e da explicação ao relativismo, por exemplo.

[Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/Modalidade_6datahora_24_09_2013_15_15_06_idinscrito_464_69b27e5b31343f851435b47a54286a7f.pdf]

Tema 32

Escreva um texto dissertativo-argumentativo sobre o seguinte tema: **a compulsória felicidade em redes sociais**

TEXTO I

Você chega em casa (as costas doendo, a cabeça pesada) e abre uma cerveja para relaxar. Liga a TV e, enquanto os jornalistas proferem discursos realistas e chocantes, você navega em suas redes sociais. Gatinhos fofos, pratos de comida, check-in em qualquer lugar, sorriso, sorriso, abraço, declaração de amor, sorriso, uma pessoa irritada com a política, alguém divulgando um evento, sorriso, festa, bebida, corpos seminus, sorriso. As redes sociais são o universo mais loucamente paralelo que há.

Basta reparar o pessoal no trabalho, cinema ou em qualquer outro lugar. Uma voltinha no quarteirão já é suficiente para perceber que o semblante das pessoas reais não é o daquelas fotos. A matemática humana fica ainda mais surreal quando se tenta equacionar a mesma pessoa que distribui amor e felicidade nas versões “vida na rede” X “vida real”. A conta geralmente não “bate”.

A internet é um veículo baratinho para se brincar de ator. Atua-se na vida que se gostaria de ter, nos relacionamentos idealizados, nas amizades eternas e plenamente sinérgicas. Atua-se no dinheiro sobrando, nas festas e viagens absurdamente divertidas, nas crises de riso intermináveis, nos corpos prontos para ser espontaneamente clicados. Assim, como quem nem viu a foto sendo feita.

É estranho procurar entender o que motiva alguém a derramar essa suposta felicidade no mundo virtual. É provável que, em grande parte dos casos, a carência por curtidas e comentários espelhe aquela carência afetiva e dolorosa, uma autoestima arranhada, ou uma profunda necessidade de aceitação. Talvez, como tantas blogueiras e pessoas públicas que fazem da falsa perfeição uma curiosa profissão, sejam internautas publicitários de si mesmos, vendendo por um preço exorbitante produtos de qualidade duvidosa e negociando quem fechará a bolsa de valores invertidos mais em alta.

Dia desses, num restaurante divertido e com boa comida, observei um casal muito conhecido publicamente sentar-se à mesa ao lado. Os dois não trocaram uma única palavra, salvo para escolher a comida — sobre a qual, aliás, discordaram — enquanto postavam fotos, respondiam a comentários e tiravam “selfies” de seus rostos bonitos em ângulos diversos. Tomei o cuidado de bisbilhotá-los depois para ver o que haviam postado. Era como se a noite tivesse sido esplendorosa, de papos alegres e maravilhosas histórias compartilhadas. Caramba, eles não tinham trocado uma só palavra. Os casais mais infelizes e complicados que conheço são os que mais se autoafirmam, entre longas declarações e fotos “100% espontâneas”, o amor infinito que devotam entre si.

Por outro lado, se a pessoa realmente for muito feliz e apenas quiser dividir tanto esplendor com o resto do mundo, será mesmo que faz sentido colocar-se à frente dos holofotes? Honestamente, quantos por cento das pessoas observam alguém MUITO feliz em uma foto e lhe desejam boas energias e vida longa? Mesmo que inconscientemente, é natural e humano — infelizmente — invejar o próximo quando imagina que sua própria condição não esteja à altura da de seus semelhantes.

É evidente que tudo isso são elucubrações e você pode estar revoltado. Posso estar errada, posso não estar falando de todos, não sou dona da verdade. Mas procure se lembrar de que o homem é apequenado em sua natureza, humanoide e pouco elevado em seu espírito. Despidos de nosso escudo de polidez e elevação moral, talvez comecemos a pensar que, por trás da vida que tanto exibimos no mundo virtual, existe um mundo de vida aqui dentro que precisa de cuidado real.

[Disponível em <https://www.revistabula.com/5878-desconfie-de-quem-e-feliz-demais-nas-redes-sociais/>]

TEXTO II

NOS ILUDIMOS COM A VIDA IDEALIZADA DAS REDES SOCIAIS E DESEJAMOS SER DIFERENTES
Fevereiro 16, 2018

Por que será que isso acontece? Como têm se tornado frequente os momentos de opiniões explícitas de liberdade, desenvolvimento ou expansão de consciência. As pessoas cada vez mais desejam buscar fazer sua diferença no mundo. Formas, técnicas e profissionais falando de diversos temas como: relacionamentos, vida pessoal e profissional. Sim, as redes sociais impulsionam, mas simultaneamente trazem consigo uma dose cavalara de “ilusão”.

ocê já parou para pensar o quanto está escravizado pelos padrões ditados? As redes sociais vieram para nos auxiliar, trazem informações, aproximam pessoas distantes e promovem vínculos entre pessoas que não tem contato há anos. Tudo isso, porém, vem nas entrelinhas da vida idealizada, são percepções relacionadas a estética que ditam facilidades impossíveis de se viver na prática. Você se sente assim? Percebe essa influência?

O ponto é ver se você consegue perceber, ressignificar e continuar nos seus projetos ou se os abandona. Se você notou uma fórmula mágica de conquistar o que deseja, reflita. Talvez os milagres existam quando você tem fé, e é preciso muita força interna para acreditar no que não se vê, contudo, isso está alinhado ao trabalho duro. É nesse ponto que surgem as nossas diferenças porque em alguns momentos desejamos ser diferentes do que é ditado, e então, num piscar de olhos, caímos na tentação da idealização. O que é preciso para sair disso? Resumo em três palavras: foco, planejamento e disciplina.

[Disponível em: <http://competenzacoaching.com.br/nos-iludimos-com-a-vida-idealizada-das-redes-sociais-e-desejamos-ser-diferentes/>]

Tema 33

Escreva um texto dissertativo-argumentativo sobre o seguinte tema: **a escrita em ambiente digital como um fator de transformação individual e coletiva**

TEXTO I

Democratizar é popularizar, tornar comum a todos algo de forma igualitária. A busca pela democratização da comunicação – nada mais é do que a busca pela liberdade de expressão de todos os cidadãos e cidadãs, de todas as raças, credos, etnias e cores. Democratizar a comunicação é garantir o direito de que diferentes ideias, opiniões, pontos de vistas dos mais variados grupos sociais, culturais e políticos possam manifestar-se em igualdade de condições no espaço público midiático.

O sistema de comunicação brasileiro é caracterizado pela concentração de mercado que se divide em dois fatores principais: a falta de limites claros no licenciamento de outorgas de rádio e televisão e a chamada “propriedade cruzada” que ocorre quando empresas de radiodifusão detêm controle de vários meios em outros segmentos do mercado, como jornais e revistas.

Esta realidade viola o Artigo 220 da Constituição Federal, que proíbe a formação de monopólio ou oligopólio no setor. E a consequência de toda essa concentração de poder mostra-se na falta de pluralidade, diversidade, no controle e manipulação das informações nos meios de comunicação.

“A comunicação é a estrutura fundamental para a democracia. Sem a comunicação plural, a democracia não consegue se consolidar. Temos uma mídia controlada por poucas famílias que não deixam que as vozes apareçam e que atendem apenas uma parcela da população” explica o professor de comunicação Laurindo Lalo Leal Filho, da Universidade de São Paulo (USP).

[Disponível em: <http://www.fecesc.org.br/democratizar-a-comunicacao-e-dar-voz-a-todos/>]

TEXTO II

Estamos vivendo a “era do textão”, desencadeada por uma noção importante e saudável de que a internet nos deu poder para opinar e encontrar outras pessoas que corroboram e compartilham o que dizemos. A internet nos deu voz, audiência, e agora tudo o que queremos é ter opinião formada sobre tudo e fazer um textão sobre isso. Uma coisa tremendamente incrível, não fosse um pequeno porém...

Ao mesmo tempo que exercitamos nossa livre opinião, ficamos cada vez menos tolerantes com a opinião alheia. Passamos o dia lendo posts que nos incomodam, e às 18 horas nos vemos extremamente fatigados sem saber o motivo.

[Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/05/vivemos-era-do-textao-no-facebook.html>]

Tema 34

Responda, objetivamente, à seguinte pergunta: **o que significa ser um profissional inovador?**

Texto de apoio

Novos desafios pedem novas ideias e Sofia Esteves tem alguns conselhos importantes para quem quer ser mais inovador

Tenho certeza de que, nos últimos tempos, você tem ouvido muito falar sobre a necessidade de **inovação**.

Isso tem acontecido porque inovar é encontrar soluções estratégicas para a empresa antes que os problemas apareçam, assim o negócio se mantém competitivo.

Na prática, a ação de inovar representa aumento de faturamento, acesso a novos mercados, ampliação das margens de lucro, entre outros benefícios.

A necessidade de as empresas estarem em busca de inovação não é de hoje, o co-fundador da **Sony Corporation**, Akio Morita, já dizia que “inovação é fazermos melhor o que fazemos hoje, de forma que se torne obsoleto”.

A grande questão, no entanto, é como essa ação era vista no passado e como ela tem sido vista hoje. Anteriormente, a inovação estava voltada apenas para fora: novos produtos, novos negócios.

Nos tempos atuais, porém, ela se volta para dentro: mais do que uma disciplina, inovar é um modo de operar, pensar e estar nas empresas.

Uma habilidade para a inovação e que é essencial nos dias de hoje é ter a capacidade de navegar na incerteza.

Por muito tempo, organizações e governos operaram com uma falsa ilusão de controle e previsibilidade de suas ações.

[Disponível em: <https://exame.abril.com.br/carreira/10-dicas-para-ser-um-profissional-inovador-em-qualquer-area/>]

Tema 35

Por que precisamos de referências? Cite no mínimo uma pessoa (familiar, artista, profissional, etc.) que sirva de referência para você. Selecione argumentos que validem sua resposta.

Texto de apoio:

AS “CICATRIZES” DA INFÂNCIA NA VIDA ADULTA: PAIS SÃO REFERÊNCIAS!

Uma conversa franca com pais e para aqueles que desejam ser. Precisamos falar abertamente sobre o comportamento dos pais em relação aos filhos. Situações de insegurança, baixa autoestima, dificuldade de se posicionar, medo, rigidez, falta de limite e paciência, egoísmo, dificuldade para decidir e se impor, excesso de vaidade, cuidado e proteção... Segundo cientistas tem influência da genética, do ambiente (pais – família ampliada – sociedade – escola) e da cultura.

Você sabe quais são suas crenças irracionais a respeito de família, amor, cuidado, proteção e incentivo? Faça essa pergunta, porque certamente você repete alguns comportamentos dos seus pais e avós, já reparou? Muitas atitudes, “jeito” de ser é manifestado de forma inconsciente. Esse é um dos pontos que considero crucial na decisão de ter filho. Se você tem maior autoconhecimento e entendimento de alguns comportamentos que não foram bacanas na infância, tem grandes chances de fazer diferente, caso contrário alta probabilidade de repetir.

[Disponível em: <http://www.lalarudge.com.br/maria-rudge/as-cicatrices-da-infancia-na-vida-adulta-pais-sao-referencias/>]

Tema 36

Escreva um texto dissertativo-argumentativo sobre o seguinte tema: **o ato de cozinhar como uma forma de educação alimentar**

Texto de apoio:

Como educadora, num recorte voltado à Gastronomia e à alimentação saudável, procuro estar atenta aos sentidos, num processo de educação permanente no ritual do olhar, que se inicia de acordo com cada cultura e formação de hábitos. A educação dos sentidos não tem idade; dependerá de como o indivíduo vê o mundo.

Minhas práticas com educação alimentar são sempre com atos fundamentados na interdisciplinaridade, onde o professor vê a sala de aula muito além da disciplina ou da receita culinária, como são as minhas práticas. É preciso uma emoção e olhar profundo a escuta, o respeito, o desapego, a parceria (FAZENDA, 2007, 2003, 2001), para poder perceber e sentir seus educandos, criando um ambiente de amorosidade, humildade para um bom aprendizado, lembrando que o seu humor reflete diretamente no que está sendo preparado. A magia das alquimias transforma o alimento simples em grandes pratos e emoções. Ter atitude de estar sempre aprendendo uma nova receita, um novo jeito de fazer, de transformar, renovar o seu sabor e saber, atendendo quem está naquele momento.

Com essa preocupação de um olhar holístico, menciono também o educar no conceito de eco-gastronomia, definido pelo movimento internacional Slow Foodi (2010), como algo que representa a união entre a ética e o prazer ao alimento bom, com sua dignidade cultural, favorecida pela sensibilidade do gosto e luta pela preservação e uso sustentável da biodiversidade. Com olhar de proteção às espécies vegetais e raças animais, contribuindo com a defesa do meio ambiente, da cozinha típica regional, dos produtos saborosos e do prazer da alimentação.

Assim, respeitando a eco-gastronomia nesse viés de preservação da biodiversidade, com alguns pilares, “do respeito ao alimento e ao agricultor, do uso consciente dos recursos naturais e a escolha de ingredientes de qualidade”, podemos, na prática, ter o leque maior de oferta de alimentos produzidos e consumidos.

- Preservação da biodiversidade: a ideia é que a eco-gastronomia amplia o leque da oferta de alimentos produzidos e consumidos. Alguns exemplos são a couveflor roxa, a couve portuguesa, a couve chinesa, entre outros.
- Respeito ao alimento e ao agricultor: estimular o consumidor a fazer a escolha de alimentos de qualidade, produzidos com responsabilidade e consciência ambiental. Respeito ao produtor e às famílias que, hoje ainda, têm como atividade principal a agricultura familiar e agroecológica. Salvar alimentos, matéria prima e métodos tradicionais de cultivo e transformação dos alimentos.
- Uso consciente dos recursos naturais: na eco-gastronomia, trabalha-se a ideia de não desperdiçar água, manejar a terra de forma a mantê-la produtiva, realizar a adubação verde e o uso de defensivos naturais.
- Escolha de ingredientes de qualidade: dar prioridade a produtos com a procedência conhecida, com pouco processamento, além de respeitar a sazonalidade dos ingredientes e priorizar a valorização do produto local, com sua herança cultural e valor histórico. O indivíduo, atento ao momento vivido, perceberá o nível de transformação que está ocorrendo em seu corpo, podendo, então, superar os níveis de ignorância com que vinha atuando a seu próprio respeito. Não acreditar ou mencionar dietas, fórmulas para emagrecimento e, sim, uma experiência (vivência) com os alimentos onde o aluno é o protagonista, usando todos os seus sentidos (tato, audição, paladar, olfato, visão e, principalmente, seus sentimentos), o aluno cozinhando, vivenciando cada sentido, para, a partir daí: refletir, criar e possivelmente mudar para algo mais saudável e ter mais qualidade de vida, sobretudo ao longo dela, com seu corpo, com sua saúde e consigo mesmo. Será isso autoconhecimento? Podemos educar os sentidos? Educar o paladar? Educação alimentar pode ser iniciada desde os primeiros anos de vida?

[Disponível em: file:///C:/Users/FNAC/Downloads/35358-97137-1-SM.pdf]

Tema 37

Escreva um texto dissertativo-argumentativo sobre o seguinte tema: **a importância da escuta ativa hoje em dia**

TEXTO I

Uma das grandes habilidades do ser humano é a comunicação oral. Através do diálogo, as pessoas são capazes de falar e transmitir informações, mas também são capazes de adquirir novos conhecimentos. Parece simples, mas grande parte da população não consegue estabelecer um diálogo eficaz, pois muito do que é ouvido, não é de fato assimilado e interpretado pelo ouvinte, seja por falta de concentração, excesso de dados, etc.

Nesse sentido, a escuta ativa tornou-se uma técnica muito importante no que diz respeito ao estabelecimento de um diálogo eficiente entre interlocutor e ouvinte. A ferramenta consiste em uma pessoa transmitindo a mensagem e a outra ouvindo, compreendendo e interpretando com atenção as informações fornecidas, seja de forma verbal ou não verbal.

É importante evidenciar que praticar a escuta ativa não quer dizer que o ouvinte deve receber inúmeras informações passivamente, mas sim, que ele deve demonstrar interesse genuíno pela fala do interlocutor e assim, estabelecer um vínculo com o mesmo.

[Disponível em: <https://www.ibccoaching.com.br/portal/comportamento/escuta-ativa-entenda-como-desenvolve-la-ambiente-de-trabalho/>]

TEXTO II

A escuta activa é uma técnica de comunicação que implica que, num diálogo, o ouvinte comece por interpretar e compreender a mensagem que recebe. Parece óbvio que quem ouve deva prestar atenção ao que lhe transmitem, mas a verdade é que uma boa parte da informação de uma conversa não chega correctamente ou é mal interpretada pelo ouvinte. Isso acontece por excesso de informação, falta de concentração, stress ou por várias outras razões.

[Disponível em: <https://www.portal-gestao.com/artigos/6451-o-que-%C3%A9-a-escuta-activa.html>]

Tema 38

O Orientalismo, uma falha ocidental. Cite um caso que você acredite que exemplifique esse tipo de preconceito. E proponha hipóteses que expliquem a sua causa.

Texto de apoio:

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. [Originalmente: *Orientalism*. New York: Vintage, 1978.]

O livro fundamenta-se na tese que o “Ocidente” inventou o “Oriente” por meio do exotismo literário e científico. Autores ocidentais agruparam povos e nações distintas do norte da África, dos países árabes, da Pérsia e do subcontinente indiano em um só balaio.

A obra inicia-se com o discurso do político britânico Arthur Balfour justificando o colonialismo. Balfour trata com condescendência o caráter ingênuo dos “orientais” enquanto defende a missão civilizatória dos Europeus no Egito. Said demonstra como a geografia imaginada do Oriente foi construída, inicialmente com estudos filológicos, depois com modas nas artes e literatura, por fim nas ciências sociais. Esse mito transforma-se em discurso que alimenta decisões políticas imperialistas e colonialistas. Em contrapartida, o Oriente ajudou a definir o Ocidente (ou a Europa) por meio de contraste.

A fonte do material baseia-se em um estudo de literatura comparada. São copiosas as alusões a diversos autores. Serviram de base as obras do filólogo e fundador do orientalismo como disciplina Silvestre de Sacy, do historiador e semitologista (e anti-semita) Ernest Renan, além de romances como *Salammô* de Flaubert, traduções e narrativas de viagens de Richard Burton, bem como as aventuras de Lawrence da Árabia.

Apesar das denúncias contra as representações preconceituosas, Said não faz de sua obra um manifesto em reclamação do tratamento recebido. O autor aconselha contra as generalizações apressadas e convida a incluir a perspectivas dos sujeitos em qualquer estudo. Por fim, chama a atenção para definir o âmbito de um objeto de estudo como primeiro passo para uma análise válida.

Como referencial, Said emprega a noção de discurso conforme utilizada por Foucault. Ou seja, considera a expressão discursiva em face ao poder. A distinção estrutural entre “nosso” e “deles” para reduzir os diversos países e povos de regiões distintas no Oriente, Desse modo, o Oriente é tido como místico, sexualizado, violento, ingênuo, bruto, incivilizado, dentre outros atributos imaginados.

[Disponível em: <https://ensaiosnotas.com/2018/05/14/said-orientalismo/>]

Tema 39

O ateísmo, a religião do séc. XXI. Não acreditar em Deus é mesmo que não acreditar em nada? Se o Ateísmo é marcado pela objetividade e cientificismo, todo crente é irracional? Escolha uma opinião e selecione argumentos que a validem.

Se formos a fundo, veremos que o ateísmo é uma opção religiosa

Ateu vem da palavra grega “atheos”, ou seja, aqueles que negam (“a”) a existência de Deus (“Theos”). Ateu, portanto, é todo aquele que não acredita em Deus, ou seja, em um ser superior. É uma atitude de descrença perante a afirmação religiosa de que existem divindades e que elas exercem influência no universo e na conduta humana.

Porém, dentre esses, existem aqueles que militam pela causa da não existência de Deus e aqueles que simplesmente negam a existência d’Ele por não achar provas racionais para tal. Esses últimos estão na linha dos agnósticos, que negam o Senhor, porque Sua existência não pode ser provada. Hoje, no mundo, por volta de 749,2 milhões de pessoas se dizem não crentes, ou seja, 11% da população. O país mais ateu do mundo em porcentagem é a Suécia com 85% de Ateus. O Brasil se encontra entre as populações mais religiosas com 76% de crentes (pessoa que acredita em alguma forma de religiosidade).



Todavia, se formos a fundo na questão do ateísmo, vamos ver que a verdadeira descrença em seres superiores é bem rara. Na verdade, desde sempre, o ser humano é marcado pela religiosidade, a tal ponto que, na arqueologia, a diferença fundamental entre restos mortais de primatas e seres humanos é a presença de religiosidade, através de sinais de ritos religiosos nos ossos humanos (sacrifícios), e nos utensílios que eles usavam. Embora a propaganda pós- iluminista e midiática insista em querer enganar as pessoas no sentido de que a razão e a fé são antagônicas, na verdade “a fé e a razão” constituem como que as duas asas, pelas quais o espírito humano se eleva à contemplação da verdade” (São João Paulo II).

Grandes cientistas religiosos

É curioso observar que a maior parte dos grandes cientistas é de religiosos como, por exemplo, Nicolau Copérnico († 1543), fundador da cosmovisão moderna; Newton († 1727), fundador da física teórica clássica; Ampère († 1836), que descobriu a lei fundamental da corrente elétrica, Gaus († 1855), importante matemático alemão; Darwin († 1882), criador da teoria da evolução; Albert Einstein († 1955), fundador da física contemporânea e da teoria da relatividade; Millikan († 1953), físico ganhador do prêmio Nobel de 1923; Plank († 1947), fundador da física quântica e Nobel em 1918; Erwin Schrödinger († 1961), criador da mecânica ondulatória e ganhador do prêmio Nobel de 1933; Wernher von Brown († 1977), americano criador dos foguetes espaciais.

[Disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/igreja/doutrina/o-ateismo-e-uma-opcao-religiosa/>]

5. TEMAS INÉDITOS ESTILO ENEM

Tema 1

A importância de o aluno sentir-se protagonista durante o processo educativo

Para refletir sobre o assunto, ofereço um trecho de “Pedagogia do Oprimido”, de Paulo Freire: um texto no qual se reflete sobre a estrutura hierarquizada, meritocrática e excludente da escola.

“O homem como um ser inconcluso, consciente de sua inconclusão... e seu permanente movimento de busca do ‘ser mais’.”

A concepção e a prática (de educação) “bancárias”, imobilistas, “fixistas”, terminam por desconhecer os homens como seres históricos, enquanto a (educação) problematizadora parte exatamente do caráter histórico e da historicidade dos homens. Por isto mesmo é que os reconhece como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade que, sendo histórica também, é igualmente inacabada. Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um fazer permanente. Permanente, na razão da inconclusão dos homens e do devenir da realidade.

Em busca do ‘ser mais’, porém, não pode realizar-se no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires, daí que seja impossível dar-se nas relações antagônicas entre aqueles que sabem (professores) e os que nada sabem (aluno).

Tema 2

De que modo a leitura e a escrita beneficiam a população?



Aí vai um link com a introdução de uma monografia (um TCC – Trabalho de Conclusão de Curso). Sugiro que vocês leiam a página 7 (a introdução). Quem estiver na pilha tem mais que ler tudo mesmo

e aproveitar a leitura para refletir sobre leitura e quem sabe motivar-se a escrever. Trata-se de um tema filosófico, como todos sabem. Não basta pensar: é preciso pensar sobre o pensamento e a partir disso construir sua maneira de entender seu entendimento, formulando suas próprias frases, que refletem seu próprio pensamento, que se contrasta com cada frase lida.

Para ampliar ainda mais o grau de reflexão de vocês e sua capacidade perceptiva, posto trechos do meu escritor preferido nesse assunto – Roland Barthes:

[...] a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. (1979, p. 18-19)

A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor ela sabe das coisas - que sabe muito dos homens. [...] Porque ela encena a linguagem, em vez de, simplesmente, utilizá-la, a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita: através da escritura, o saber reflete incessantemente o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico mas dramático. (1979, p. 18-19)

Tema 3

Quais os limites da liberdade de expressão nas redes sociais?

O primeiro texto de apoio é um trecho do “Marco Civil da Internet”, um movimento legislativo para buscar certo controle estatal do que ocorre na rede:

“Introdução

A tramitação do chamado Marco Civil da Internet, sancionado em 23 de abril de 2014 e transformado na Lei 12.965, suscitou acalorados debates na sociedade e no Parlamento. Por diversas vezes as discussões colocaram em lados diametralmente opostos segmentos das mais diferentes matizes. Sendo a internet uma ferramenta utilizada pela maioria da população e pelas pequenas, médias e grandes empresas, o Projeto de Lei 2.126 de 2011, apresentado na Câmara dos Deputados pelo Poder Executivo, teria grande impacto qualquer que fosse a solução legislativa resultante de sua tramitação.

A iniciativa, batizada com o epíteto de Constituição da Internet, tal como expresso na ementa, **“estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da internet no Brasil”**. Além de ser uma declaração de princípios para usuários e garantir a privacidade, os direitos humanos e o exercício da cidadania em meios digitais, a proposta buscava também regulamentar diversos aspectos relacionados à exploração comercial e governamental da grande rede. Várias foram as polêmicas nos assuntos tratados. A guarda dos dados dos usuários pelas empresas de conexão à internet e pelas empresas responsáveis pelos conteúdos disponíveis na internet, a neutralidade da rede e o armazenamento dos dados dos internautas no país estiveram entre os assuntos que mais geraram embates entre empresas de telecomunicações e de conteúdo na internet, detentores de direitos autorais, governo, grupos articulados de usuários e tantos mais.

CAPÍTULO II

DOS DIREITOS E GARANTIAS DOS USUÁRIOS

Art. 7º) O acesso à internet é essencial ao exercício da cidadania, e ao usuário são assegurados os seguintes direitos:

I) inviolabilidade da intimidade e da vida privada, sua proteção e indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;

II) inviolabilidade e sigilo do fluxo de suas comunicações pela internet, salvo por ordem judicial, na forma da lei;

III) inviolabilidade e sigilo de suas comunicações privadas armazenadas, salvo por ordem judicial.”

Além disso, colo aqui um vídeo que explica do que se trata essa lei:



AUTOR: Agência Riot

Tema: Lei 12.965, Marco Civil da Internet

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uXwel-Vha2HU>>

Para exemplificar casos em que a “liberdade de expressão” de alguns invadiu a condição cidadã de outros, colo alguns endereços eletrônicos em que se noticiam casos de racismo na rede: contra Taís Araújo (<http://www.revistaforum.com.br/.../tais-araujo-e-vitima-de-a.../>), contra Maria Júlia Coutinho (<http://f5.folha.uol.com.br/.../1653096-policia-identifica-sus...>). E basta vocês colocarem no Google “Valentina Master Chef jr tweet”, para assistir a outro caso de “abuso de liberdade” em rede.

Espero que façam desse assunto um momento de reflexão sobre a nossa responsabilidade ao tornar público seja lá o que queiramos tornar.

Tema 4

O prejuízo à qualidade de vida por conta do trabalho excessivo

O texto define “workaholic”, refletindo sobre o próprio vocábulo e sobre o comportamento que ele nomeia.

Compras + trabalho: os pecados do capital

1) Quando foi criado o termo workaholic? E onde surgiu?

É uma expressão americana que teve origem na palavra alcoholic (alcoólatra). Workaholic, então, é um viciado em trabalho. As pessoas assim sempre exis-tiram; no entanto, as últimas décadas acentuaram sua existência motivada graças à alta competição, necessidade – talvez mais adequado seria dizer obsessão – de dinheiro, vaidade, sobrevivência ou ainda alguma necessidade pessoal de provar algo a alguém ou a si mesmo.

2) Como diferenciar a pessoa que está muito satisfeita com seu trabalho do viciado?

Ambos se esforçam e são produtivos. Mas o workaholic (termo em inglês que define o viciado em trabalho) está sempre estressado e não consegue abrir uma brecha para o lazer. Ele usa o trabalho para se esconder dos problemas da vida pessoal, que vai bem mal. O outro mantém o entusiasmo a semana toda e cultiva uma vida pessoal animada. Trata-se do worklover, o apaixonado pelo trabalho. O termo nasceu de uma série de estudos que atestam que estar satisfeito com o trabalho faz bem tanto para a cabeça quanto para o corpo.

3) Por que uma pessoa se torna viciada em trabalho?

Workaholics são pessoas que fazem do trabalho a sua principal razão de viver. Entre tantos motivos que levam a tal situação estão a competição, busca de poder e status, realização profissional e, às vezes, a maior razão, em muitos casos: a fuga de problemas íntimos ou familiares.

4) O viciado em trabalho se sente satisfeito com sua atividade profissional?

O workaholic faz de seu trabalho o sentido de sua vida, canaliza cada vez em maior escala sua energia para a carreira profissional, sacrificando assim o lazer e as relações pessoais. É uma pessoa que racionaliza muito, desconsidera seus próprios sentimentos e tem um contato mínimo consigo mesma e com seus conflitos. É um tanto individualista e egoísta.

5) Existe algum tipo de categoria profissional mais predisposta ao vício?

Os gerentes, executivos, coordenadores e pessoas que ocupam cargos de liderança são mais propensos a serem workaholics.

6) Há algum tipo de personalidade mais predisposta a esse tipo de vício?

É uma pessoa sempre insatisfeita consigo, que alimenta a ideia de ser “onipotente” e “onipresente”, mas na verdade é um “pai omissivo” ou uma “mãe ausente”, também um amante ou companheiro que sempre deixa a desejar, que sempre oferece pouco companheirismo, contato e afeto.

7) Existe algum tratamento para o problema?

O tratamento consta de psicoterapia. O workaholic precisa reconhecer sua condição e querer ajuda para mudar.”

E o vídeo é do professor da USP Clóvis de Barros Filho, vídeo bem-humorado, descontraído e ao mesmo tempo profundo. Ele traz uns exemplos um pouco desagradáveis, mas prestem atenção nas definições filosóficas do que é felicidade!



AUTOR: Clóvis de Barros Filho
Tema: Filosofia
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UXBF1ZkdIQI>>

Tema 5

A mobilidade urbana e sua influência na qualidade de vida

Embora seja a solução mais incensada atualmente, a bicicleta é apenas uma das saídas para resolver ou amenizar o trânsito caótico que importuna a vida de 10 entre 10 moradores das grandes cidades. A mobilidade contempla um leque bem maior de ações, pois deve harmonizar equipamentos urbanos como calçadas, arquitetura, praças, pedestres, carros, arborização, ciclovias e mesmo espaço para skatistas.

“Mobilidade é mais abrangente que tráfego de veículos. A rua é de todo mundo e temos que conviver bem com a totalidade do ecossistema urbano. As calçadas estão intransitáveis para nós, imagine para os cadeirantes”, provocou o professor Luiz Silvério Silva, da Faculdade de Administração e Economia e coordenador da Cátedra de Gestão de Cidades da Universidade Metodista.

O tema pautou o 4º Colóquio da Cátedra, Gestão de Cidades, da Universidade Metodista de São Paulo que a cada semestre promove debate e reflexão sobre temas relevantes da vida urbana. A Mobilidade Urbana foi levada para os três campi da Metodista na primeira semana de março de 2015 e reuniu turmas de cursos variados.

Governos vêm resolvendo pela metade o problema do caos no trânsito das grandes cidades, que foram pensadas para o carro. O modelo atual é de consumo de petróleo, de estímulo ao usuário de veículo automotor, “fazendo com que bicicletas fiquem para segundo plano, como se fosse coisa de pobre”, definiu a professora do Núcleo de Formação Cidadã, Márcia Velasques. “Nas pequenas cidades do interior, a bicicleta é o meio mais comum de transporte. A inversão ocorreu nas grandes cidades”, citou, lembrando do desgaste físico e emocional cada vez maior de se enfrentar congestionamentos infundáveis, o custo monetário do trânsito e a escassez de espaços disponíveis para estacionar.

No vídeo de abertura do evento, reportagem exibiu que jovens norte-americanos já colocam o celular à frente do primeiro carro como desejo de consumo, enquanto na Itália vendem-se mais bicicletas que automóveis pela primeira vez em meio século. “Todos voltam da Europa encantados com a modernidade das ciclovias, mas se um prefeito reserva uma faixa para bikes na frente de casa, muitos protestam”, comparou professor Luiz Silvério.

Carlos Henrique de Oliveira, professor do curso de Engenharia Ambiental e Sanitária da Metodista, chegou a incluir o transporte aquático no leque de diversidades contempladas pela mobilidade urbana. Segundo ele, São Paulo e em particular o Grande ABC são banhados por grande rede hídrica que facilitaria seu uso para deslocamentos internos.

Tema 6

A pichação e o grafite como expressões artísticas

Trabalho como repórter-fotográfico em São Paulo e passo o dia todo rodando pelas ruas dessa gigantesca cidade. O banco da frente do carro de reportagem é meu escritório. O barulho das buzinas dos motoboys, o cheiro de fumaça e os congestionamentos fazem parte da minha rotina.

Faz tempo que comecei a prestar atenção às pichações que dominam os muros da cidade. Conheci alguns pichadores e descobri que existe uma guerra silenciosa na noite paulistana. Milhares de jovens disputam os lugares mais altos para marcar seu nome ou o de seu grupo. Eles escrevem num alfabeto próprio, desenvolvido com linguagem e códigos específicos. Ganha a disputa quem pichar mais alto, no lugar com maior visibilidade.

A cada nova história que escutava eu me interessava mais pelo assunto. Passei a reparar nas letras, a tentar decifrar cada palavra e mensagem como se fosse um quebra-cabeça. Aos poucos, aquilo que parecia caótico começou a fazer sentido para mim. Percebi que aquilo não era tão feio como alardeavam. Na verdade, a suposta feiura da pichação até combinava com a paisagem acinzentada de São Paulo. O estilo das letras, a forma, o jeito com que elas são escritas são lindos. Adoro ver no alto dos prédios aquelas pichações enormes, com letras enfumaçadas. Tento imaginar quem fez, como fez e o que passou pela cabeça dele enquanto fazia.

Pouca gente sabe, mas o estilo de letras criado pelos pichadores de São Paulo é cultuado na Europa. Existem livros na Alemanha que tratam exclusivamente da bela grafia das pichações paulistanas, com fotos e textos analíticos sobre o assunto. Creio que ao lado dos motoboys, os pichadores são o que há de mais representativo e genuinamente paulistano.

Além de bonito, o ato de pichar é um efeito colateral do sistema. É a devolução, com ódio, de tudo de ruim que foi imposto ao jovem da periferia. Muitos garotos tratados como marginais nas delegacias, mesmo quando são vítimas, ridicularizados em escolas públicas ruins e obrigados a viajar num sistema de transporte de péssima qualidade devolvem essa raiva na forma de assaltos, sequestros e crimes. O pichador faz isso de uma maneira pacífica. É o jeito que ele encontrou de mostrar ao mundo que existe. Os jovens da periferia das grandes cidades precisam aprender a canalizar esse ódio para atividades não violentas, como o rap, o grafite e até mesmo as pichações – que também podem ser consideradas um esporte de ação, tamanha a descarga de adrenalina que libera em seus praticantes. Ser pichador requer ótimo preparo físico para escalar muros e prédios, andar por parapeitos com latas de spray e correndo o risco de ser pego pela polícia ou por algum morador furioso.

Não é só por isso que considero artísticas as pichações de São Paulo. A definição do que é arte tem algo de relativo e abstrato. O que é arte para uns, pode não ser para outros. Tudo depende das informações que cada um tem, onde e como vive, como cresceu e que tipo de formação educacional teve. É verdade que a ação dos pichadores desagrada e é condenada pela maioria das pessoas que vivem em São Paulo. Mas grandes artistas do último século usaram a arte para reverter conceitos estabelecidos e provocar mudanças de comportamento. Para isso, precisaram incomodar o establishment. Toda arte que se preze tem de incomodar, causar no espectador algum tipo de reação à qual ele não está acostumado. A pichação é um bom exemplo de como cumprir bem este papel.

Não defendo que cada leitor compre uma lata de spray e saia pichando seu nome por aí. Apenas tento entender, livre de preconceitos, um fenômeno que é visível nos pontos mais movimentados da cidade e que faz parte da vida de todos que andam por São Paulo. A pichação é o pano de fundo da cidade, um detalhe do cenário que combina com a cor do asfalto, o cinza dos prédios, o cheiro da fumaça que sai do escapamento dos ônibus, o barulho do motor, da buzina dos motoboys, da correria...

João Wainer (tem 28 anos e é repórter-fotográfico do jornal *Folha de S. Paulo* desde 1996)
Disponível em <http://super.abril.com.br/cultura/pichacao-e-arte/>. Acesso em 15/06/2017

Tema 7

Soluções para a precariedade do sistema carcerário brasileiro

Originalmente as prisões foram criadas como alternativas mais humanas aos castigos corporais e à pena de morte. Já, num segundo momento, estas deveriam atender as necessidades sociais de punição e proteção enquanto promovessem a reeducação dos infratores. Mas sabemos que tem sido utilizadas para servir a propósitos muito diferentes daqueles originalmente visados.

Segundo dados oficiais (CNJ/DPN), o Brasil tinha 422.373 presos, número que subiu 6,8% (451.219) em 2008 e 4,9% (473.626) em 2009. Atualmente, o país conta com quase 500 mil presos - seguindo esse ritmo, estima-se que em uma década dobre a população carcerária brasileira. O Brasil é a terceira maior população carcerária do mundo, só fica atrás dos Estados Unidos (2,3 milhões de presos) e da China (1,7 milhões de presos).

Dos quase 500 mil presos, 56% já foram condenados e estão cumprindo pena e 44% são presos provisórios que aguardam o julgamento de seus processos; a capacidade prisional é de cerca de 320 mil presos. Assim, o déficit no sistema prisional gira em torno de 180 mil vagas; há cerca de 500 mil mandados de prisão já expedidos pela justiça que não foram cumpridos; Cerca de 10 mil pessoas são detidas mensalmente; O índice de punição de crimes é inferior a 10%. Isso mostra que se a polícia fosse mais eficiente, o poder público não teria onde colocar tantos presos e a superlotação seria maior; quase 60 mil pessoas se encontram encarceradas em delegacias, pois as penitenciárias e cadeiões não comportam e não dispõem de infraestrutura adequada; A construção de novas prisões custa, em média, cerca de R\$ 25.000 por vaga; em termos de manutenção das vagas existentes, cada preso custa, em média, cerca de R\$ 1.500 por mês aos cofres públicos. É muito dinheiro, mas e daí?

A população carcerária brasileira compõe-se de 93,4% de homens e 6,6% de mulheres. Em geral, são de jovens com idade entre 18 e 29 anos, negros, com baixa escolaridade, sem profissão definida, baixa renda, muitos filhos e mãe solteira (no caso das mulheres). Em geral, praticam mais crimes contra o patrimônio (70%) e tráfico de entorpecentes (22%); A média das penas é de 4 anos.

As prisões no Brasil, segundo o relatório da ONG *Human Rights Watch* (sobre violações dos direitos humanos no mundo) estão em condições desumanas, são locais de tortura (física e psicológica), violência, superlotação. Vive-se uma situação de pré-civilização no sistema carcerário. Constata-se péssimas condições sanitárias (Um chuveiro e um vaso sanitário para vários detentos) e de ventilação; colchões espalhados pelo chão (obrigando os detentos a se revezarem na hora de dormir); superpopulação (falta de vagas, inclusive em unidades provisórias); má alimentação; abandono material e intelectual; proliferação de doenças nas celas; maus tratos; ociosidade; assistência médica precária; pouca oferta de trabalho; analfabetismo; mulheres juntas com homens, já que a oferta de vagas para mulheres é muito baixa; homens presos em *contêineres*; há desproporcionalidade na aplicação de penas; mantêm-se prisões cautelares sem motivação adequada e por mais tempo do que o previsto; falta Defensoria Pública eficaz, pois muitos presos que já poderiam estar soltos continuam presos, já que não têm dinheiro para contratar um bom advogado; contudo, quando se observa a realidade das mulheres em estabelecimentos prisionais, as dificuldades são ainda maiores, pois o Estado não respeita as especificidades femininas, como por exemplo, a falta de assistência médica durante a gestação, de acomodações destinadas à amamentação e na quase ausência berçários e creches.

Segundo Cezar R. Bitencourt, eminente penalista, as deficiências apresentadas nas prisões são muitas:

a) maus tratos verbais ou de fato (castigos sádicos, crueldade injustificadas, etc.); b) superlotação carcerária (a população excessiva reduz a privacidade do recluso, facilita os abusos sexuais e de condutas erradas); c) falta de higiene (grande quantidade de insetos e parasitas, sujeiras nas celas, corredores); d) condições deficientes de trabalho (que pode significar uma inaceitável exploração do recluso); e) deficiência dos serviços médicos ou completa inexistência; f) assistência psiquiátrica deficiente ou abusiva (dependendo do delinqüente consegue comprar esse tipo de serviço para utilizar em favor da sua pena); g) regime alimentar deficiente; h) elevado índice de consumo de drogas (muitas vezes originado pela venalidade e corrupção de alguns funcionários penitenciários ou policiais, que permitem o tráfico ilegal de drogas); i) abusos sexuais (agravando o problema do homossexualismo e onanismo, traumatizando os jovens reclusos recém ingressos); j) ambiente propício a violência (que impera a lei do mais forte ou com mais poder, constringendo os demais reclusos).

Segundo dados do InfoPen, um único médico é responsável por 646 presos; cada advogado público é responsável por 1.118 detentos; cada dentista, por 1.368 presos; e cada enfermeiro, por 1.292 presos. Todavia, a Resolução do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária determina que para cada grupo de 500 presos exista um médico, um enfermeiro, um dentista e um advogado. O descumprimento da lei não está apenas na assistência dos presos. Segundo a legislação cada detento deveria ter cela individual e área mínima de 6 metros quadrados. Mas a realidade é outra, pois nos cárceres há um verdadeiro amontoamento de presos, depósitos humanos, onde ficam apenas contidos, segredados.

Tema 8

A importância da demarcação de terras para a manutenção dos direitos indígenas

Texto I:

Terra Indígena (TI) é uma porção do território nacional, de propriedade da União, habitada por um ou mais povos indígenas, por ele(s) utilizada para suas atividades produtivas, imprescindível à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e necessária à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições. Trata-se de um tipo específico de posse, de natureza originária e coletiva, que não se confunde com o conceito civilista de propriedade privada.

O direito dos povos indígenas às suas terras de ocupação tradicional configura-se como um direito originário e, conseqüentemente, o procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas se reveste de natureza meramente declaratória. Portanto, a terra indígena não é criada por ato constitutivo, e sim reconhecida a partir de requisitos técnicos e legais, nos termos da Constituição Federal de 1988.

Ademais, por se tratar de um bem da União, a terra indígena é inalienável e indisponível, e os direitos sobre ela são imprescritíveis. As terras indígenas são o suporte do modo de vida diferenciado e insubstituível dos cerca de 300 povos indígenas que habitam, hoje, o Brasil.

Quantas são e onde se localizam?

Atualmente existem 462 terras indígenas regularizadas que representam cerca de 12,2% do território nacional, localizadas em todos os biomas, com concentração na Amazônia Legal. Tal concentração é resultado do processo de reconhecimento dessas terras indígenas, iniciadas pela Funai, principalmente, durante a década de 1980, no âmbito da política de integração nacional e consolidação da fronteira econômica do Norte e Noroeste do País.

Disponível em <<http://www.funai.gov.br/index.php/nossas-acoas/demarcacao-de-terras-indigenas>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

Texto II:

Lista de ataques ao direito indígena à terra

O **direito indígena à terra**, garantido pela **Constituição de 1988**, é um direito originário, anterior à criação do próprio Estado - reconhecimento do fato histórico de que os índios foram os primeiros ocupantes do Brasil. Mas ainda hoje esse direito está sob ameaça.

Apesar de a carta magna ter definido que até 1993 o governo brasileiro deveria demarcar todas as terras indígenas, de acordo com o critério de ocupação tradicional das terras, a determinação está longe de ser cumprida. Agora, além de sofrer com a lentidão na efetivação de seus direitos, os povos indígenas são alvo dos sistemáticos e violentos ataques arquitetados pela bancada ruralista.

Após as votações do **Código Florestal**, parlamentares dessa bancada — diretamente ligada aos interesses de latifundiários, empresas e confederações do agronegócio — voltaram suas canetas a projetos de lei que visam extinguir direitos já adquiridos, modificar (dificultar) o **processo de reconhecimento das terras indígenas** e criar possibilidades para a exploração dessas áreas por não indígenas.

Nesse sentido, tramitam no Congresso e são discutidas em outras esferas governamentais várias medidas cuja extinção é uma das principais reivindicações do movimento indígena nacional:

Projeto de Emenda Constitucional (PEC) 215/2000: Retira do poder Executivo a função de agente demarcador das terras indígenas ao incluir entre as competências exclusivas do Congresso Nacional a aprovação de demarcação das terras tradicionalmente ocupadas pelos indígenas e a ratificação das demarcações já homologadas. Deputados e senadores teriam o poder, inclusive, de rever e reverter demarcações antigas ou já encerradas. É de autoria de Almir Sá (PPB/RR).

Projeto de Lei Complementar (PLP) 227/2012: Considera de interesse público e pretende legalizar a existência de latifúndios, assentamentos rurais, cidades, estradas, empreendimentos econômicos, projetos de desenvolvimento, mineração, atividade madeireira, usinas e outros em terras indígenas. É de autoria de Homero Pereira (PSD/MT).

Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/c/terras-indigenas/ameacas,-conflitos-e-polemicas/lista-de-ataques-ao-direito-indigena-a-terra>. Acesso em 15/06/2017

Tema 9

Os efeitos negativos do preconceito linguístico

O preconceito linguístico e sua relação com o poder

O preconceito linguístico é uma atitude em que o indivíduo faz um pré-julgamento da forma de usar a língua, seja na fala seja na escrita, do outro semelhante. Nessa conduta, ocorre o preconceito, uma vez que o julgador se acha superior linguisticamente ao julgado e conseqüentemente se acha melhor como indivíduo.

Conforme Bagno (2003, p. 75), “os preconceitos linguísticos impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo”. Também é certo que o indivíduo não restringe suas ideias pré-concebidas apenas a uma modalidade de preconceito, certamente quem manifesta o preconceito linguístico também é preconceituoso em relação à cor, opção sexual, de classe social, etc. E tudo gerado pela ignorância em relação à complexidade desses fatores sociais. É inquestionável a influência exercida pela língua na vida dos seres humanos, por isso, a forma como falamos e escrevemos diz (ou pode dizer) muito sobre a pessoa, daí vem a inter-relação do linguístico com o social. A linguagem influencia a convivência entre as pessoas, ao mesmo tempo em que é influenciada por ela, com isso, considerar a fala do próximo como erro e inferior não implica apenas em questões linguísticas, mas em questões sociais. São conhecidos em estudos da linguística e da sociolinguística termos como ‘norma culta’ e ‘norma padrão’, esses servem para designar uma modalidade linguística falada que se aproxima da que está presente nas gramáticas, dicionários etc. e tem como base os clássicos da literatura e o idioma arcaico. É nesse idioma padronizado que os preconceituosos linguisticamente se baseiam, considerando qualquer desvio dessa norma como errado e sem importância, ignorando que a própria normal culta falada, por vezes, não corresponde às regras gramaticais canônicas.

Trava-se, assim, uma batalha entre os estudiosos da linguagem e os chamados puristas. Os primeiros levam em conta que a língua é algo histórico e, conseqüentemente, sofre as mudanças dentro dos contextos sociais, culturais e históricos, com isso, são contra a normatização daquela. Já os segundos estão do lado da elite dominante e querem preservar a língua, considerada por eles como correta, das intromissões errôneas dos dialetos desprestigiados socialmente. Ainda podemos colocar ao lado dessa segunda corrente, a imprensa e os meios midiáticos em sua grande maioria. Cotidianamente vemos exemplos bem explícitos do preconceito linguístico sendo divulgados em rádios, nos jornais e principalmente na televisão. Esses sistemas têm o poder de criar estereótipos, fazendo o senso comum aceitar como verdadeiro retrato da sociedade. Então a mídia faz uma distorção do conceito de língua e não leva em conta que ela é a identidade do povo que a usa.

[*O preconceito linguístico na mídia televisiva*. Máira Éliidy Brito Junqueira (UNEB); Adriana Bastos Souza (UNEB); Genilson Dias Silva (UNEB); Luciene Ferreira da Silva (UNEB); Vanda Alves da Silva Almeida (UNEB)]. Disponível em <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_3/212.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2017

A necessidade de debater acerca de transtornos mentais

Texto I

Doenças mentais

Cerca 20% dos adultos tendem a sofrer de algum transtorno mental em algum momento de sua vida. Confira a incidência de algumas doenças, os tratamentos e onde buscar ajuda



Depressão

O que é
Sentimento de tristeza intensa, profunda e persistente, desproporcional ao acontecimento

Incidência* 6% - 10%

 (9% mulheres e 10% dos homens)

Tratamento

O uso de medicamentos é a base do tratamento, que pode ser complementado com psicoterapias

Onde buscar ajuda?

Nas unidades básicas de saúde com atendimento psiquiátrico, Centro de Atenção Psicossocial (Caps) ou nos ambulatórios de hospitais-escola ou hospitais gerais



Distúrbio de ansiedade generalizado

O que é
Nervosismo e preocupação intensos, duradouros e frequentes, com permanências de pelo menos seis meses

Incidência* 3,4%

Tratamento

Dependendo do distúrbio de ansiedade, ansiolíticos e psicoterapia podem aliviar a disfunção

Onde buscar ajuda?

Nas unidades básicas de saúde com atendimento psiquiátrico, Centro de Atenção Psicossocial (Caps) ou nos ambulatórios de hospitais-escola ou hospitais gerais



Distúrbio do pânico

O que é
Ansiedade extrema, com sintomas físicos como dores no peito, falta de ar, agitação, sudorese e palpitações

Incidência* 3,5%

Tratamento

Em casos mais leves pode existir recuperação sem medicação. Em casos mais graves, indica-se remédios e terapia

Onde buscar ajuda?

Nas unidades básicas de saúde com atendimento psiquiátrico, Centro de Atenção Psicossocial (Caps) ou nos ambulatórios de hospitais-escola ou hospitais gerais



Transtorno Bipolar

O que é
Episódios de depressão alternados com episódios de exaltação e euforia

Incidência* 1%

Tratamento

Antidepressivos, com controle rígido dos efeitos sobre o humor. Também são usados remédios estabilizadores do humor

Onde buscar ajuda?

Nas unidades básicas de saúde com atendimento psiquiátrico, Centro de Atenção Psicossocial (Caps) ou nos ambulatórios de hospitais-escola ou hospitais gerais



Esquizofrenia

O que é
Perda de contato com a realidade, alucinações, delírios, alteração de desempenhos e motivação diminuída

Incidência* 1%

Tratamento

São usados medicamentos antipsicóticos, psicoterapia e reabilitação com atividades de apoio comunitário

Onde buscar ajuda?

Nos Centros de Atenção Psicossocial ou nos hospitais com atendimento psiquiátrico

Texto II (Entrevista com Hans-Ulrich Wittchen, diretor do Instituto de Psicologia Clínica e Psicoterapia da Universidade Técnica de Dresden, na Alemanha)

Os problemas mentais são considerados menos graves?

Exatamente. E eles são muito graves, para os pacientes e também para a sociedade. É claro que é grave quando alguém sofre um infarto ou desenvolve diabetes, mas o impacto das doenças mentais é maior para a sociedade, porque faz com que pessoas, aparentemente saudáveis, passem 30 anos sem conseguir trabalhar. Os custos para a sociedade são de bilhões e bilhões de euros. A doença ataca mais mulheres do que homens, e isso ocorre porque as mulheres têm uma jornada dupla — cuidam dos filhos, da casa, trabalham fora — e, além disso, porque elas vivem em média seis anos a mais do que os homens.

Qual é o papel do estresse da vida moderna no aumento dos casos de depressão?

O estresse pode fazer surgir um novo caso de depressão. Por outro lado, as pessoas que sofrem de depressão sentem mais estresse em alguns tipos de atividades que para outras pessoas não teriam o mesmo peso, como cuidar dos filhos ou realizar as tarefas profissionais. Uma pessoa em depressão não aguenta trabalhar oito horas diárias consecutivas, por isso os efeitos da doença são graves para a sociedade.

Quer dizer que as pessoas sofrem mais de estresse porque já sofrem de um distúrbio psíquico?

Exatamente. O estresse sozinho não causa doenças mentais. Observe países onde as pessoas sofrem muito, passam fome, vivem em terríveis condições de pobreza, ou em guerra civil. Essas pessoas têm um alto nível de estresse, mas não têm mais doenças mentais do que em países onde não há fome ou guerra civil. O ser humano aprendeu a conviver com essas situações ao longo da evolução. Nós aprendemos a lutar pela sobrevivência, mas nós não aprendemos a conviver com a situação de não saber o que fazer profissionalmente.

Quais são os distúrbios mentais mais frequentes?

O mais frequente é a ansiedade, que afeta cerca de 14% da população, a depressão grave vem em segundo lugar, com 7%. Muitas vezes, a doença começa com ansiedade para mais tarde virar depressão.

Quais são as causas?

Ter medo sempre foi algo importante na história da evolução, toda pessoa pode ter medo de vez em quando e isso é inteiramente normal. O medo nos ajudou a sobreviver. Ficar triste também faz parte da condição humana, isso mostra que há regulação entre o medo, a angústia e a depressão. Mas em situações extremas da vida, desafios para as quais a pessoa não está preparada, o mecanismo normal de regulação não funciona e a pessoa pode adoecer de depressão. As condições sociais são um terreno fértil para a doença, mas a depressão não é causada só pelo estresse.

Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/o-impacto-das-doencas-mentais-maior-que-das-cardiovasculares-diz-pesquisador>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

Tema 11

Os benefícios da leitura na era digital

“Superficialidade

Há quem veja nessa torrente de informações que jorra na internet um fator negativo, dificultando nossa concentração em textos de fôlego como romances, por exemplo. Em artigo controverso publicado na revista *The Atlantic* em 2008, intitulado “O Google Está nos Deixando Idiotas?”, o crítico de tecnologia Nicholas Carr defende a tese de que a navegação na internet está interferindo em nossa capacidade de leitura. Se antes, afirma Carr, ele se sentia um “mergulhador num oceano de palavras”, hoje ele literalmente se sente “esquiando nesse oceano”, dando a entender que a experiência de ler proporcionada pela internet é bastante superficial.

Por falar em imersão, para Roseli Deieno Braff, supervisora de língua portuguesa da editora COC, essa geração que já nasceu imersa na tecnologia não possui carência de informações, pois está sempre conectada. Porém falta muitas vezes a capacidade de se aprofundar mais no que leem e, conseqüentemente, de separar o joio do trigo.

– Não falta informação para esses jovens, mas muitas vezes falta a capacidade de processar e refletir sobre tudo o que leem. Ansiosos e inquietos, consideram uma tarefa muito difícil ler um livro de cem páginas. Nesse sentido, a ausência de concentração torna-se muito negativa, obstáculo inclusive para a resolução dos problemas que a vida certamente vai oferecer – afirma Roseli.

Ainda que o processo de reflexão não esteja acompanhando o ritmo acelerado com que esta geração vem consumindo informações, a professora de português Rosângela Cremaschi, do curso de Comunicação Escrita da FAAP, acredita que a diversidade de códigos e linguagens tem deixado os jovens mais atentos e receptivos.

– A internet deixou o leitor mais receptivo e participativo, pois recebe informações em diferentes linguagens e por meio de leituras não lineares. O texto até então “sagrado” se torna mais acessível. Se antes o ato de ler era algo distante, a internet acabou com isso, o que é positivo – defende Rosângela.

O escritor Michel Laub também vê com bons olhos os novos hábitos de leitura incutidos pela tecnologia. Para ele, a propensão a textos mais curtos em sites e blogs não nos tornou necessariamente mais dispersos ou desatentos. Ao contrário: lê-se mais do que antigamente.

– Os que leem textos mais longos e difíceis são uma minoria como sempre foram. Mas o restante das pessoas, que há uma década não lia nada, hoje trabalha com o texto escrito boa parte do tempo, e isso cria um certo hábito de leitura, mesmo que diluído – afirma.

Mais leitores

Não por acaso, segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro na última década, o Brasil saltou de 26 para 66,5 milhões de leitores no que diz respeito a livros impressos. Esses números por si só já desfazem qualquer “má” influência da internet sobre os hábitos de leitura do brasileiro.

– A internet não deve ser vista como algo negativo, pois amplia nossas possibilidades de leitura. É claro que é preciso um olhar crítico, e este é o papel do educador, o de orientar a busca, seleção e gerenciamento das informações que estão disponíveis na rede - afirma Valéria Caratti, consultora do portal Planeta Educação.

Não só a leitura como também a escrita foram favorecidas pela explosão da comunicação na internet observada na última década, que proporcionou um contato maior das pessoas com atividades que envolvam a escrita - como deixar um recado na página de um amigo, escrever um e-mail ou postar textos num blog. Também é inegável que sites de relacionamento - como Orkut, Twitter e Facebook, só para citar os mais conhecidos - tornaram o ato de escrever mais banal e cotidiano, sem nenhum prejuízo nisto, uma vez que a escrita elaborada deixou de ser algo exclusivo de escritores e das atividades escolares.”

Disponível em <http://revistalingua.com.br/textos/64/artigo249031-1.asp> Acesso em 19/07/2016

Tema 12

Os maus-tratos aos animais em rituais folclóricos

“Nas últimas décadas a humanidade tem se sensibilizado contra ações de crueldade e maus-tratos contra animais domésticos e silvestres, levando a vários países a criarem regras mais rígidas de proteção aos animais. A sociedade vem entendendo que os animais realmente devem ser protegidos contra crueldades e maus-tratos. Através desta consciência, vem aumentando consideravelmente as mobilizações populares contra certos costumes como a tourada na Espanha e México e a “farra do boi” no sul do Brasil. Ainda, vários esportes que utilizam animais como a “briga de canários” e a “briga de galo” que se constituem verdadeiros costumes culturais em certas regiões do país, estão sendo combatidos.

Entre os atos de maus-tratos e crueldades estão: o abandono; manter animal preso por muito tempo sem comida e contato com seus donos/responsáveis; deixar animal em lugar impróprio e anti-higiênico; envenenamento; agressão física, covarde e exagerada; mutilação; utilizar animal em shows, apresentações ou trabalho que possa lhe causar pânico e sofrimento; não procurar um veterinário se o animal estiver doente.

Atualmente no Brasil temos como proteção aos animais a Declaração Universal dos Direitos dos Animais, da UNESCO, a qual foi celebrada na Bélgica no ano de 1978, e subscrito pelo Brasil, consta entre os direitos dos animais o de “não ser humilhado para simples diversão ou ganhos comerciais”, bem como “não ser submetido a sofrimentos físicos ou comportamentos antinaturais”. Ainda, o art. 14 da Carta da Terra criada na RIO+5 que diz que devemos tratar todas as criaturas decentemente e protegê-las da crueldade, sofrimento e matança desnecessária.

A lei dos Crimes ambientais em seu artigo 32 tipifica como crime o ato de praticar abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos. A pena para este tipo de crime é a detenção, que pode ir de três meses a um ano, além de multa. Ou seja, maltratar animal é crime.

O Supremo Tribunal Federal já consolidou o entendimento de que o caráter “cultural” ou “folclórico” de certos eventos não justifica a exposição de animais a práticas cruéis. Um exemplo é a Farra do Boi, típica do estado de Santa Catarina, que foi proibida. O STF também decretou a inconstitucionalidade da lei que autorizava e disciplinava as competições entre “galos combatentes” no estado do Rio de Janeiro.¹

Ante o exposto, podemos concluir que, provocar lesões físicas e estresse desnecessário aos animais constitui crimes. Também constitui-se crime: abandonar animal de estimação deixando eles passarem fome e desabrigados, já que dependem do seu dono para sobreviver. Faça sua parte, caso você veja ou saiba de maus-tratos cometidos contra qualquer tipo de animal, vá a uma delegacia de polícia mais próxima para lavrar boletim de ocorrência.

Disponível em <http://www.mp.pi.gov.br/internet/noticias/4918-maus-tratos-contras-animais-centro-de-defesa-do-meio-ambiente-expressa-posicionamento-contrario-as-leis-que-regulam-vaquejadas>. Acesso em 19/07/2016.

Tema 13

O culto a si mesmo nas redes sociais: o excesso de selfies

“É uma tradição: anualmente o Oxford Dictionary escolhe um termo da língua inglesa que considera a “palavra do ano”. São conhecidos os debates entre os linguistas da casa ao redor do termo da vez, que raramente é unânime. Não foi o que aconteceu em 2013. “A decisão foi unânime, quase não houve discussão”, escreveu a equipe da secular publicação britânica em seu blog oficial. A palavra de 2013 foi “selfie”.

A palavra em si não é nova: há registros do uso do termo “selfie” para definir uma foto de si mesmo sendo usada em 2002, em um fórum australiano. Se a palavra não é nova, a ideia de tirar o próprio autorretrato é muito menos: as pessoas tiram selfies desde antes da chegada da câmera digital, reproduzindo uma expressão artística histórica — afinal fotógrafos e pintores os produzem há séculos. O primeiro selfie da história é atribuído ao fotógrafo Robert Cornelius, que em 1839 tirou uma foto de si mesmo. O retrato era a estética mais popular nos primórdios da fotografia, então há selfies de outros fotógrafos que datam da década seguinte. E de acordo com o mesmo Oxford Dictionary, essas imagens, mesmo que tiradas com um acionador a distância, também são selfies: afinal, foram reveladas e divulgadas.

É que a definição do Oxford Dictionary para selfies é bem abrangente na estética — qualquer foto que você tire de si mesmo é um selfie, mesmo que não seja do próprio rosto —, mas carrega consigo a ideia de publicação: “Uma fotografia que alguém tira de si mesmo, tipicamente registrada com um smartphone ou uma webcam e então postada em alguma rede social”. Ou seja: embutido no conceito do selfie vem o ato de publicá-lo. Para o Oxford, o selfie não publicado é como a proverbial árvore que cai na floresta sem fazer barulho: se ninguém o vir, não é um selfie.

O que mudou em 2013 é que nunca foram tirados tantos selfies. A terceira tag mais popular do Instagram é #me e a lista das celebridades que tiram autorretratos e os publicam online saiu da esfera pop, chegando até a líderes políticos: o presidente dos EUA Barack Obama e o Papa aderiram ao gênero em 2013. E há quem diga que isso é apenas reflexo do egocentrismo de nossa geração. Em um programa de rádio canadense no ano passado, o escritor Andrew Keen, autor do livro *O Culto do Amador*, que critica a produção de conteúdo na web 2.0, disse que selfies são “um ato de extremo narcisismo”. Até você já deve ter se questionado sobre as motivações de alguém que enche a timeline de redes sociais com fotos de si mesmo.

Narcisismo digital

“A arte da autocomunicação em massa, termo cunhado pelo teórico da comunicação Manuel Castells, atingiu altos níveis de sofisticação desde a popularização das mídias sociais”, explicou à *Galileu* a professora José van Dijck, especialista em estudos de mídia da Universidade de Amsterdã. “Essas novas plataformas — Facebook, Twitter, Instagram e Snapchat — alimentam uma tendência à autopromoção.” E surge a dúvida: sempre gostamos de nos exibir e os selfies apenas refletem isso, ou as câmeras frontais e o Instagram acabaram despertando nosso lado exibicionista?

A psicóloga Pamela Rutledge, que analisa o impacto das redes sociais e da tecnologia na sociedade, acredita que isso é natural. “Todo mundo busca aprovação. É parte da nossa composição biológica. Isso só se torna um problema se o indivíduo depender exclusivamente da aprovação dos outros para se sentir bem consigo mesmo. É um comportamento que não se restringe à internet, é mais um problema fundamental com autoestima e vai se manifestar em relacionamentos e comportamento offline, também”, explica.

Ela é otimista sobre a maneira como nós lidamos com estas formas de exposição online e diz que é forma de contato e comunicação. “Não há nada de errado com isso. É apenas uma prova de que nós temos valor entre nossos amigos e comunidades e nos faz sentir bem. Nosso cérebro funciona de maneira que, quando as pessoas demonstram gostar de nós, isso desencadeia uma resposta”, diz. E avisa: qualquer pessimismo em relação ao inofensivo hábito de postar fotos de si mesmo é exagero. “Dizer que a cultura dos selfies pode impactar a personalidade dos adolescentes e torná-los mais egocêntricos é exagero”, diz. “O impacto social não tem a ver com selfies, mas com presunções de agentes individuais e controle e com quem tem direito do quê. É a primeira vez na história que as pessoas podem ser, ao mesmo tempo, o agente e o artista”, conclui.

Texto e imagem

O ano do selfie é só mais um sintoma de que a imagem está tomando o lugar do texto nas comunicações. A timeline do Facebook traz muito mais fotos do que texto; o Instagram ganhou o mundo; todo mundo carrega uma máquina fotográfica no bolso (o celular); e, por fim, Snapchat e Vine — aplicativos completamente baseados em imagens (fotos e vídeos, respectivamente) ganharam muito terreno em 2013.

“Ao combinar um meio conveniente e ágil de produzir fotos com uma conexão permanente e rápida à rede de amigos, o uso da fotografia como veículo de conversas entrou na vida das pessoas com surpreendente naturalidade”, analisa o fotógrafo Mario Amaya. Para ele, a linguagem fotográfica está mudando — e até os filtros fazem parte da comunicação: “Ao estilizar fotos com filtros, as pessoas estão querendo sair do que é considerado normal, imprimindo nas imagens uma visão pessoal e fora do padrão. O filtro escolhido também faz parte da mensagem transmitida”.

Pamela Rutledge explica que registrar um selfie em um contexto em muitos casos é mais eficiente para comunicar algo. “Informação visual é muito mais rica que texto. Se eu te mandar um selfie meu na praia, você recebe muito mais informação do que se eu te mandar uma mensagem escrito ‘estou na praia’”, justifica. Isso significa que popularização da tecnologia ou nossa vontade de receber aprovação não são os únicos motivos pelos quais estamos tirando tantos autorretratos e publicando-os. O clichê “uma imagem vale mais do que mil palavras” não é um clichê à toa.”

Disponível em <http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2014/02/por-que-tiramos-e-postamos-tantos-selfies.html> Acesso em 19/07/2016

Somos todos animais sociais e precisamos ser “liked” pelos nossos “amigos”.

E somos obcecados pela nossa aparência.

Para resolver essas questões nada melhor do que um “selfie”, o termo mais popular deste ano de 2013, segundo os Oxford Dictionaries. Cerca de 17 mil pessoas usaram a nova palavra.

É claro, todo mundo sabe fazer um autorretrato com um smartphone: basta segurá-lo e afastá-lo com o braço, apontá-lo para si mesmo e clicar.

Facilita ter um iPhone4 ou um Samsung Galazy S4. Ambos oferecem o recurso frontal, isto é, a possibilidade de dirigir o foco diretamente para si mesmo sem fazer manobras com o smartphone.

Em busca da aprovação de amigos — e quiçá atrás de celebridade — as pessoas postam seus *selfies* no Facebook, Twitter ou Instagram.

No Facebook, de fato, internautas postam seus *selfies* com frequência. Vemos por exemplo uma moça que aparece à beira de uma piscina com um fantástico tanquinho. Até Justin Bieber ficaria com inveja.

Depois a vemos em outra ocasião também bastante *sexy*, desta feita com uma saia em uma festa.

Outros postam seus *selfies* que variam dependendo da fase: a intelectual – com óculos e lendo; a esportiva – com uma raquete em uma quadra de tênis; a fase relaxada – em uma praia no Caribe degustando um prato de frutos do mar. E por aí vai.

Esse pessoal viciado em *selfies* é camaleão. E, em geral, é também bastante superficial.

Quando são adolescentes com egos do tamanho do Canadá é mais compreensível, embora seus pais devessem ensiná-los que tudo tem um limite.

Mas e quando são mais velhos, e argumentam que só querem dividir suas vidas com os “amigos” (mais sobre os “amigos” abaixo), seus objetivos ao postar *selfies* são mais questionáveis.

Independentemente da faixa etária do autor do *selfie*, a parte mais difícil é o veredicto.

Uma avalanche de *likes* fará o autor do *selfie* se sentir querido, bonito, bacana, *cool* (anglicismos são bem-vindos pelos adeptos do *selfie*). Em suma, sentem que fazem parte da comunidade de uma determinada rede social.

No entanto, uma escassez total de *likes* será o equivalente a uma punhalada nas costas.

A pessoa em questão sentirá que não tem amigos. Ou aqueles presentes na sua conta de rede social não gostam realmente dele. Ou será que ele não deveria ter posado de maiô para mostrar a pele bronzeadada e o tanquinho na praia?

O autorretrato remonta ao início da civilização. O homem sempre tentou se autorretratar em muros de pedra e mais tarde em quadros. Com o advento da fotografia, na primeira metade do século XIX, várias pessoas fizeram autorretratos.

Depois máquinas fotográficas passaram a oferecer o recurso *self-timer*, que permitia ao fotógrafo ser fotografado. Ele acionava a máquina e corria por vezes para se inserir em um grupo já preparado para a fotografia.

A chegada da máquina compacta digital mudou o quadro. E o smartphone ainda mais.

Com as novas tecnologias somadas às redes sociais ganhou vida o *selfie*.

As pessoas, especialmente as celebridades, acham que têm controle sobre as fotos, pois podem deletar aquelas não apreciadas. Não é bem assim. Podem controlar o que postam, mas as fotos não são vistas somente pelos “amigos”.

Uma vez na internet, esse campo selvagem, vai saber como essas fotos serão utilizadas? Atenção deve ser dada aos futuros padrões.

Em tempo: Narciso não estava interessado em divulgar sua imagem. Apaixonou-se por ele mesmo e não estava preocupado com o parecer dos outros.

Há duas versões para o fim desse personagem mitológico greco-romano. A primeira é que após enamorar-se de sua aparência em uma fonte virou uma flor que leva seu nome. Segunda versão: enamorado com sua beleza deixou de comer e beber e morreu. Hoje, no inferno, continua a se contemplar nas águas do Estige.

Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/tecnologia/201cselfies201d-e-a-era-de-narciso-4538.html>

Acesso em 19/07/2016

Tema 14

Caminhos para combater o consumismo no Brasil

Texto de apoio:

O que é consumismo?

Se buscarmos pelo termo *consumismo* no dicionário, encontraremos a seguinte definição: “*Hábito ou ação de consumir muito, em geral, sem necessidade*”.

A própria definição já carrega uma ideia negativa, pois aponta para um consumo supérfluo, ou seja, que não traz solução para nenhum problema real do consumidor.

Sendo assim, *consumismo* é a palavra normalmente usada para definir um consumo desenfreado e excessivo. É o ato de comprar apenas por comprar, sem que aquela compra tenha sido devidamente planejada e necessária.

O consumismo no Brasil pode ajudar o país?

As transformações no comportamento do consumidor brasileiro abriram espaço para muitas discussões e reflexões sobre o futuro do país.

Por mais que o fato de estarmos cada vez mais consumistas seja fonte de muitas preocupações e críticas, há alguns pontos que são encarados como positivos nesta realidade.

Um período de crescimento do consumismo poderia significar, por exemplo, o aumento do poder de compra da população, como reflexo de uma diminuição da taxa de desemprego e salários justos.

Para o mercado e para os empreendedores, uma sociedade mais propensa a gastar dinheiro pode representar o quadro ideal.

Afinal, se o consumidor não pensa criticamente sobre aquele consumo, será necessário pouco esforço para convencê-lo a realizar compras. E isso leva ao alavancamento das vendas, aumento do lucro e movimentação de caixa.

Entretanto, não dá para ignorar os aspectos econômicos no nível individual, principalmente nós, brasileiros, que vivemos em situação de extrema desigualdade social.

O consumismo no Brasil atinge todas as parcelas da população, e não são todos que conseguem bancar esse consumo excessivo por muito tempo.

Além disso, o consumismo faz com que milhares de pessoas tentem viver em condições que não são compatíveis com sua realidade financeira, levando a um aumento de buscas por linhas de crédito, empréstimos e, muitas vezes, à falência.

No fim, a questão que fica é: compensa pagar o preço que pagamos para aquecer a economia e movimentar o comércio?

O consumo é consciente?

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), apenas 3 entre 10 brasileiros podem ser considerados consumidores conscientes.

A pesquisa levou em consideração os hábitos e comportamentos dos entrevistados e analisou não apenas as práticas financeiras, mas também sociais e ambientais.

Em todas as três categorias, os resultados obtidos foram abaixo do ideal, o que aponta para a necessidade de muita mudança e conscientização da população, se pretendemos realmente lidar com o consumo de forma mais saudável.

Se falamos anteriormente que o consumismo pode trazer algo positivo para o país na dimensão da economia, essa é a hora de falar das outras dimensões do consumo e de seu excesso.

Tema 15

O esporte como uma forma de promover a cidadania

Texto de apoio:

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

A Educação Física e o esporte escolar ganham cada vez mais importância na Educação, a prova disso é que agora o ENEM cobra algumas competências presentes no currículo de Educação Física, relacionadas à linguagem corporal, movimento e manifestações corporais, e também por que a Educação Física promove o desenvolvimento global das crianças nos primeiros anos escolares se trabalhada de forma correta.

Estimular a prática esportiva, associada à outras atividades, faz com que a Educação Física prepare o estudante para a busca da qualidade de vida observando sempre a importância de inserir e desenvolver atividades variadas, para que todos os alunos participem, pois a Educação Física vai além de recreação e esporte.

Esta área ainda encontra muitos entraves dentro do ambiente escolar, por isso é importante que Professores de Educação Física, Gestores, Diretores, pais e alunos tenham consciência da função educacional desse componente curricular. Portanto, é importante que o Professor de Educação Física tenha conhecimento esportivo e conceitos pedagógicos específicos. Além disso, todos os agentes educacionais devem ter clareza sobre o objeto de estudo da Educação Física e seus objetivos (o desenvolvimento das habilidades motoras e do repertório de movimentos corporais que auxiliam no processo cognitivo, psicológico e afetivo e de competências para o exercício da cidadania). A Escola deve valorizar a Educação física e não encará-la como uma matéria para completar carga horária de professores de outras áreas, que devido a falta de conhecimento e preparo, encaram muitas vezes as aulas como brincadeiras sem importância. A Educação Física faz parte do plano pedagógico e deve ser valorizada.

COMPETÊNCIAS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

- Participar da criação e das alterações do Projeto Político Pedagógico da escola;
- Estruturar um plano de curso de Ed. Física que vá ao encontro do PPP da Escola
- Apresentar o plano de Ed. Física ao Diretor e aos Coordenadores;
- Com professores de outras áreas, busque planejar atividades e aulas multidisciplinares;
- A Ed. Física deve integrar o planejamento pedagógico, os Conselhos de Classe e as reuniões de pais;
- Preparar suas aulas a fim de seguir o currículo estabelecido. Tendo em mente que as atividades realizadas devem ter um objetivo claro e gerar a reflexão e a mudança de comportamento por parte dos alunos;
- Todos os alunos devem participar das aulas;
- Buscar formas de avaliação que independam das habilidades físicas dos alunos. É preciso avaliar se conseguiram aprender o que foi ensinado na teoria e também na prática. (avaliação conceitual, procedimental e atitudinal)
- Trabalhar no mínimo duas modalidades esportivas na Escola
- Formar e preparar equipes para participação nos Jogos Escolares

[disponível em: <https://esporteescolarsb.blogspot.com/p/educacao-fisica-e-esporte-escolar.html>]

Tema 16

O desafio da inserção do jovem brasileiro no mercado de trabalho

Texto de apoio:

No mundo, pessoas com menos de 24 anos equivalem à quase metade dos sete bilhões da população total, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU). No Brasil, o censo de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontou que a população de 15 a 24 anos somava 34.236.064 pessoas, o que equivale a 18% do total de brasileiros. No país, apesar da pequena diminuição no número de jovens na última década - o censo de 2000 apontou 34.081.330 de pessoas de 15 a 24 anos ou 20% da população total -, o desafio é propiciar a essa população condições para um crescimento social e profissional, principalmente no que diz respeito à educação e ao trabalho.

A juventude brasileira é caracterizada por heterogeneidade e desigualdades. De acordo com o relatório Trabalho Decente e Juventude no Brasil, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), “existem, na verdade, juventudes diversas, imersas em distintos cenários. As mulheres jovens, os jovens negros de ambos os sexos, assim como os jovens das áreas metropolitanas de baixa renda, ou de determinadas zonas rurais, são afetados de forma mais severa pela exclusão social, pela falta de oportunidades e pelo déficit de emprego de qualidade”.

A pedagoga Nádia Maciel Falcão, professora da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), concorda: “As dificuldades se aprofundam quando se operam recortes de renda, cor da pele, região de moradia e sexo”. As oportunidades, afirma ela, estão desigualmente distribuídas e a maioria dos jovens brasileiros não dispõe dos suportes necessários para que sigam com tranquilidade por esta etapa da vida e para que ampliem seus graus de autonomia e independência rumo à vida adulta.

“Para os jovens brasileiros, a exposição à violência, o acesso ao emprego e educação escolar de

qualidade podem ser considerados os grandes desafios da atualidade. Mesmo que os problemas enfrentados nessas três dimensões não sejam exclusividade da juventude, é para essa categoria social que eles se aprofundam e têm efeitos diretos sobre os seus modos de viver as experiências presentes e projetar o futuro”, explica Falcão.

Para Maria de Livia Tommasi, doutora em Sociologia e professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), falta muito a ser feito no país para os jovens no âmbito das oportunidades de ingresso e permanência no mercado de trabalho. “Não há programa de inserção dos jovens no mercado de trabalho. A única política de fôlego tem sido a ampliação das universidades públicas e a facilitação do acesso ao ensino superior por meio do Pronui [Programa Universidade para Todos]”, ressalta.

[disponível em <http://www.webaula.com.br/index.php/pt/acontece/noticias/3065-maior-desafio-social-do-jovem-brasileiro-e-acesso-ao-mercado-de-trabalho>]

Tema 17

Alternativas para diminuir a produção de lixo doméstico no Brasil

Texto I

Para quem quiser fazer a sua parte, diminuindo a geração de lixo doméstico, a Secretaria Municipal do Meio Ambiente dá algumas dicas:

- 1 - Planeje bem suas compras. Compre a quantidade de alimento necessária para o consumo, observe a data de vencimento, cozinhe o que será consumido. Isso evita o desperdício e reduz a geração de resíduos;
- 2 - Utilize a impressora apenas quando for necessário e use os dois lados do papel.
- 3 - Na medida do possível, substitua os copos descartáveis;

4 - Escolha produtos com menos embalagens. Prefira produtos a granel para evitar potes e recipientes desnecessários. Evite produtos embalados individualmente, pois produzem mais resíduos. Compre produtos não descartáveis e que possuam refil;

5 - Dê preferência às embalagens retornáveis. “Quando jogamos alguma coisa fora, não estamos nos livrando de um pequeno resíduo, mas aumentando o problema da poluição”, alerta o secretário. Utilize embalagens de bebidas retornáveis, assim evitará que uma quantidade de lixo seja gerada desnecessariamente;

6 - Prefira sacolas retornáveis para carregar suas compras, evitando as embalagens plásticas descartáveis;

7 - Boa parte das embalagens e outros produtos que se adquire podem ser reutilizados para fins úteis, transformando-se em potes para guardar mantimentos, decoração e embalagens de presente. Basta usar a criatividade;

8 - Roupas e sapatos em bom estado podem ser doados ou reutilizados, modificando sua aparência ou finalidade;

9 - Busque alternativas para reduzir o peso de seu lixo. Retirar o líquido presente nas embalagens é fundamental, pois boa parte do resíduo recolhido pelos caminhões é água. As cascas de alimentos e o pó de café, por exemplo, podem ser reutilizados como adubo para vasos e jardins;

10 - Outra dica para reduzir o volume do lixo doméstico é preferir embalagens que possam ser compactadas. Desmontar caixas longa vida e de papelão e comprimir as embalagens sempre que possível é uma maneira de aumentar a capacidade de cada caminhão. Muitas vezes, um caminhão de coleta que pode comportar seis toneladas, carrega apenas três toneladas.

[disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/pequenas-atitudes-podem-diminuir-producao-de-lixo-da-cidade/32655>]

Texto II:



“A maneira como cada cidadão separa, embala e dispõe o lixo doméstico faz muita diferença. Portanto, cada um de nós pode melhorar o processo de coleta de lixo, ajudando a tornar a cidade mais sustentável”, afirma o secretário municipal do Meio Ambiente, Renato Lima. Para isso, bastam atitudes simples, que não exigem tempo ou custos extras. Uma mudança simples de hábito é suficiente.

É sobre isso que trata a campanha lançada pela Prefeitura de Curitiba neste sábado (05). Com o slogan “Reduza, reutilize, recicle, faça a sua parte”, o personagem Dr. Sigmundo incentiva a redução do lixo.

A orientação, além de reduzir, é para que apenas papel, plástico, vidro e metal sejam encaminhados para a coleta seletiva. Guardanapos e papeis sujos e objetos como cabos de panela, tomadas, cliques e grampos, por exemplo, não devem fazer parte deste material. Reutilizar com criatividade o material reciclável também é uma das sugestões do personagem.

Tema 18

As oportunidades que uma crise financeira pode promover

Texto de apoio

A CEO da Stefanini, empresa de tecnologia, explica por que a crise pode ser benéfica se bem usada

Por **Monica Herrero***

Em tempos de crise é preciso ir além, inovar, buscar novas experiências e olhar para aqueles que estão triunfando. Mais do que isso, é preciso identificar oportunidades em meio às fragilidades econômicas, pois superar não é uma escolha, é uma necessidade atual.

Os períodos de crise são momentos propícios para as empresas evoluírem. Essas situações estimulam a inovação para vencer os desafios e fazer a diferença diante de cenários desfavoráveis. Em casos mais críticos, as empresas necessitam repensar a sobrevivência do próprio negócio. Estimular os funcionários e colaboradores, trazer a equipe para junto de si, motivar e apostar no crescimento orgânico.

O cenário econômico pode não ser um dos mais animadores, com uma carga tributária apontada como uma das mais altas do mundo, aumento da inflação, desemprego e desaceleração de investimentos. Apesar das adversidades, é preciso seguir em frente. Tentar fazer a diferença num momento de instabilidade, sem desistir das iniciativas previstas e do País.

Para isso, é preciso garra, determinação, empenho, energia, vontade de trabalhar e de mudar. Cada vez mais, precisamos de pessoas que queiram fazer a diferença.

Apostar em um planejamento estratégico nos dias atuais, levando em conta que passamos por um processo de instabilidade financeira, se tornou ferramenta imprescindível para o sucesso de

uma organização. Ele se traduz em medidas que a organização irá tomar para enfrentar ameaças e aproveitar as oportunidades. Portanto, o planejamento estratégico pode significar a sobrevivência no amanhã, pois as mudanças econômicas, sociais, tecnológicas e políticas ocorrem numa certa velocidade e precisamos acompanhá-las com firmeza.

Tudo isso nos faz repensar a célebre frase de Charles Darwin: “Não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente, mas o que melhor se adapta às mudanças”. Não necessita de explicação científica, nem teórica. É simplesmente o que vivemos desde a origem da humanidade. Temos a inexorável capacidade de nos adaptar ao meio em que estamos inseridos, e isso engloba as crises pelas quais passamos ao longo da história. Quem não se adapta, corre o risco de ficar fora do jogo.

Para acompanhar todas as transformações da sociedade, é necessário acreditar piamente na inovação e investir no aumento da produtividade. Criar novas formas de renda, desenvolver novos produtos ou serviços, cortar gastos desnecessários e reinvestir de forma consciente e com um objetivo definido. Criar diferenciais é primordial para quem se arrisca em qualquer mercado e, em momentos de crise, a inovação segue como um caminho natural para as empresas evoluírem.

*Monica Herrero é CEO Brasil da Stefanini

[disponível em: <https://exame.abril.com.br/carreira/transforme-a-crise-em-oportunidade/>]

Tema 19

Caminhos para desenvolver a educação financeira nas famílias brasileiras

Texto de apoio:

Como tema transversal na BNCC, o assunto irá fazer parte de todos os currículos do país; veja como escolas e redes podem trabalhar o consumo consciente com os estudantes

por Marina Lopes, 29 de março de 2018

Nos próximos dois anos, a educação financeira deve chegar às salas de aula de todo país. Com a homologação da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), o assunto agora está entre os temas transversais que irão compor os currículos de redes e escolas. Apesar de ser destacado explicitamente apenas na área de matemática, a proposta do documento é que estados e municípios possam abordar o consumo consciente e o planejamento financeiro em diferentes disciplinas.

A inclusão do tema na Base segue a tendência de estudos recentes da área, que apontam que quanto mais cedo a educação financeira é abordada, maiores são as chances dos estudantes adotarem hábitos de consumo consciente. De acordo com os resultados da Pesquisa Nacional de Educação Financeira nas Escolas, realizada pela UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), Abefin (Associação Brasileira dos Educadores Financeiros) e Instituto Axxus, 81% dos alunos que têm educação financeira gastam parte do que recebem e guardam outra parte para realizar seus sonhos.

Para Reinaldo Domingos, presidente Abefin (Associação Brasileira de Educadores Financeiros) e da DSOP Educação Financeira, essa abordagem nas escolas possibilita que o país tenha uma geração mais educada financeiramente nos próximos anos. “Temos a grande chance de fazer com que as próximas gerações tenham resultados no quesito de como lidar com o dinheiro de forma consciente para realizar desejos e sonhos”, sugere.

Além disso, o presidente Abefin também destaca que a entrada do tema nas salas de aula pode gerar impacto na organização financeira das famílias. Ao terem contato com esse conteúdo, os estudantes podem atuar como multiplicadores, conforme demonstrou a pesquisa de educação financeira nas escolas, ao indicar que 70% das crianças que têm educação financeira nas escolas ajudam os pais a comprar de forma consciente.

Adaptação aos currículos escolares

Apesar do texto introdutório da Base sugerir que a educação financeira seja trabalhada de forma transversal e integradora, essa menção aparece explícita no documento orientador de matemática no quinto, sexto, sétimo e nono ano do ensino fundamental. No entanto, a superintendente da AEF-Brasil (Associação de Educação Financeira), Claudia Forte, destaca que é importante que as escolas e redes adotem um trabalho articulado nos seus currículos. “A educação financeira vai além da compreensão de juros simples e compostos e percentuais. Ela é uma mudança de valor. Precisa ser trabalhada de modo transversal e interdisciplinar para que todos os professores e todas as disciplinas se apropriem do conceito e transformem sua aula.”

A superintendente da AEF-Brasil também afirma que a educação financeira deve levar para as crianças uma visão de que poupar vai além de colocar as moedas no cofre. “Nós poupamos quando apagamos a luz ou fechamos uma torneira. São todos exemplos simples que estão de fato amparados na formação da educação financeira”, exemplifica.

Educação financeira na prática

Na rede estadual do Tocantins, a educação financeira já é uma realidade presente no dia a dia das escolas. Além do tema estar presente no Plano Estadual de Educação, toda a educação básica participa de um programa que inclui material didático específico para estudantes e professores. “Temos um documento orientador elaborado pela secretaria que recomenda que pelo menos quatro professores de cada turno atuem como multiplicadores do programa nas suas escolas”, diz Alessandra Camargo, coordenadora do programa Educação Financeira e gerente de formação da rede.

O trabalho teve início em 2010, por meio de uma parceria feita com a AEF-Brasil, que se dedica ao desenvolvimento de tecnologias sociais e educacionais para promover a educação financeira no país. Depois de realizar um projeto piloto com 17 escolas, a rede do Tocantins começou a expandir o programa e hoje trabalha com a temática de forma transversal nas escolas. “Não tratamos apenas de matemática, mas de todas as disciplinas.”

[Disponível em: <http://porvir.org/educacao-financeira-na-sala-de-aula-e-investir-na-vida-fora-da-escola/>]

Tema 20

Alternativas para desenvolver a economia de forma sustentável

Texto de apoio:

Economia verde é uma economia na qual a finitude dos recursos naturais, os serviços ecossistêmicos e os limites planetários dados pela ciência são levados em consideração e constituem marcos claros dentro dos quais as atividades de produção, distribuição e consumo poderão ter lugar. Numa economia verde os serviços dos ecossistemas são considerados nos processos de tomada de decisões, as externalidades ambientais são internalizadas e questões como mudança do clima, escassez dos recursos naturais, eficiência energética e justiça social são elementos centrais e orientadores do comportamento dos agentes.

Diferente disso, desenvolvimento sustentável é um conceito mais amplo e abstrato, que aponta princípios a serem seguidos; quase um protocolo de boas intenções. Assim, a economia verde seria uma forma mais concreta de modificar as economias dos países para avançar rumo ao desenvolvimento sustentável; uma maneira de implementar os princípios da sustentabilidade no desenvolvimento econômico.

A transição para uma economia verde não é uma opção, mas uma tendência da economia mundial. Seus propulsores são tanto mudanças regulatórias que modificam os preços relativos do uso de recursos (e.g. mercados de carbono), quanto a mudança de atitude dos consumidores – tendência que já se verifica no norte da Europa por exemplo. Desse modo, ela se concretiza não só em termos de necessidades de adaptação a novas regulações, mas também em oportunidades de novos negócios.

Ao contrário do que muitos argumentam, a economia verde não é um caminho único e não vai contra o direito ao desenvolvimento. As estratégias

nacionais podem e devem ser diferentes entre si e devem estar baseadas nas dotações de recursos naturais, humanos e de capital existentes em cada país. Ao invés de resistir a novas tecnologias e padrões de produção, os países deveriam avançar e descobrir nichos nos quais se aperfeiçoar e basear sua estratégia de desenvolvimento dentro desse novo modelo. O Brasil, por exemplo, deveria, além de esverdear sua economia, aproveitar estrategicamente características de sua economia que já seguem essa tendência – como é o caso da matriz energética com baixa intensidade de carbono.

Usando o consumo per capita ou a pegada ecológica como proxies para o impacto dos países no meio ambiente, vê-se que o impacto dos países mais desenvolvidos é muito maior do que a dos em desenvolvimento. Assim, a economia verde deveria levar à redução das pegadas ecológicas dos países ricos e a um caminho pelo qual países em desenvolvimento poderiam se desenvolver sem ter que passar pela atual pegada ecológica dos países ricos.

Alguns pontos deveriam ser prioritários numa estratégia de economia verde global: a) a centralidade dos conceitos de pegada ecológica (ou alguma variante) e biocapacidade, que mostrem o impacto ambiental não apenas dos padrões de produção, mas também do consumo em cada país; b) pagamentos de serviços ecossistêmicos em nível internacional; c) esquemas nacionais e internacionais de financiamento e transferência de tecnologia para o desenvolvimento de setores baseados na economia verde; d) algum tipo de precificação do carbono e) eliminação de subsídios perversos, por exemplo, aos combustíveis fósseis.

Nesse contexto, o papel da educação também será central – tanto da educação ambiental, quanto do sistema educacional como um todo. Uma economia verde e novos padrões de produção, distribuição e consumo exigem cidadãos bem

formados e informados. Os setores de alta tecnologia requerem mão de obra qualificada nos diferentes níveis (superior, técnico e profissionalizante) e uma educação básica de qualidade que forme cidadãos conscientes, críticos e com capacidade de resolver problemas. Da mesma forma, certificação ambiental, e campanhas informativas são políticas essenciais para promover mudanças no comportamento dos agentes econômicos.

Não pode haver sustentabilidade do desenvolvimento econômico sem manutenção, ao longo do tempo, da base de capital a partir da qual a economia produz. Numa economia verde, os capitais físico, social, humano e natural devem ser preservados para as gerações futuras. Como não há possibilidade de substituição absoluta entre os diferentes tipos de capital, e na medida em que o capital natural passe a representar uma restrição ao crescimento econômico, apenas com progresso técnico adequado e mudanças nos padrões de produção e consumo a economia poderá crescer rumo ao desenvolvimento sustentável. Cabe agora a governos, empresas e indivíduos traduzirem em ações o conceito de economia verde.

Jorge Hargrave e Sandra Paulsen são economistas, técnicos de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais (Dirur) do Ipea.

[Disponível em: http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2747:catid=28]

Tema 21

A persistência da violência em estádios de futebol no Brasil

Texto de apoio:

A violência no futebol como um retrato do Brasil

Com ingressos caros e cerco a movimentos populares de torcidas, estádios como o Maracanã se tornam ambientes cada vez mais inseguros

Pisoteamento, arrastão, empurra-empurra, agressões, vandalismo e até mesmo furto a um torcedor que estava caído no asfalto após ter sido atropelado nas imediações do Maracanã. As cenas de selvageria protagonizadas no último dia 13 de dezembro, quando o Flamengo recebeu o Independente pela final da Copa Sul-Americana, tiveram como estopim uma invasão de milhares de torcedores sem ingresso, que furaram o bloqueio policial e transformaram o maior estádio do Brasil em terra de ninguém. Um reflexo não só do quadro de insegurança que assola o Estado do Rio de Janeiro, mas também de como a violência social se embrenha pelo esporte mais popular do país. Em 2017, foram registrados 104 episódios violentos relacionados ao futebol brasileiro, que resultaram em 11 mortes de torcedores – outros sete casos ainda estão sob investigação.

Os dados são fruto de um levantamento anual realizado pela Pesquisa de Mestrado da Univer-so, coordenada por Mauricio Murad, professor e doutor em sociologia do esporte, que estuda o comportamento de torcidas. “Os distúrbios mais recentes no Maracanã apenas confirmam a incapacidade das autoridades em lidar com a violência no futebol”, afirma o pesquisador. Após o incidente na final da Sul-Americana, o Flamengo foi denunciado pelo Tribunal de Disciplina da Conmebol e pode ser punido com multa, perda de mando de campo ou até exclusão de campeonatos.

A diretoria do clube responsabilizou a Polícia Militar do Rio de Janeiro, alegando que a corporação

“tem encontrado muitas dificuldades do ponto de vista de estrutura e contingente para realizar seu trabalho nas praças esportivas e outros pontos do estado”. Ainda argumentou, em nota oficial, que havia solicitado antes da partida o máximo efetivo policial à PM, que, por sua vez, entendeu que a forma de concessão de ingressos a sócios adotada pelo Flamengo, por meio de apresentação do cartão de crédito nas catracas, impossibilitou o bloqueio das ruas no entorno do estádio. O Ministério Público do Estado solicitou a abertura de uma investigação para apurar falhas de segurança no evento.

Não foi a primeira vez que a violência ofuscou o futebol no Rio de Janeiro este ano. Em fevereiro, um torcedor do Botafogo acabou assassinado com um espeto de churrasco por flamenguistas perto do estádio Engenhão. Cinco meses depois, um vascaíno morreu depois de levar um tiro no tórax em confronto entre organizadas e a PM no entorno de São Januário. O Maracanã foi palco de conflito semelhante em setembro, na final da Copa do Brasil entre Flamengo e Cruzeiro. Mas a confusão de 13 de dezembro é emblemática pelo fato de aproximadamente 8.000 torcedores terem invadido o estádio, segundo a polícia, em ação premeditada por torcidas organizadas – uma delas, a Jovem do Flamengo, já havia sido banida de jogos por envolvimento em brigas.

Às vésperas da final da Sul-Americana, a Polícia Civil do Rio de Janeiro deflagrou a última parte da Operação Limpidus, que investiga torcidas e clubes suspeitos de repassar ingressos para cambistas. Foram cumpridos 14 mandados de prisão contra dirigentes e integrantes de organizadas. Desde 1995, quando 101 torcedores ficaram feridos e um morreu durante uma batalha campal no Pacaembu, autoridades brasileiras têm focado as ações de enfrentamento à violência no futebol em grupos uniformizados, alguns deles proibidos de frequentar estádios após terem membros envolvidos em episódios violentos. Porém, de

acordo com especialistas, a postura meramente repressiva contra torcidas organizadas se mostra ineficaz no contexto de uma sociedade que registra mais de 61.000 homicídios por ano e tem a terceira maior população carcerária do mundo.

“Existem a via da repressão e a via da prevenção”, afirma Bernardo Buarque de Hollanda, pesquisador e professor de ciências sociais da Fundação Getúlio Vargas. “O ideal seria dosar as duas coisas, mas, no Brasil, tem prevalecido a via da repressão, ao contrário de outros países que estão conseguindo bons resultados com trabalhos preventivos no futebol, como Alemanha e Colômbia. E a repressão indiscriminada, sem separar agressores de torcedores, acontece através de inúmeras tentativas de asfixiar as torcidas organizadas, qualificando seus membros como pessoas predispostas ao enfrentamento. Isso gera um efeito colateral, que é o aumento do nível de beligerância nos estádios, acirrando a tensão entre torcidas e a polícia.”

[Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/28/deportes/1514427700_914142.html]

Tema 22

Eleições 2018: O papel das redes sociais nas discussões políticas

TEXTO I

O acesso à internet no Brasil

“O papel das redes sociais na eleição se mostra ainda mais relevante quando observadas as taxas de acesso à internet no Brasil e o crescimento do número de usuários de Facebook, Whatsapp e Twitter nos últimos anos.

Uma pesquisa realizada pela Ipsos e Fecomércio-RJ (Federação do Comércio do Estado do Rio de Janeiro) em 2016 estimou que 70% dos brasileiros tinham acesso à internet. Desse total, 69% afirmou que usava o celular como principal forma de navegar. Além disso, mais de 90% dos entrevistados declarou, na pesquisa, que acessar as redes sociais é seu principal intuito quando entram na internet.

O número absoluto de pessoas que utilizam as redes sociais também aumentou muito da eleição de 2014 para cá. De acordo com informações publicadas pelo colunista Nilson Teixeira, do jornal Valor Econômico, o número de contas de Whatsapp e Facebook mais que dobrou desde 2013, chegando a 120 milhões em 2018 – lembrando que cada pessoa pode ter mais de uma conta em cada rede social.”

[Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/03/18/Redes-sociais-e-TV-qual-o-peso-de-cada-meio-nas-eleicoes-de-2018>]

TEXTO II

Manipulação de redes sociais para uso político afeta 48 países

“Ação para induzir opinião pública quase dobra raio de ação em um ano, mostra estudo de Oxford

A ação de partidos e de governos para manipular a opinião pública por meio das redes sociais está crescendo e já atingiu 48 países nos últimos 12 meses, diz um novo estudo feito pela Universidade de Oxford, do Reino Unido. São 20 países a mais do que na versão anterior da pesquisa, di-

vulgada há um ano. O crescimento é impulsionado principalmente por países da América Latina e do Sudeste Asiático —o Brasil já estava na lista desde 2017. “As ferramentas e técnicas de manipulação estão constantemente evoluindo e se tornando mais sofisticadas” disse à Folha Samantha Brown, doutoranda do Instituto da Internet de Oxford e autora do estudo com Philip Howard. Segundo a pesquisa, esses grupos organizados por atores políticos atuam disseminando fake news (notícias mentirosas), criando perfis falsos para aumentar artificialmente a importância de determinados assuntos e candidatos e usando análise de dados para fazer propaganda a públicos específicos.

Desde 2010, quando os pesquisadores encontraram as primeiras referências a esse tipo de ação estruturada, os 48 países mencionados já gastaram US\$ 500 milhões (R\$ 1,85 bilhão) para montar suas sentinelas cibernéticas.

Os palcos preferidos de atuação das organizações manipuladoras continuam a ser o Facebook e o Twitter, mas sua presença tem crescido em outras plataformas, como o WhatsApp, o Telegram, o Instagram, o SnapChat, o WeChat e até mesmo o Tinder, aplicativo usado para relacionamentos.”

[Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/07/manipulacao-de-redes-sociais-para-uso-politico-afeta-48-paises.shtml>]

Tema 23

A violência obstétrica em debate no Brasil

Violência obstétrica atinge 1 em cada 4 gestantes no Brasil, diz pesquisa

Brasil não possui lei federal que especifique esse tipo de violência

Por Amanda Hamermüller e Thayse Uchôa

Recusa de atendimento, procedimentos médicos desnecessários e agressões verbais são algumas das situações que configuram violência obstétrica. O termo se refere aos diversos tipos de agressão a mulheres gestantes, seja no pré-natal, no parto ou pós-parto.

Sofrer algum tipo de violência obstétrica é realidade para 1 em cada 4 mulheres no Brasil, segundo o estudo “Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado”, realizado pela Fundação Perseu Abramo em parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC), em 2010.

Dor além do parto: o olhar de quem sofreu

Deise tem 38 anos e é técnica de enfermagem. Natural de Santa Maria, mas residente em Porto Alegre, ela tem dois filhos: um menino de 20 anos e uma menina de 11.

No primeiro parto, em 1997, Deise sentiu na pele o que era a violência obstétrica. Optando pela rede de saúde privada, a técnica de enfermagem escolheu cada detalhe com atenção, desde a médica que a atenderia até o hospital com os melhores recursos para atender à chegada de seu primeiro filho. Deise também visitou maternidades, para conhecer os atendimentos e escolher a que melhor se acomodasse às suas preferências.

Tipos de violência obstétrica:

VIOLÊNCIA POR NEGLIGÊNCIA – Negar atendimento ou impor dificuldades para que a gestante receba os serviços que são seus por direito. Essa violência ocasiona uma jornada de busca por atendimento durante o pré-natal e por leito na hora do parto. Ambas são bastante perigosas e desgastantes para a futura mãe. Também diz respeito a privação do direito da mulher em ter um acompanhante, o que é garantido por lei desde de 2005.

VIOLÊNCIA FÍSICA- Práticas e intervenções desnecessárias e violentas, sem o consentimento da mulher, como a aplicação do soro com ocitocina, lavagem intestinal (além de dolorosa e constrangedora, aumenta o risco de infecções), privação da ingestão de líquidos e alimentos, exames de toque em excesso, ruptura artificial da bolsa, raspagem dos pelos pubianos, imposição de uma posição de parto que não é a escolhida pela mulher, não oferecer alívio para a dor, episiotomia sem prescrição médica, “ponto do marido”, uso do fórceps sem indicação clínica, imobilização de braços ou pernas, manobra de Kristeller (pro-

cedimento banido pela Organização Mundial de Saúde, em 2017). A cesariana também pode ser considerada uma prática de violência obstétrica, quando utilizada sem prescrição médica e sem consentimento da mulher. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil é o segundo país com maior percentual de partos realizados por cesárea no mundo: enquanto a OMS orienta uma taxa ideal entre 25 e 30%, a realidade brasileira aponta que 55,6% dos partos são realizados com essa prática. O percentual é ainda mais alto na medicina privada, na qual 85,5% dos partos são feitos a partir de cesariana, de acordo com dados da Agência Nacional de Saúde Suplementar.

VIOLÊNCIA VERBAL – Comentários constrangedores, ofensivos ou humilhantes à gestante, seja a inferiorizando por sua raça, idade, escolaridade, religião, crença, orientação sexual, condição socioeconômica, número de filhos ou estado civil, seja por ridicularizar as escolhas da paciente para seu parto, como a posição em que quer dar à luz.

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA – Toda ação verbal ou comportamental que cause na mulher sentimentos de inferioridade, vulnerabilidade, abandono, medo, instabilidade emocional e insegurança.

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA EM CASOS DE ABORTAMENTO – Embora seja muito aliada ao parto em si, mulheres que sofreram um aborto também podem ser vítimas de violência obstétrica. Isso pode acontecer de diversas maneiras: negação ou demora no atendimento, questionamento e acusação da mulher sobre a causa do aborto, procedimentos invasivos sem explicação, consentimento ou anestesia, culpabilização e denúncia da mulher.

É importante salientar que a violência não parte apenas do médico obstetra. Ela pode ser cometida por toda a equipe de saúde e até por recepcionistas e pela administração do hospital.

[Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2018/01/28/violencia-obstetrica-atinge-1-em-cada-4-gestantes-no-brasil-diz-pesquisa/>]

Tema 24

A importância da educação a distância para a democratização da educação

Texto de apoio:

A educação está mudando e termos como educação à distância, lifelong learning e educação just in time (ou sob demanda) são cada vez menos ideias distantes e mais realidade. O modelo de educação tradicional começa a ser cada vez mais questionado: afinal, por que ficamos anos em um curso de graduação durante o qual vamos aprender diversas coisas que não serão úteis no futuro?

Chris Haroun, fundador da Haroun Ventures e professor de negócios best seller da Udemy, acredita que a revolução da educação é algo maravilhoso. “Meus filhos são a última geração que sentirá necessidade de ter graduação em universidades. Eu fico inspirado por eles, porque eles vão para o YouTube para assistir uma aula ou vão para o Google para pesquisar algo. Você não tem mais que sair de casa para ter uma educação sólida”, defende.

Educação online: o fim das universidades e o futuro do lifelong learning?

“Eu não acho que é o fim da educação em universidades como conhecemos. Existem certas habilidades que (para aprender) você precisa ir para a universidade, como por exemplo medicina. Mas quando estamos falando de habilidades para a vida, como habilidades para negócios, ou gestão de dinheiro pessoal, ou como conseguir um emprego é bom para online”, defende Haroun, que tem no portfólio alguns cursos como The Complete Financial Analyst Training & Investing Course, An Entire MBA in 1 Course, entre outros.

Nesse sentido, é certo que os cursos online tomarão uma parte gigantesca do mercado das universidades, tanto em relação a graduações, como também em educação continuada, ou seja, cursos depois da graduação, também conhecidos como lifelong learning. Lifelong learning nada mais é do

que a aprendizagem ao longo da vida, em tradução livre -, termo que se refere a busca «contínua, voluntária e auto-motivada» do pela atualização conhecimento, seja em âmbito profissional, acadêmico ou pessoal.

“Eu acho que lifelong learning é aprender em pequenas porções e coisas específicas. No setor manufatureiro, nós vimos o sistema just in time, que é criar produtos sob demanda, exatamente quando o consumidor precisa. O mesmo será feito com a educação online: pequenas aulas sobre assuntos específicos, assim como as pessoas perguntando em fóruns e aprendendo com as respostas”, defende Chris Haroun.

Democratização da educação: um mundo cheio de Malalas

De fato, hoje a internet abriga diversos meios pelos quais é possível ter um aprendizado aprofundado (e certificado!), seja ele por meio de cursos mais abrangentes ou específicos. Exemplos disso são plataformas online como o Coursera, a Udemy e a Udacity, conhecidas ao redor do mundo por trazerem um conteúdo de qualidade, seja de universidades renomadas, especialistas conhecidos ou até de empresas que são referência global.

Mas não só a oferta compensa, como o valor também: cursos online também são muito mais acessíveis, muitas vezes sendo gratuitos. “Com a economia compartilhada, ao invés de você fazer um faculdade de 4 anos com mensalidades caras para pagar, você pode conseguir isso online e de graça ou então por um preço muito muito menor. A educação online é o futuro e democratiza (o acesso a) a educação”, explica Haroun.

Segundo o expert, três elementos essenciais para “consertar o mundo” são a tecnologia, a educação e a aceitação (que ele abreviou como TEA). Nesse sentido, Haroun acredita que hoje nós lutamos brigas que não entendemos e isso está com os dias contados exatamente pela possibilidade de democratizar a educação.

“A coisa linda da educação online é que finalmente temos uma democratização da educação (...). O mundo pode mudar de dentro para fora, acho que (devido à democratização da educação) nós teremos milhares de Malalas surgindo e fazendo vídeos para o Youtube e dando cursos online por todo o mundo, em todos os países. E tudo muda de dentro para fora por meio da educação”, afirma ele.

Isabela Borrelli 17 de set de 2018

[Disponível em: <https://www.startse.com/noticia/ecossistema/siliconvalley/54876/democratizacao-da-educacao>]

Tema 25

A busca pela felicidade instantânea e a incapacidade de lidar com frustrações

Texto I

O que é Frustração?

Frustração é o sentimento decorrente da não realização de um desejo ou tendência, ou seja, é a reação diante da expectativa não correspondida. Para entender melhor, podemos dizer que é aquilo que sentimos quando algo que queremos ou esperamos não acontece. Essa não satisfação do desejo gera uma espécie de tensão interna, experienciada, geralmente, como uma sensação de tristeza e aborrecimento ou, em alguns casos, de desespero.

Como diferenciar tristeza e frustração?

É importante, especialmente na infância, que os pais, cuidadores e educadores, sejam capazes de perceber quando a criança está triste e quando se sente frustrada. Na vida adulta, essa distinção também é relevante. Isso porque, apesar de apresentarem sintomas muito parecidos, os dois sentimentos têm origens e consequências bastante distintas. Quando uma expectativa é frustrada, os sentimentos de tristeza levam a atitudes de mudança e a uma melhor adaptação do sujeito, que é completamente diferente dos casos de De-

pressão, por exemplo, em que a tristeza também é sintoma característico.

Para exemplificar, vamos tomar a situação de uma pessoa que não consegue o emprego que almejava. Quando há uma frustração, esse sentimento está ligado a essa situação específica e pode gerar o desejo de aprimoramento para tentar outros empregos. No caso de uma Depressão, esse acontecimento seria apenas mais um dos motivos para o desânimo, uma vez que a tristeza não está ligada a causas específicas e pode imobilizar o sujeito.

A frustração é importante?

Apesar de parecer um sentimento decorrente de situações de fracasso, a frustração é de extrema importância para a constituição psicológica dos indivíduos. Alguns autores descrevem a frustração como necessária ao desenvolvimento infantil. Em níveis suportáveis, a falta, a carência ou a desilusão estão associadas ao desenvolvimento da capacidade de adiar gratificações, que é fundamental para a vida em sociedade. Nesse sentido, evitar frustrações pode ser um dos fatores de uma formação adaptativa deficiente: uma criança muito protegida ou cujos desejos foram sempre imediatamente satisfeitos pode ter dificuldades em compreender a realidade da existência adulta, em que o desejo e a satisfação estão cada vez mais distantes e exigem cada vez mais trabalho e dedicação. Uma criança despreparada para suportar frustrações pode se transformar em um adulto que desenvolve crises emocionais por razões ínfimas ou que se sente constantemente insatisfeito.

Juliana Spinelli Ferrari

Colaboradora Brasil Escola

Graduada em psicologia pela UNESP - Universidade

Estadual Paulista

Curso de psicoterapia breve pela FUNDEB - Fundação para o Desenvolvimento de Bauru

Mestranda em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP - Universidade de São Paulo

[Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/frustracao.htm>]

Texto II

A felicidade segundo o filósofo Zygmunt Bauman

Diário do Centro do Mundo

2 de fevereiro de 2018

O filósofo Zygmunt Bauman, falecido em 9 de janeiro aos 91 anos, falou com Valeria Arnaldi, do jornal italiano *Il Messaggero*, sobre felicidade. Foi uma de suas últimas entrevistas. A tradução é do Unisinos.

Professor Bauman, o que significa hoje “felicidade”?

A declaração de independência americana proclamou, entre os direitos invioláveis do ser humano, a sua busca: um marco para a civilização ocidental. As ideias de felicidade são muitas, mas que podem ser remetidas a duas categorias. A visão mais popular é a de uma vida plena de momentos agradáveis, sem problemas e desafios. A outra nos foi mostrada por Goethe. Já idoso, ele foi perguntado se a sua vida tinha sido feliz. Ele respondeu que sim, mas que não se lembrava de uma única semana em que o tivesse sido. Isso implica que ser feliz não significa não ter dificuldades, mas superá-las.

O capitalismo está condenado, portanto, à infelicidade?

A atitude do sistema encoraja a ideia de que há algo que pode resolver todos os problemas e alimenta constantemente tal convicção. Isso torna os momentos de felicidade muito curtos. O problema é que somos constringidos a gastar o dinheiro que ainda não ganhamos para comprar coisas das quais não precisamos para impressionar pessoas que não nos importam muito. Esse é o caminho para alongar os momentos de infelicidade.

A sociedade líquida ainda é capaz de ser feliz?

A ideia da sociedade líquida é de que nada permanece por muito tempo. Vivemos em um mundo de constante novidade, em que envelhecemos cada vez mais rápido do que antes. Estamos em um espaço vazio. Gramsci definiu essa situação como um interregno em que as velhas regras desapareceram, e as novas não foram inventadas. Isso gera ansiedade.

[Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-felicidade-segundo-o-filosofo-zygmunt-bauman/>]

Tema 26

As moedas virtuais e as mudanças na economia

Texto I

A moeda virtual foi definida em 2012 pelo Banco Central Europeu como “um tipo de dinheiro não regulamentado, digital, emitido e controlado por seus desenvolvedores e utilizado e aceito entre os membros de uma comunidade virtual específica. Não se pode confundir com moeda eletrônica. As moedas eletrônicas são recursos armazenados em dispositivo ou sistema eletrônico que permitem ao usuário final efetuar transações de pagamento em moeda nacional. Já as moedas virtuais não têm garantia de conversão para a moeda oficial e não há nenhum mecanismo governamental que garanta o valor em moeda oficial, ficando todo o risco de sua aceitação nas mãos dos usuários. A variação dos preços das moedas virtuais pode ser muito grande pois o volume de transações efetuadas com elas ainda é baixo e a baixa aceitação da mesma como meio de troca prejudica o seu pleno uso pelos usuários.

Segundo o Banco Central do Brasil, o uso das chamadas moedas virtuais ainda não tem se mostrado capaz de oferecer riscos ao Sistema Financeiro Nacional mas o seu acompanhamento se faz necessário pela possibilidade de uso destas moedas virtuais em atividades ilícitas e para fins de adoção de eventuais medidas no âmbito de sua competência legal, se for o caso.

Disponível em: <https://www.conteudojuridico.com.br/pdf/cj049399.pdf> Acesso em 29 janeiro 2018

TEXTO II

O estouro da bolha da internet ou qualquer outro episódio de “exuberância irracional” são fenômenos triviais diante da complexidade e das implicações potenciais do bitcoin. O sistema é uma ideia verdadeiramente revolucionária. Em outubro de 2008, um usuário de uma lista de discussão chamado Satoshi Nakamoto, cuja identidade real até hoje é desconhecida, compartilhou um paper em que ele (ou ela, ou eles) descreveu um “sistema de transações eletrônicas que não depende de confiança”. Experiências prévias com moedas virtuais já tinham fracassado, em grande parte porque se

baseavam numa autoridade central, como qualquer moeda que circula no mundo hoje.

Disponível em: <https://exame.abril.com.br/revista-exame/delirio-ou-revolucao/> Acesso em 29 janeiro 2018

Tema 27

As responsabilidades de cidadãos que decidem portar armas

Texto de apoio:

PORTE DE ARMA: MITOS E VERDADES SOBRE ESSA PRÁTICA

16 DE NOVEMBRO DE 2015

Você sabe diferenciar porte, posse e transporte de arma? Conhece o Projeto de Lei 3.722/12?

Quando o assunto é porte de arma de fogo ainda existem muitas polêmicas e dúvidas sobre o tema que divide opiniões no Brasil. Embora a posse de arma de fogo seja permitida (com muitas restrições), conhecer e diferenciar os conceitos de porte, posse e transporte de armas de fogo é fundamental para quem deseja realizar qualquer uma destas atividades.

Como a lei do país define o porte de arma

Com base na Lei 10.826/03, “posse” significa possuir ou manter sob sua guarda arma de fogo, no interior de sua residência ou dependência dela ou em seu local de trabalho, desde que seja o titular ou o responsável legal do estabelecimento ou empresa. A posse é permitida a todo brasileiro com mais de 25 anos, sem antecedentes criminais, que alegue necessidade (não é necessário provar) e capacidade psicológica e técnica para o manuseio.

O porte de armas de fogo é proibido no Brasil desde 2003, com a vigência do Estatuto do Desarmamento. No entanto a própria Lei estabeleceu 11 exceções que abrangem integrantes das Forças Armadas, guardas municipais (em algumas situações), agentes e guardas prisionais, entre outros. Em tese, portar alguma coisa significa trazê-la consigo. Quando se fala em arma de fogo, significa trazê-la consigo e pronta para o uso (alimentada, muniçada, carregada e coldreada ou nas próprias mãos). O termo “porte ilegal de arma” se aplica em qualquer situação que não a descrita acima. Assim, mesmo que alguém esteja transportando uma

arma totalmente desmontada, desmuniçada e no porta-malas do carro, poderá responder por porte ilegal de arma de fogo.

Já o transporte é definido pelo fato da arma estar pronta para o uso imediato. Assim, em tese, quem está levando uma arma desmuniçada não está portando, mas sim transportando uma arma de fogo. Existe ainda o conceito de “porte de trânsito”, que nada mais é que um documento exigido nos casos de mudança de domicílio ou em outra situação que implique no transporte da arma de fogo, como, por exemplo, no caso de transporte da arma para conserto junto a armeiro credenciado.

PL 3.722

O Projeto de Lei 3.722 de 2012 é o mais abrangente projeto de lei relacionado à liberação do direito a posse e porte de armas de fogo no Brasil. Para entender como o PL foi criado é preciso voltar um pouco no tempo. A primeira lei de controle de armas de fogo foi instituída em 1997, pelo então Presidente Fernando Henrique Cardoso. A lei de Nº 9437/97 criou o SINARM (Sistema Nacional de Armas), que é de responsabilidade da polícia Federal e tem como objetivo, entre outros, realizar o registro das armas de fogo e dos portes Federais de arma. As licenças de porte estaduais continuariam sendo de responsabilidade das secretarias de segurança pública dos estados. Neste momento as pessoas podiam ter e até mesmo portar armas de fogo se quisessem. Era exigido que o requerente provasse aptidão e não possuísse antecedentes criminais.

Em 2003, primeiro ano do mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi aprovada a lei Nº 10.826/2003, que é mais conhecida como o “Estatuto do desarmamento”. Basicamente, a lei instituiu que o porte de armas não seria mais concedido ao cidadão comum, sendo permitido apenas para algumas classes, como profissionais de segurança, políticos, juízes e forças armadas.

Em 19 de Abril de 2012, o Deputado Federal Rogério Peninha Mendonça (PMDB-SC) apresentou o PL que foi criado com o auxílio do Movimento Viva Brasil, e cujo principal objetivo é devolver aos cidadãos brasileiros o direito de ter e portar armas de fogo para defesa.

[Disponível em: <http://www.globalsegmg.com.br/porte-de-arma-mitos-e-verdades/>]

Tema 28

O aumento dos casos de DST's entre os jovens brasileiros

Texto de apoio:

As autoridades sanitárias perderam um grande aliado na prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs): o medo. Por não causarem pânico, a população mais jovem banalizou esses males e abriu mão de se proteger. O preservativo, item de primeira necessidade outrora, caiu em desuso. Os efeitos começam a aparecer. Em cinco anos, a Secretaria de Saúde registrou 29 mil novos casos de alguma DST. O alerta é para o perfil dos infectados: jovens entre 20 e 29 anos.

A perpetuação e o aumento dessas doenças preocupa especialistas. Entre 2010 e 2015 — levantamento mais recente da Secretaria de Saúde —, 3.010 novas infecções de Aids foram notificadas, 4.290 de sífilis, 6.550 de condiloma (verruga genital) e 3.063, de úlcera genital (leia Raio-X). Esses males estão cada vez mais inseridos na capital federal. Não há distinção de classe social, escolaridade ou raça, como evidenciam as estatísticas.

Continua depois da publicidade

Apesar de o registro de casos ser confiável, há um hiato que deve ser levado em consideração. Uma parcela de doentes sequer sabe que tem uma DST. “Esse aspecto faz com que a contaminação seja em progressão geométrica, ou seja, a pessoa infectada que não sabe de seu diagnóstico transmite o vírus ou a bactéria para outras, que também ficam no ostracismo”, conclui o coordenador do Polo de Prevenção das DSTs da Universidade de Brasília (UnB), Mário Ângelo Silva.

Ele chama a atenção para outro aspecto: o da confiança. “No começo dos relacionamentos, o uso do preservativo é natural. Mas, quando a relação está estabilizada há mais tempo, isso se perde. Com os jovens, é ainda mais arriscado por eles estarem numa fase de descobertas, nas quais

a vida sexual é mais ativa. Transmam mais e com um número maior de pessoas”, destaca o especialista.

Prudência

O comportamento da sociedade mudou, com isso, a linguagem das políticas públicas ficou defasada. É o que pensa o sociólogo Roberto Geraldo da Silva, presidente da Associação Esperança e Vida, organização que trata e abriga pacientes com Aids. “A questão envolve aspectos amorosos, sociais, religiosos e culturais. O uso do preservativo está baixo por isso. Hoje em dia, não adianta dizer: ‘Use camisinha’. E acreditar que todo mundo vai aderir”, lamenta.

Roberto explica que a saída é a informação. “É preciso trabalhar a educação sexual nas escolas com mais efetividade. Temos de falar da valorização da vida, dos resultados da camisinha, das doenças e mostrar o dano que elas causam. O uso de preservativo deve ser encarado como o do cinto de segurança e o consumo de água potável”, alerta.

Valéria Paes, consultora da Sociedade Brasileira de Infectologia, explica que a população mais jovem não vivenciou terrores do passado, como mortes por complicações da Aids, e, por isso, tem menos prudência. “Isso enfraquece o apelo pelo uso do preservativo. Os jovens estão se arriscando mais. Por isso, é necessária a modernização na abordagem”, avalia. Ela emenda: “Precisamos disseminar as informações. As pessoas não falam de DSTs como de outras doenças”.

[Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/10/09/interna_cidadesdf,632310/dsts-como-sifilis-e-aids-avancam-entre-os-jovens-brasilienses.shtml]

Tema 29

Grandes desastres e seus efeitos para a consciência coletiva de uma nação

Texto de apoio:

Quantificar um desastre com as proporções de Mariana é tarefa de alta complexidade. Os impactos ambientais ainda não são devidamente conhecidos, mesmo decorrido mais de um ano após o rompimento da barragem de Fundão.

Para melhor compreendermos a dimensão do problema, que não se limita às consequências imediatas, buscamos explicações na Ciência. Procuramos entender também a responsabilidade empresarial e governamental: bem como as várias tentativas de contenção do vazamento de rejeitos. Mostramos aqui a repercussão do desastre para além da imprensa nacional.

Impactos ambientais

Dia 5 de novembro de 2015. Brasil. Minas Gerais. Mariana. Bento Rodrigues. Barragem de Fundão. Samarco. Às 15h ocorre um tsunamíde lama. Cerca de 32 milhões de m³ rejeitos são lançados ao meio ambiente.

Ao impactar um total de 663,2 quilômetros de recursos hídricos de dois estados – Minas Gerais e Espírito Santo, passando por 40 municípios -, a lama foi deixando um rastro de destruição. Além da morte de 19 pessoas, centenas de hectares de matas nativas, toneladas de peixes e diversos outros organismos aquáticos deixaram de existir, modificando radicalmente os ecossistemas da região. A liberação dos rejeitos no meio ambiente causou danos imensuráveis para o país. Vidas, histórias, casas, fauna e flora foram destruídas.

Os impactos não cessaram

As feridas abertas pela onda de rejeitos de milhões de m³ e mais de 15 metros de altura ainda estão longe de serem fechadas. As vidas perdidas foram muitas, entre elas, Daniel, pai da Sandra;

animais de estimação e criação; plantações para subsistência; flora e fauna das margens dos rios Gualaxo do Norte, Carmo e Doce; áreas protegidas – como as dos índios Krenak, reservas biológicas – como a de Comboios; incontáveis espécimes aquáticas; perda da biodiversidade, fertilidade do solo e qualidade da água; contaminação do lençol freático, modificação da zona estuarina do litoral do Espírito Santo – como locais de desovas de tartarugas marinhas em risco de extinção. Há tanta destruição que com o tempo poderá haver alguma melhora, mas dificilmente, por onde a lama passou, será como era antigamente.

Como se não bastasse enfrentar uma catástrofe equivalente ao volume de 20 mil piscinas olímpicas de lama – devastando uma diversidade de ecossistemas, o desastre ainda continua em curso. A fonte de lama não secou e, embora sem a força, densidade e volume iniciais, permaneceu vazando.

Então, como falar em recuperação se o dano foi imensurável? Por que eventos como esse acontecem? E o que deveria ser feito para serem evitados?

[Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2018/09/12/o-desastre-ambiental>]

Tema 30

A automedicação no Brasil e seus possíveis prejuízos à saúde

A automedicação é prática comum a mais de 90% da população

Pesquisa exclusiva aponta que dor de cabeça é responsável por quase metade da medicação sem prescrição médica dos moradores do Sudeste.

Quem tem **dor**, tem pressa. E, nesta questão, a pressa dos brasileiros mostra-se ainda maior, já que o Brasil ocupa o posto de recordista em automedicação. De acordo com a Pesquisa “O comportamento da **Dor** do Paulista” realizado pelo Instituto de Pesquisa Hibou, a pedido da Medecell do Brasil em 2014, o brasileiro da região Sudeste se automedica de forma indiscriminada e sem medo das consequências. Apenas 8% dos entrevistados nunca se automedicaram em um episódio de **dor**.

A pesquisa revela que as **dores** que mais afetam os paulistanos são **dores de cabeça** (42%), **dor lombar** (41%), **dor cervical** (28%) e **dores nas pernas** (26%), responsáveis por grande parcela do consumo indiscriminado de analgésicos orais. De acordo com a definição da Anvisa, a automedicação ocorre quando há o uso de medicamentos por conta própria ou por indicação de pessoas não habilitadas para algum problema de saúde em geral não diagnosticado ou clinicamente identificado.

Será que esta atitude dos pacientes decorre da dificuldade de ter acesso a uma consulta médica, falta de conhecimento das perigosas consequências de ingerir uma droga sem prescrição ou apenas um hábito tão arraigado em nosso cotidiano que deixamos de refletir sobre isto? Segundo pesquisa do Instituto Hibou, realizado em 2014 com 1.216 moradores do estado de São Paulo, mesmo tendo consciência dos malefícios da ingestão excessiva ou inadequada, 45% da população acredita que automedicar-se só é prejudicial no caso de remédios identificados com tarja vermelha ou preta.

Para demonstrar a gravidade deste assunto, basta dizer que os medicamentos são o principal agente causador de intoxicação em seres humanos no Brasil desde 1994, que segundo dados do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (Sinitox), em 2012 registrou cerca de 8 mil mortes. Para 56% dos entrevistados, o uso de uma opção não medicamentosa segura para o **alívio da dor** seria a solução ideal, pois eles acreditam que o uso de medicamentos tem um efeito nocivo à saúde, impactando na qualidade de vida no futuro.

Dessa amostragem, 39% faz o uso de medicamentos orais para o **alívio da dor**, mas apenas em últimos casos, 24% utiliza medicamentos conforme o **tipo de dor**, 20% não toma medicamento de forma alguma e outros 17% prefere recorrer inicialmente a terapias alternativas e receitas caseiras antes de usar um analgésico.

De uma forma geral, os dados mostram que 74% da população paulista tem em mente que a automedicação é prejudicial à saúde e que evitar o consumo de medicamentos pode ser benéfico para a **boa saúde** no futuro. A longevidade com **qualidade de vida** é o grande desafio das populações dos grandes centros que são impactados diariamente com os fatores de stress, como o trânsito, a violência, poluição etc. Além dos efeitos nocivos, às vezes a longo prazo, a ingestão indiscriminada de analgésicos pode mascarar uma doença mais grave, ou até mesmo agravá-las.

[Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/especial-publicitario/medecell-do-brasil/desligue-a-dor/noticia/2016/08/automedicacao-e-pratica-comum-em-mais-de-90-da-populacao.html>]

Tema 31

Os efeitos do bullying para o processo educativo

Casos de bullying nas escolas cresce no Brasil, diz pesquisa do IBGE

Aparência física é um dos principais motivos de bullying.

Problema é considerado de saúde pública.

Casos de bullying nas escolas cresce no Brasil, diz pesquisa do IBGE

Aparência física é um dos principais motivos de bullying.

Problema é considerado de saúde pública.

Ana Carolina Raimundi - Rio de Janeiro

A aparência física é um dos principais motivos de bullying nas escolas, um problema considerado de saúde pública. O número de casos de jovens submetidos a situações de humilhação vem crescendo, de acordo com pesquisa do **IBGE** sobre a saúde do estudante brasileiro.

Para quem sofre, não é brincadeira, não tem graça e pode deixar marcas. “Ficarem chamando de gordo, magro, julgar a aparência. Eu senti que meu coração ia cair”, diz Maria Clara, de nove anos, vítima de bullying.

Karine Sales Braune é mãe de Maria Clara, que já teve problemas em três escolas. Eram sempre as mesmas ofensas gratuitas: “A reação dela é, às vezes, ficar quieta, se fechar”.

A menina é amorosa e tímida. Ficou mais tímida nos últimos tempos, mas prefere perdoar os colegas. “Ela tenta relevar as coisas que acontecem com ela. Claro que magoa. Ela não quer tocar no assunto, pra ela, passou a dor, morreu o assunto. Ela abstrai, perdoa e não quer nem falar do assunto”, relata a mãe.

A mãe pede para ela contar tudo sempre e conta com a ajuda da escola: “As outras duas escolas mal abordaram o tema. Nessa escola que a Maria está, eles resolveram prontamente a questão e eu acho que tem que ser assim”.

Mesmo que muitos pais não saibam, esse sentimento é muito comum entre as crianças e adolescentes. Quase a metade dos alunos entrevistados na pesquisa (46,6%) diz que já sofreu algum tipo de bullying e se sentiu humilhado por colegas da escola. A maioria (39,2%) afirmou que se sentiu humilhado às vezes ou raramente e 7,4% disseram que essa humilhação acontece com frequência e entre os principais motivos está a aparência.

Comparando a pesquisa anterior, feita em 2012, o número de casos de alunos que relataram já ter se sentido assim no colégio aumentou. Em 2015, eram 46,6% dos alunos. Em 2012, eram 35,3%.

Uma escola no Rio de Janeiro tem um programa de combate ao bullying. São debates, aulas de arte que começa com os alunos entendendo o que essa palavra realmente significa. Eles estudaram inclusive a lei do bullying, que diz que o responsável pode até ser processado se o caso for comprovado.

Pela pesquisa, dois em cada 10 estudantes já praticaram bullying e as agressões partem mais dos meninos. Gabriel de Castro, de 14 anos, já sofreu e já praticou bullying, mas com entendimento, as coisas mudaram: “Fui aprendendo que essas brincadeiras que eu fazia não eram legais e isso magoava as pessoas”.

[Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2016/08/casos-de-bullying-nas-escolas-cresce-no-brasil-diz-pesquisa-do-ibge.html>]

Tema 32

A persistência da violência contra o cidadão LGBT

Não bastassem as rebeliões nos presídios e as cabeças de presos cortadas, o noticiário sobre o Brasil que correu o mundo no início deste ano de 2017 teve outra imagem macabra – o assassinato brutal da travesti Dandara dos Santos, de 42 anos.

A lenta morte de Dandara, os pontapés cheio de ódio e a humilhação foram registradas com um aparelho celular pelos jovens agressores. No vídeo, podem-se ouvir risadas, satisfação em espancar Dandara, em um bairro da periferia de Fortaleza.

Não consta que Dandara devesse qualquer coisa a seus assassinos, nem que lhes tivesse feito mal. Sua morte foi gratuita, motivada apenas pelo ódio, como acontece a centenas de LGBTs todos os anos no Brasil, em especial travestis e transexuais.

O Brasil é um dos países recordistas em violência de gênero. Relatório da Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Interssexuais (ILGA) diz que apenas em 2016 o país teve 343 homicídios de LGBTs. É quase um morto por dia. As mais vulneráveis são justamente as transexuais.

Ainda que tenhamos avanços como o reconhecimento do nome social em diversas esferas da administração pública, ou o casamento igualitário, é preciso mudar a cultura da intolerância e da violência contra os LGBTs. E isso se faz sobretudo na escola. Mas não no Brasil, onde deputados e vereadores vetaram em grande parte do País esse debate nos currículos escolares.

Se os avanços eram lentos nos governos petistas, aliados das lutas LGBTs, no atual governo em exercício, respaldado pelos setores mais retrógrados do País, a agenda é barrar retrocessos. Lembremos que o segundo colocado nas pesquisas para

a Presidência, Jair Bolsonaro, já disse que ser “gay é falta de porrada”. Outro presidenciável, o tuca-no João Doria, é entusiasta do projeto Escola Sem Partido.

Para essa turma, falar de respeito e igualdade de gênero na escola é doutrinação comunista. À medida que conquistamos alguns direitos, a reação conservadora se organizou de forma a transformar os LGBTs em bode expiatório para todos os males. Isso é visível no Congresso, onde deputados religiosos berram contra direitos igualitários criando uma cortina de fumaça para tocar livremente suas negociatas com os setores mais espúrios da política.

Os assassinos de Dandara não teriam a ousadia de matá-la se não estivessem certos de que seu ato teria a complacência e os sorrisos sádicos de muita gente. E é o discurso dos Bolsonaros e Malafaias que respaldam barbaridades contra os LGBTs.

Não consta que Dandara tenha sido ativista. Era apenas uma menina negra e pobre da periferia do Nordeste, que não se via no corpo em que nasceu, e que ousou viver de acordo com seus sentimentos e sua vontade. Para seus assassinos, o pecado de Dandara foi ser ela mesma.

Não se sabe ainda o que levou Dandara a escolher seu nome. Por uma coincidência, ela deu a si o nome de um mito da resistência e contra a opressão – Dandara, mulher de Zumbi dos Palmares. Segundo a lenda, a primeira morreu como heroína se jogando de um penhasco quando as tropas portuguesas capturam Zumbi e o seu quilombo, no fim dos anos 1600.

[Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/no-dia-do-combate-a-lgbtphobia-lembramos-de-dandara>]

Tema 33

A crise política e a convivência: como contornar divergências políticas nas relações sociais?

Texto I

Em época de eleição, não é só no horário político e nos debates da TV que as divergências políticas ficam mais expostas. Na internet, as redes sociais acabam se tornando espaços antissociais, onde amigos se exaltam, se ofendem e, por fim se bloqueiam.

Que o diga a diretora de mídia mobile, Dede Sedyk, 46, que volta e meia recebe avisos de que será bloqueada.

“Uma vez foi por causa dos protestos do ano passado. uma colega de escola que eu não via havia anos me mandou uma mensagem explicando por que ia me bloquear. Aliás, isso é típico, sempre sou avisada, deve ser um padrão. Recentemente eu declarei meu voto. Fui avisada por um conhecido que odeia o PT que vai me adicionar de novo no futuro porque adora meus posts. Não deu tempo de explicar que ele podia apenas me seguir, nem que eu mudei meu voto uns dias depois. O povo adora meus posts fúteis, mas se incomoda com os engajados.

Disponível em: <<http://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/09/21/discussoes-politicas-acabam-com-amizades-nas-redes-sociais.htm>> Acesso em 12 abri. 2016

Texto II

Polêmica das boas na internet envolve um dos principais canais do YouTube no Brasil, o Porta dos Fundos,

Desde que foi ao ar, o Porta dos Fundos tem sofrido ataques na internet – alguns vídeos foram postados na mesma plataforma, o YouTube, criticando a verve assumidamente esquerdista de Duvivier e pedindo para as pessoas deixem de ver os vídeos do Porta. Um dos criadores do Porta dos

Fundos, Antonio Tabet – artista que critica abertamente o governo Dilma Rousseff – se pronunciou hoje em seu perfil do Facebook.

O que mais me entristece nessa história é que vídeos como os dois “Reunião de Emergência” provam que não somos uma empresa com um pensamento singular. Diferente de quem acha coerente promover boicote cultural. Quer evitar coxinhas? Não saia do seu quarto. Quer evitar petralhas? Idem. Há pessoas dos dois lados aqui na Porta, na Globo, na Band, na sua novela favorita, no supermercado que você faz compras, no salão de beleza, na igreja que frequenta, na mesa do bar, no time pelo qual você torce e, se duvidar, até no quarto do lado.(...)Esse revanchismo bobo só fomenta o ódio.

Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/blogs/pop/2016/04/03/antonio-tabet-se-posiciona-sobre-boicote-ao-porta-dos-fundos-pelo-video-delacao/>> Acesso em 12 abr.2016

Tema 34

Os impactos e causas da obsolescência programada de produtos

Texto I

Desde a Revolução Industrial, a relação entre consumo, indivíduo e sociedade tem sido uma das principais discussões dentro das Ciências Humanas, que buscam, desde então, entender e explicar como o novo modo de produção transforma e afeta a sociedade moderna. Com a produção em massa, surgia também a necessidade da indústria de conhecer melhor o perfil dos seus consumidores e, principalmente, de criar novas maneiras para incentivá-los a comprar cada vez mais. Foi na década de 1920 que a indústria de lâmpadas decidiu então aplicar o conceito de “obsolescência programada” na linha de produção, o que reduz a vida útil dos produtos para que o consumidor tenha de trocá-lo com mais frequência.

Disponível em: <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/mag/20786930.html> Acesso em 14 agosto 2017

TEXTO II

A Lei 12.305, de 2 de agosto de 2010, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos, criada com base no citado artigo 225 da Constituição Federal, também prevê princípios e objetivos básicos que tentam assegurar a proteção ao meio ambiente, inclusive reforçando em seus artigos 30 a 33 a responsabilidade compartilhada entre Poder Público, fornecedores de produtos e consumidores, sobre o ciclo de vida dos produtos, suas embalagens e a forma correta do descarte de pilhas, pneus, óleos, lâmpadas, produtos eletrônicos e demais componentes, a fim de evitar não só a Obsolescência Programada, mas também o manejo correto de todo o lixo e sua devida reciclagem.

Aliado ao aspecto ambiental, também encontramos amparo no Código de Defesa do Consumidor, que prevê, como um direito básico dos consumidores, o direito à educação e divulgação sobre o consumo adequado dos produtos e serviços (art. 6º, II, CDC), bem como o direito a informação adequada e clara (art. 6º, III, CDC), a fim de garantir que os consumidores tenham plena ciência de todas as características do produto, inclusive sobre sua durabilidade e maneira correta de descarte, de forma a garantir a plena liberdade de escolha dos consumidores no ato da aquisição de tais produtos, equilibrando, ao final, a relação de consumo.

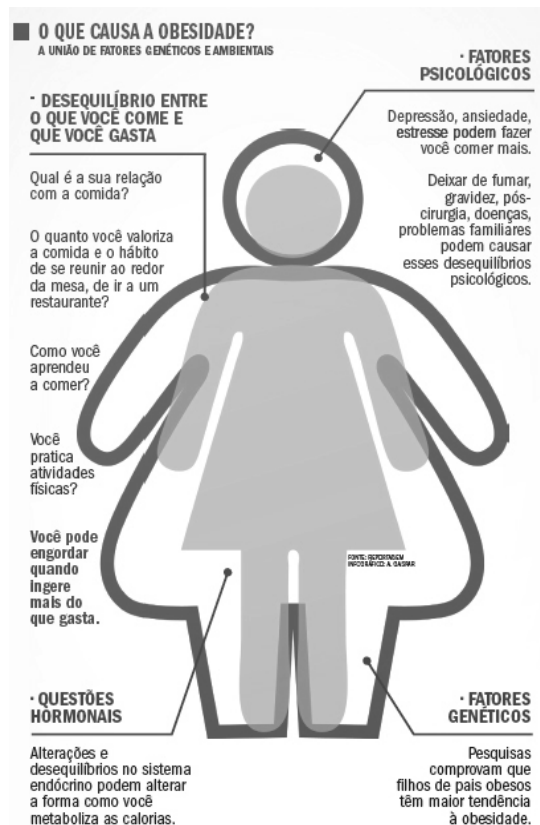
No entanto, caso o consumidor não seja amplamente informado de todas as características do produto e seja, de alguma forma, prejudicado pela prática abusiva da Obsolescência Programada, poderá ele se valer do do Poder Judiciário, a fim de ver reparada sua insatisfação.

Disponível em: <https://www.idec.org.br/em-acao/artigo/um-mal-a-ser-combatido-a-obsoloscencia-programada>

Tema 35

Os efeitos da obesidade na saúde pública

Texto I



[Disponível em: <https://www.acidadeon.com/ribeiroapreto/cotidiano/NOT,2,2,980429,Cuidar+da+obesidade+e+trabalho+de+equipe.aspx>]

Texto II

O ministro da Saúde, Ricardo Barros, apresentou nesta terça-feira (14) três novos compromissos do governo para diminuir a obesidade no Brasil. As metas da pasta fazem parte dos eventos da Década das Ações das Nações Unidas para a nutrição, que visa o acesso universal a dietas mais saudáveis e sustentáveis para os países da América Latina e do Caribe.

As metas do governo são:

- Deter o crescimento da obesidade na população adulta até 2019;

- Reduzir em 30% o consumo de refrigerantes e sucos artificiais;
- Aumentar em 17,8% o consumo de frutas e hortaliças.

Barros afirmou que vai discutir com o ministro da Educação, Mendonça Filho, uma forma de o Ministério da Saúde oferecer aos alunos de escolas públicas campanhas para estimular o consumo de alimentação saudável.

“Isso vai permitir que as crianças sejam orientadas nesta questão da alimentação, no exercício físico, e também sejam qualificadas a manusear os alimentos”, disse o ministro.

De acordo com o governo, os números de obesidade no país ultrapassam a marca de pessoas com fome. “Nosso desafio agora é inverso: é preciso ensinar a população a descascar mais e desembalar mais”.

O evento Década das Ações das Nações Unidas para a Nutrição foi lançado no ano passado pela Organização das Nações Unidas (ONU). No encontro desta quinta, representantes do órgão alertaram sobre a transição alimentar que os países da América Latina passam. Segundo uma pesquisa divulgado em 2016 que 58% da população da América Latina está com sobrepeso e 23% está obesa.

Disponível em: <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/ministerio-da-saude-determina-metas-para-diminuir-obesidade-no-brasil.ghtml>

Tema 36

O planejamento urbano como uma forma de redução da violência

Texto de Apoio: trecho de dissertação de mestrado

ESPAÇO PÚBLICO E SEGURANÇA PÚBLICA:DUAS ABORDAGENS TEÓRICAS DE PREVENÇÃO DO CRIME E DAVIOLÊNCIA

RAFAEL DA SILVA VERISSIMO

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo(PROURB), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Urbanismo .Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 2012.

4.3 PREVENÇÃO DO CRIME ATRAVÉS DO DESENHO URBANO (CPTED)

O conceito de Prevenção Criminal através do Desenho Urbano (Crime Prevention Through Environmental Design – CPTED) foi cunhado pelo criminologista C. Ray Jeffrey também no início dos anos 70. De acordo com Robert H. Schneider & Ted Kitchen, Jeffrey estabeleceu um modelo de prevenção ao crime baseado nos preceitos de Jeremy Bentham. Visto que os ambientes físicos forneciam agradáveis ou dolorosas retroinformações aos indivíduos devido à mudança de comportamento por maximizar ou minimizar suas experiências em relação ao ambiente, isto acabou por gerar elementos para o estabelecimento de uma teoria preventiva do crime. Segundo observações de Schneider & Kitchen, cada indivíduo se posiciona ou reage de uma forma absolutamente distinta em decorrência das experiências vivenciadas. Sendo assim, hipóteses de caráter generalista acerca das reações humanas não são necessariamente validadas, uma vez que ambiências similares podem gerar efeitos distintos nos indivíduos. Então, Jeffrey definiu os seguintes princípios da teoria do CPTED:

A) VIGILÂNCIA NATURAL

É a capacidade de limitar a oportunidade criminal intensificando a percepção ambiental dos moradores. Tal capacidade pode ser obtida através:

- Posicionamento correto de portas, janelas e vãos;
- Criação de espaços que possibilitem monitoramento, especialmente em nos pontos de acesso e potenciais pontos invasão;
- Vedações como muros e cercas com visualidade limitada e apropriada à edificação;
- Posicionamento correto de postes, luminárias e outros aparatos securitários que possibilitem o monitoramento noturno, principalmente em áreas consideradas problemáticas como, por exemplo, telefones públicos, pontos de ônibus, pátios, etc.

B) CONTROLE DE ACESSO

É a capacidade de mitigar a oportunidade criminal através da restrição e configuração dos níveis de acesso e demarcação clara das hierarquias espaciais constituinte. Os mecanismos mais comuns são:

- Clareza na identificação dos pontos de acesso;
- Redução do número de acessos e com isso redução da permeabilidade espacial;
- Utilização de vegetação densa e/ou espinhosa próxima às janelas;
- Instalação de câmeras de segurança e circuito interno de televisão;
- Posicionamento adequado de varandas, balcões e sacadas;
- Supressão de elementos circundantes que facilitem o acesso às edificações;
- Cercas e muros baixos delimitando as entradas principais e corroborando com a prática da vigilância natural.

C) REFORÇO TERRITORIAL

É a capacidade de intensificar o controle social através da definição hierárquica dos espaços constituintes e estímulo ao cuidado das áreas comuns. Dentre os artifícios mais recorrentes, pode-se destacar:

- Adoção de barreiras simbólicas através da personalização do espaço privado;

- Evidenciação das barreiras físicas na delimitação entre os espaços públicos, transicionais e privados;
- Instalação de dispositivos de segurança e aparatos de proteção;
- Utilização de materiais de diferentes procedências nos pisos para identificação visual dos níveis de hierarquia espacial;
- Utilização de desníveis na composição da hierarquia espacial;
- Acentuação dos pontos de acesso através de elementos arquitetônicos, iluminação ou paisagismo;

[Disponível em: https://www.academia.edu/8773062/ESPA%C3%87O_P%C3%9ABLICO_E_SEGURAN%C3%87A_P%C3%9ABLICA_DUAS_ABORDAGENS_TE%C3%93RICAS_DE_PREVEN%C3%87%C3%83O_DO_CRIME_E_DA_VIOL%C3%8ANCIA]

Tema 37

A precarização do patrimônio histórico brasileiro e suas implicações

Cultura de preservação do patrimônio histórico brasileiro precisa ser incentivada - 21/07/2017

Patrimônio histórico é todo lugar que carrega importância social, cultural, econômica e científica. No Brasil, dois bons exemplos são o Centro Histórico de Salvador (BA) e o Parque Nacional Serra da Capivara (PI). Porém, nem todo brasileiro consegue atribuir essa importância a tais localidades.

“A grande dificuldade que nossas cidades têm de manter um patrimônio histórico é que não temos uma cultura de preservação”, conta Cyro Laurenza, presidente do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp).

Para reverter esse cenário, o Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, que reúne 23 órgãos reguladores, vem apostando em alternativas de conscientização. E uma das formas encontradas foi debater o assunto com entusiastas, como ocorreu no evento realizado no dia 28 de junho no Insuper.

O debate Patrimônio em Debate: Políticas Públicas de Preservação teve como objetivo identificar modelos de ação que podem realmente impactar a cidade.

Panorama brasileiro do patrimônio histórico

“O Brasil é um dos países mais urbanizados do mundo. Em 1964, 50% do território já tinha sido tomado. Hoje, a nação está à frente dos Estados Unidos. Isso faz com que o país sofra com alguns problemas, já que abriga muitas pessoas em pequenas áreas. Um deles é o tráfego intenso. O outro, a moradia”, diz Edward Glaeser, professor de economia na Universidade Harvard.

Com a demanda crescente por espaço urbano, os patrimônios históricos entram em cheque: até que ponto é relevante mantê-los intocáveis? Ao preservar uma área, o metro quadrado se torna caro e expulsa pessoas da região.

Na contramão, ao optar pelo tombamento, o local é desvalorizado. “Em São Paulo, os bairros Barra Funda, Centro, Campos Elíseos e Luz estão tombados e esfarelando”, comenta Raul Juste Lores, repórter especial da Folha de S.Paulo.

Para Lores, os órgãos deveriam se preocupar mais com a preservação no longo prazo. “Após tombamento, é necessário pensar em qual será seu propósito. O Brasil é um país que costuma restaurar o mesmo bem cerca de três vezes sem nunca ter ideia de como irá usá-lo”, afirma.

Tombado X preservado

No Estado do Rio de Janeiro, entretanto, algumas ações estão mudando esse rumo e focando em melhorias no futuro. Uma delas é o Centro Carioca de Design (CCD), que funciona na Casa de Bidu Sayão, na Praça Tiradentes. Sua localização no centro histórico da cidade integra a proposta de dinamizar o patrimônio por meio de iniciativas que estimulem o pensamento urbano por meio do design.

Vale lembrar que a proposta só pôde entrar em vigor porque o local é preservado, e não tombado. “A diferença é que, quando um patrimônio é preservado, ele mantém sua fachada e o aspecto urbano, mas seu interior pode ser transformado de uma maneira mais contundente”, explica

Washington Fajardo, ex-presidente do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH).

Fajardo, inclusive, defende que os patrimônios deveriam ser todos preservados. Assim, as modificações não precisariam passar pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural. “Ao pular essa etapa, aceleramos o licenciamento e criamos uma equipe técnica que sabe resolver os ‘pepinos’ de cada imóvel”, revela.

O problema é que não existe uma regulação sobre a preservação de um patrimônio. “Nos reunimos no Condephaat para discutir critérios de tombamento. Em três encontros, acumulamos muitos papéis e regras. Quando fomos procurar os critérios de preservação, entretanto, não encontramos nada”, afirma Carlos Faggin, presidente do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat).

Possíveis soluções

De acordo com Juliana Prata, arquiteta e urbanista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o ideal seria que existisse no Brasil uma política de tombamento mais criteriosa e uma regulação para a preservação. E ambas deveriam ter a participação da sociedade. “O que não dá é para ficar essa caixa preta entre os órgãos”, diz.

Por falar em sociedade, Fajardo lembra que é necessário fazer com que os brasileiros entendam a importância dos patrimônios. “Nossa tradição é vê-los como sinônimo de algo ruim, por causa de termos um passado escravocrata, injusto e desigual. Entretanto, a memória é uma base fundamental para termos confiança na cidade. O que precisamos é reconquistar essa confiança”, comenta o ex-presidente do IRPH.

[Disponível em: <https://www.insper.edu.br/conhecimento/politicas-publicas/patrimonio-historico-brasileiro/>]

Tema 38

A interdisciplinaridade como uma forma de tornar a educação mais efetiva

Interdisciplinaridade: um avanço na educação

Em grandes grupos, em dupla ou até mesmo sozinho é possível integrar diferentes matérias e levar os alunos a compreender plenamente os conteúdos curriculares

Meire Cavalcante

07 de Março de 2018

Há três anos, um apagão obrigou a população a racionalizar energia e o Brasil a buscar alternativas. A crise, mostrada à exaustão nos noticiários, passou a ser o centro das discussões nas salas de aula. Seis professoras do Colégio Santa Maria, de São Paulo, foram além e se reuniram em torno de um projeto interdisciplinar. Desde então, os alunos estudam fontes alternativas de energia, produzem aquecedores solares e ensinam a população a utilizá-los. O sucesso do projeto se explica principalmente porque os conteúdos de Ciências, Matemática, Geografia, Língua Portuguesa, História e Ensino Religioso foram colocados a serviço da resolução de um problema real, de forma integrada.

Um ambiente de aprendizagem como o que se formou no Santa Maria também pode nascer em sua escola. Essa abordagem interdisciplinar só acontece quando os conteúdos das disciplinas se relacionam para a ampla compreensão de um tema estudado. “A relação entre as matérias é a base de tudo”, afirma Luís Carlos de Menezes, professor da Universidade de São Paulo. Muita gente acha, porém, que basta falar sobre o mesmo assunto para trabalhar de forma interdisciplinar. “Isso é apenas multidisciplinaridade”, esclarece o consultor em educação Ruy Berger, de Brasília (ver quadro). Ao utilizar os conhecimentos de outras áreas que não são de seu domínio, você pode encontrar dificuldades. Mas aprender com os colegas é uma das grandes vantagens dessa prática, que estimula a pesquisa, a curiosidade e

a vontade de ir aos detalhes para entender que o mundo não é disciplinar.

A realidade é um banco de idéias

O caminho mais seguro para fazer a relação entre as disciplinas é se basear em uma situação real. Os transportes ou as condições sanitárias do bairro, por exemplo, são temas que rendem desdobramentos em várias áreas. Isso não significa carga de trabalho além da prevista no currículo. A abordagem interdisciplinar permite que conteúdos que você daria de forma convencional, seguindo o livro didático, sejam ensinados e aplicados na prática? o que dá sentido ao estudo. Para que a dinâmica dê certo, planejamento e sistematização são fundamentais. Ainda mais se muitos professores vão participar. É preciso tempo para reuniões, em que se decide quando os conteúdos previstos serão dados para que uma disciplina auxilie a outra. Por exemplo: você leciona Ciências e vai falar sobre consumo de energia. Para realizar algumas atividades, é imprescindível as crianças conheçam porcentagem, que será ensinada pelo professor de Matemática. Quando as disciplinas são usadas para a compreensão dos detalhes, os alunos percebem sua natureza e utilidade.

Projetos interdisciplinares também pedem temas bem delimitados. Em vez de estudar a poluição, é preferível focar o rio que corta o bairro e recebe esgoto. A questão possibilita focar aspectos históricos, analisar a água e descobrir a verba municipal destinada ao saneamento. Quantas disciplinas podem ser exploradas? É possível que um caso assim seja trazido pela garotada. Convém não desperdiçar a oportunidade mesmo que você não se sinta à vontade para tratar do assunto. Não precisa se envergonhar por não saber muito sobre o tema. Mostre à classe como é interessante buscar o conhecimento. “A formação continuada do professor não se resume a realizar um curso atrás do outro, mas também ler diariamente sobre assuntos gerais”, complementa Berger. Dessa maneira, ele aprende a aproveitar motes que sur-

gem em sala e que tendem a ser produtivos se abordados de forma ampla.

No livro *Globalização e Interdisciplinaridade*, o educador espanhol Jurjo Torres Santomé, da Universidade de La Coruña, afirma que a interdisciplinaridade dá significado ao conteúdo escolar. Ela rompe a divisão hermética das disciplinas. Se a sua escola não trabalha dessa maneira, experimente lançar a discussão em reuniões. Outra opção é deixar seu planejamento à disposição para que os colegas saibam que matéria você dará e em que momento. Assim, os interessados podem se organizar para agir em conjunto. A coordenação tem um papel mediador, sugerindo parcerias e provocando o diálogo. Esse tipo de trabalho pode até ser feito por apenas um professor. Mas, nesse caso, a equipe estaria perdendo uma ótima oportunidade de obter resultados mais significativos.

Nesta reportagem, apresentamos três exemplos de projetos interdisciplinares. Além da experiência em grupo do Colégio Santa Maria, de São Paulo, você vai conhecer uma dupla de Goiânia que só tinha a hora do cafezinho para planejar um projeto conjunto e uma professora de Ribeirão Pires (SP) que, sozinha, recorreu aos conteúdos de outra disciplina para aumentar o interesse pelas aulas.

Um grupo de mãos dadas para ensinar

Quando o apagão de 2001 forçou milhões de brasileiros a reduzir o consumo de energia elétrica, a professora de Ciências Maria Lúcia Sanches Callegari, do Colégio Santa Maria, em São Paulo, fez uma proposta às 5^{as} séries: construir um aquecedor solar (veja modelo didático). Logo a idéia despertou o interesse de outras cinco professoras. Todas se envolveram e, utilizando o horário reservado para o trabalho coletivo, montaram um projeto conjunto, que vem se repetindo anualmente. Para conciliar tantas disciplinas, o planejamento é feito logo no início das aulas. Dessa forma, os professores abordam conteúdos de seu currículo de acordo com as etapas da construção e da instalação do aquecedor.

A professora de Geografia trabalhou o clima brasileiro e conceitos de orientação utilizando a bússola, para que todos localizassem o norte, direção para onde a placa do aquecedor deveria estar voltada ao ser instalada sobre as casas. A de Matemática pediu uma pesquisa sobre o consumo de energia dos eletrodomésticos e explorou conceitos de proporção ao calcular com a garotada o tamanho das placas solares de acordo com o volume das caixas d'água.

Em História, foram resgatados os motivos econômicos que causaram a degradação do meio ambiente brasileiro. Nas aulas de Ciências, os estudantes pesquisaram as fontes de energia no país e quais alternativas apresentam menos impacto ambiental. Com a professora de Língua Portuguesa, eles bolaram questionários para entrevistar as famílias que receberiam o equipamento. O objetivo das aulas de Ensino Religioso foi orientar os estudantes no contato com a comunidade, para que eles compreendessem as razões das diferenças entre a realidade deles e a dos moradores de bairros carentes. “A idéia de doar os aparelhos para a população foi das próprias crianças”, lembra a orientadora da 5^a série Ivani Anauate Ghattas.

As avaliações também são formuladas de maneira interdisciplinar. Em História, por exemplo, os estudantes são desafiados a discorrer sobre o extrativismo predatório ocorrido no Brasil Colônia. Além disso, o objetivo é levá-los a associar os prejuízos ao meio ambiente que hoje ameaçam a qualidade de vida, conteúdos que, na teoria, fariam parte do programa de Ciências. Além de confirmarem que a fórmula tem sido vitoriosa no que se refere à aprendizagem da turma, as seis professoras contabilizam ganhos pessoais. “Temos aprendido sempre para colocar nosso conhecimento a serviço dos estudantes”, afirma Maria Lúcia.

[Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/249/interdisciplinaridade-um-avanco-na-educacao?gclid=Cj0KCQjA14TjBRD_ARIsAOCmO9ZGoiMU86zZ9A6wsiJfo0WRPAIGNrGc1hgMYxMfLBBjKCEj5-u9ycaAjw7EALw_wcB]

2		Missão
4		1. Princípios básicos do texto argumentativo
4		1.1 A estrutura lógica gera a estrutura textual
5		2. A redação na UFRGS
5		2.1 Avaliação analítica
6		2.2 Avaliação holística
8		2.3 Estrutura textual sugerida para a redação UFRGS
9		3. A redação no ENEM
9		3.1 As 5 competências
10		3.2 Estrutura textual sugerida para a redação ENEM
11		4. Temas inéditos estilo UFRGS
59		5. Temas inéditos estilo ENEM

